# O Romanceiro Portuguez.

# O ROMANCEIRO PORTUGUEZ,

OU

COLLECÇÃO

DOS

## ROMANCES

DE

HISTORIA PORTUGUEZA,

COMPOSTOS

POR

*IGNACIO PIZARRO DE M. SARMENTO*

*Fidalgo Cavalleiro da Caza de S. M. F., Commendador de Santa Marinha de Lisboa, da Ordem de Christo, Morgado de Bóbeda. etc. etc. etc.*

PARTE SEGUNDA.

Porto.

-1845-

Typographia Commercial.

# PROLOGO.

O bom acolhimento que, de nacionaes, e estranhos, obtêve o ROMANCEIRO PORTUGUEZ, me anima a publicar a segunda parte delle.

Sendo o meu fim unico — fazer popular a nossa historia — continúo a carreira começada de *trovador*, recordando os nomes daquelles que a illustráram com seus feitos: bem sei que, como diz Camoens,

„........ *de feitos tais por mais que eu diga,*
„ *Mais me ha de ficar inda por dizer*"

com tudo, se não posso erguêr-lhes padroens de eterna gloria, desfolharei flores sobre as campas desses, que um ingrato esquecimento mal recompensou em vida, e morte.

Por bem pago me darei se esta segunda parte do Romanceiro Portuguez obtiver tanto favor, como a primeira collecção de meus romances de historia portugueza: mas, qual-

quer que seja o resultado, satisfaço dividas sagradas; dedicando á gloria de minha patria os minguados fructos de minhas vigilias, pago, como posso, o que lhe devo; fazendo reviver os nomes illustres de seus heróes, pago por ella, o que lhes deve; e se não tudo, todo o meu cabedal emprégo para desonera-la; ficando-me o pezar de ser tão pobre, para solver tão grande divida: por ultimo, publicando esta segunda parte do Romanceiro, pago a nacionaes, e a estranhos o tributo de minha gratidão, pelo favor com que acolhêram a primeira parte delle.

Não quero gloria para mim, quero-a para a minha terra tão querida; da qual digo, como o rey de nossos trovadores;

,, *Esta he a ditosa patria minha amada;*
,, *A' qual se o Céo me dá, que sem perigo*
,, *Torne, com esta empreza já acabada,*
,, *Acabe-se esta luz alli comigo."*

Bóbeda 1 de Janeiro de 1844.

*J. P. do Moraes Sarmento.*

# Gaésto Ansor.

DEDICADO

Á Ill.ma e Ex.ma Snr.a

*Marqueza da Bemposta*
*Sub-serra.*

Estampa 1ª

J.A. Corrêa. Lith. Porto-1845=

## GAÉSTO ANSOR.

*,, Estão d'Agar os netos quasi rindo*
*,, Do poder dos christaons, fraco, e pequeno."*

CAM. LUS.

# CANTO I.

Tudo sam festas, folgares,
Nos paços do nobre Ansor;
Invençoens mil singulares
Se prepáram com primor;
Ardem brandoens nos altares;
Vai coroar o seu amor.

Junto ao Vouga o seu castello,
Nas campinas d'Alafoens,
É da comarca o mais bello,
Como elle é dos infançoens:
Assente sobre um covêlo,
Ostenta os seus torreoens.

Nas altas torres, bandeiras,
Com mil divisas bordadas,
Ondeam, por mil maneiras,
Pelos ventos agitadas:
Nas ameias, nas setteiras
'Stam grinaldas penduradas.

Acompanham atambores
Aos anafis sonorósos;
E ternas cançoens d'amores,
Cantares melodiósos,
Os echos dos arredores
Repetiam mui saudósos.

Baixa a ponte, dava entrada
Livre, a todo o caminheiro;
Tem no castello pouzada
O peão, o cavalleiro;
Meza, e cama regalada
Tem qualquer aventureiro.

O nobre Ansor ordenára
Seu castello ter patente;
Carteis cortêzes mandára
Da comarca a toda a gente:
Nem dos pobres se olvidára,
Que a ninguem triste consente.

Ao romper d'alva partira
Gaésto Ansor do castello;
Foi buscar a dona Elvira,
Das perfeiçoens o modelo;
Aquella por quem suspira
Mais nobre gódo, o mais bello.

Por mil modos variados
Horas d'esperar entreteem,
Curiosos, convidados,
Em quanto os noivos não veem;
Atalaias apostados
Nas altas torres já teem.

Os guerreiros á porfia
Dansam, despindo os arnezes;
Ou disputam qual teria
Vencido mouros mais vezes;
Mas nenhum delles cedia,
Que eram todos portuguezes.

Uma nuvem de poeira
Ao longe se discrimina,
Formando sobre a ribeira
Dobrada, espessa cortina,
Que mui veloz, caminheira,
Corria pela campina.

D'alta torre uma vigia
Diz gritando "Ei-los que sam!"
Todos partem á porfia,
Além da ponte já sam:
A qual primeiro os veria,
A correr agora vam.

Não permitte a nuvem densa
Distinguir a cavalgada,
A vozeria é immensa,
Aos relinxos misturada;
Cada qual só o que pensa
É ver a noiva chegada.

„ Allah! Allah!„ rijo sôa
D'entre a nuvem já desfeita;
A esse Allah! maldiçôa
Gente aos mouros mal afeita;
Gritos de guerra pregôa;
Guerra a mouros nunca engeita.

Unidos logo formáram
Um só corpo, os do castello;
Arcos, séttas preparáram;
Fôra arrojo acommettê-lo:
Guerreiros mouros paráram
Sem ousar arremettê-lo.

Soldados mouros, e gódos
Mediam curta distancia,
Sendo quasi igual em todos
Do combate as furias, ancia;
Aggravos por muitos modos
Todos teem desde a infancia.

Mais de cem os sarracenos,
Todos de gente escolhida;
Os christaons eram bem menos;
Desigual fôra a partida:
Mas o christão mais somenos
Nunca a déra por vencida.

D'entre os mouros se avançára
O seu guia, e capitão;
Com ar nobre saudára
Pequeno troço christão;
Seu alfange embainhára,
Tirára o guante da mão:

Era o seu porte mui nobre;
Alvo o rosto, a tez corada
Contrasta co' a côr de cobre
Da maura gente queimada:
No seu olhar se descobre
Altivez mal disfarçada.

Ismaél se chama agora,
Fôra christão, renegára;
A sua alma vil, traidora,
Patria, e Deus abandonára:
Para Cordova se fôra,
E o favor do rey ganhára.

Disfarçando o que no peito
Tinha ha muito concertado,
Fálla assim por este geito,
Com tom de voz mui pausado;
A fingir de ha muito afeito,
Suas tençoens tem logrado.

„ Allah! Allah! Deus é um!
„ Infinito o seu poder!
„ E não é dado a nenhum,
„ Sem sua ajuda, vencer!
„ Allah! Allah! Deus é um!
„ Infinito o seu poder!

,, Do califa cordovez
,, Sou alcaide, e capitão;
,, Os contractos que elle fez
,, Sam de paz, boa união;
,, Ao d'Asturias muita vez
,, Deu soccorro, como irmão.

,, É de paz o meu recado,
,, Tributos venho cobrar;
,, De vosso rey o mandado
,, Não queirais vós quebrantar.
,, Já do caminho enfadado
,, Aqui vinha a descançar.

,, Vejo de festa o castello,
,, Consenti que nelle entremos,
,, Vosso festejo mais bello,
,, Alegres todos, faremos:
,, E senão, neste covêlo
,, Nossas tendas armaremos.

,, Allah! Allah! Deus é um!
,, Infinito o seu poder!
,, E não é dado a nenhum
,, Sem sua ajuda vencer.
,, Allah! Allah! Deus é um!
,, Infinito o seu poder!,,

Apenas isto acabára
Sobre o peito as maons cruzou,
Como quem por Deus jurára
Ser verdade o que fallou:
Que má tenção não guardára,
Mostrava o ar que tomou.

,, Se é de paz vossa jornada,
,, Vinde em paz ,, torna um christão,
,, Será por vós celebrada
,, D'Ansor a nobre união;
,, Mas se acaso fôr cilada,
,, Deus vos dê a maldição.,,

Do corcél negro se apeia
Ismaél, o renegado,
E o christão não receia
Seja falso o seu recado;
Se soubera a sua ideia,
Fôra mais acautelado.

O que traiçoens não medita
Suppoem a todos leais,
Honrado, e bom, só cogita
Que os outros sam seus iguais;
Nunca o receio o agita,
Confia sempre de mais.

Os mouros bem adéstrados
Imitam seu capitão;
Já todos 'stam apêados,
Sem mostrarem má tenção;
Entre os christaons misturados
Em arteira confusão.

Nisto ao longe se sentira
Um tropel de cavalleiros;
Era Ansor, e dona Elvira,
E seus nobres companheiros.
Ismael os prevenira
Com seus planos traiçoeiros.

Dona Elvira está montada
N'um fermoso palafrem;
Por dous pagens vem guiada,
Que as bridas do freio tem;
Era usança acostumada,
Ella o guiára mui bem.

O nobre Ansòr vem ao lado
Em um soberbo alazão;
E todo elle é cuidado,
Todo amor, todo paixão;
Quizéra seu bem amado
Ter unido ao coração.

Se o palafrem dá um passo
Mais mal dado, ou mais ligeiro,
Se da estrada é estreito o passo,
Tem de descer um oiteiro,
É o peito curto espaço
Para a alma do cavalleiro.

Esse cuidado constante,
Esse afan, só o conhece
Alma terna de um amante,
Que por tudo se estremece;
E que se afrouxa um instante,
É porque amor se fenece.

Vinha de gála vestido,
Era verde o seu gibão,
Todo de ouro guarnecido,
Com a maior perfeição:
Pelote verde parecido
Co' a côr do seu coração.

A' direita lhe pendia
Adaga de ouro brilhante;
No arção da sella se via
O seu pezado montante;
Lança, e broquel lhe trazia
Pagem que não vem distante.

Esporas de ouro ganhadas
Nas guerras contra agarenos,
Muitas vezes salpicadas
Do sangue dos sarracenos,
Traz agora mui lustradas,
Em dias bem mais serenos.

Cabellos louros tecidos
Com arte, e muito primor,
Pelas costas estendidos
Trazia Gaésto Ansor:
Entre os gódos mais subidos
Distincção era a maior:

E por tal fórma estimavam
Do cabello a fermosura
Que, cortá-lo, reputavam
Atroz offensa, a mais dura.
Quando algum rey desthronavam
Era signal a tonsura.

Castanhos olhos rasgados
A linda Elvira só vêem,
Nella sempre os tem fixados,
Olha o resto com desdem:
Nella estam reconcentrados
Thesouros todos que tem.

Negros sam os olhos della
A' flor do rosto embutidos,
Não tem mais brilho uma estrella,
Co' as estrellas parecidos:
Se os d'Ansor fixa a donzella
Ficam d'amor derretidos.

Como pintar a cadeia
Que um terno olhar entretece?
Esse fogo que se ateia,
Sentidos, alma embevece?
Concebê-los pode a ideia,
Porem só alma os conhece.

D'Ansor o rosto é comprido,
Alva a tez dos sóes queimada,
Tem o nariz comedido,
Boca pequena, engraçada,
Traz bigode bem fornido,
Barba espêssa acastanhada.

D'Elvira o rosto é fermoso,
Tão alvo como a cecem,
E nas feiçoens tão mimoso,
Que eu não sei dizê-las bem:
Tudo quanto ha precioso
Em seu rosto se contem.

Per'las finas do oriente,
Os rubis anacarados,
O jasmim tão rescendente,
Tem na boca misturados;
E n'um sorriso innocente
Os bens do céo tem pintados.

Côr da noute os seus cabellos
Ondeam como á ventura ;
Adornos d'arte sam bellos ,
É mais bella a fermosura ;
A fermosura tem zellos
D'estudada compostura.

Debuxar seu collo , e seio,
Ah ! não pode o trovador;
Errar os traços receio ,
Traçando ambages d'amor;
E d'amor no devaneio ,
Roubar eu Elvira a Ansor.

Anjo do céo qu' hei tomado
Para modelo d'Elvira ,
Perdôa se hei mal traçado
Teu retrato em minha lyra ;
Fôra o transumpto acabado ,
Feito por quem não suspira.

Pela cintura cingido ,
Cordão de prata apertava
Azul celeste vestido ,
Que dona Elvira trajava ;
De estrellas todo tecido ,
Um céo d'amor occultava.

Vem seguida por donzellas ,
Ricos homens , infançoens ,
Dos mais nobres , dessas bellas
Cercanias d'Alafoens ;
Por dona Elvira , e por ellas
Respeitosos cortezoens.

Estava em paz então a terra;
Poucos homens d'armas vem;
Não é para a dura guerra,
Por donaire as armas teem:
Quem tem cautéla não erra,
É do porvir um refem.

Ismaél tudo isto vira
Entre os christaons misturado;
Ismaél trêdo conspira
Levar ao fim seu recado.
Oh! quem visse a dona Elvira,
Desculpára o renegado.

Ella o viu, e estremecêra
Com desusado temor,
E mudou na côr da cêra
Do lindo rosto o rubor:
Ver mouriscos não quizéra
Nas terras do nobre Ansor.

Mouros, christaons victoream
Os noivos recem-chegados,
Que nos seus paços se apeam,
Para a voda preparados:
Os menestreis já estream
Os seus cantos costumados.

Ei-los lá vam á capella
Palavras sanctas dizer,
Com as quaes morre a donzella,
Renasce, e fica mulher.
Oh! feliz o senhor d'ella,
Quando assim pode escolher!

,, Alto lá ! dom cavalleiro !
,, Alto lá ! ,, brada Ismaél ;
,, Do teu rey és prestameiro ,
,, Paga o prestamo fiel ;
,, Se não queres , traiçoeiro ,
,, Ser tido como revél.

,, Elvira , as cinco donzellas ,
,, Que ella traz por companhia ,
,, Todas nobres , todas bellas ,
,, Sam da minha alcaidaria ;
,, Eu reclamo a todas ellas ,
,, Só um califa as merecia. ,,

Como a loba a quem roubára
Filhinhos o caçador,
Que mil vidas desprezára
Por colher seu roubador ;
Assim de raiva ficára
Gaésto accêso em furor.

,, Antes minha alma vendêra
,, Ao mafoma teu maldito ,
,, Do que Elvira eu te cedêra ,
,, Renegado vil , proscripto.
,, Nestes muros só impera
,, Gaésto Ansor : tenho dito. ,,

Ismaél já prevenira ,
Que havia de combater ;
Cotta de malha vestira ,
Para os golpes não temer :
Contra Ansor logo investira
Sem que este o possa offender.

Peleja dura se trava,
Peleja bem desigual;
Cada golpe que se dava
Parecia golpe mortal:
Tinir d'armas resoava
Com estampido infernal.

Mas Ansor não tinha espada;
Ficou na sélla pendente;
Só a adaga acicalada
É a arma que tem presente:
E defende Elvira amada
Contra a mourisma, valente.

Gaésto Ansor mal podia
Contra os mouros resistir,
Que do seu chefe á porfia
Todos correm a acudir:
O sangue, as forças perdia
Sem da empreza desistir.

Mas por fim já mal ferido,
Não pode mais combater;
Cáe no chão, perde o sentido,
Sente a vista escurecer:
Elvira tinha perdido,
Agora só quer morrer.

Os mouros levam captivas
Elvira, as cinco donzellas;
Muito mais mortas que vivas
Vam as coitadas tão bellas:
Os mouros vistas lascivas
Audazes lançam por ellas.

Os christaons foram vencidos ,
Vencido Gaésto Ansor;
Ismaél julga cumpridos
Os votos do seu amor.
No castello só gemidos
Ouve agora o trovador.

FIM DO CANTO I.

GAËSTO ANSOR.

,, ...... Com titulo falso possuindo
,, A' nobre terra alhea chamam sua.

CAM. LUS.

# CANTO II.

,, Meu corcél! ah! corre, vôa;
,, Corre, vôa meu corcél!
,, Nunca fez preza tão bôa
,, O renegado Ismaél.
,, Meu corcél! ah! corre, vôa;
,, Corre, vôa meu corcél! ,,

O espigão do estribo encrava
Nos ilhaes do andaluz ,
Que mui velóz galopava
Sob o pêzo que conduz ;
E dest'arte o animava
O renegado da cruz.

„ Meu corcél ! ah ! corre , vôa ;
„ Corre, vôa meu corcél !
„ Nunca fêz preza tão bôa ,
„ O renegado Ismaél.
„ Meu corcel ! ah ! corre , vôa ;
„ Corre , vôa meu corcél !

Posta sobre o arção da sella,
Ismaél conduz Elvira ;
É seu peito o encosto della ,
Dos seus braços a cingira ;
Insensivel a donzella ,
Luz , acordo lhe fugira.

Ismaél, co'a vista ardente ,
Encantos seus contemplava ;
E n'um dilirio crescente
Contra o seu peito a apertava :
Parecia pomba innocente
Que açur faminto empolgava.

Andaluz negro corria
Como se o vento o levára ;
Nem seu correr lh'impedia
O pêzo que se augmentára :
Do seu dono parecia
Que o dezejo adivinhára.

Longo espaço tem corrido,
Sem que Elvira o percebesse;
Ver o seu Ansor ferido
Fêz que os sentidos perdesse,
E do mais acontecido
Que a infeliz não soubesse.

O corcél já vai cançado,
Já quasi folêgo não tem;
Fôra mal aconselhado
Não esperar os mouros que vem:
Todos atraz tem ficado,
Nenhum corria tão bem.

Christans captivas traziam
Sobre os cavallos possantes;
Como o chefe não corriam,
Não eram todos amantes;
Fieis escravos sabiam
Que ficavam como d'antes.

Ao corcél abranda o passo,
Sempre a olhar para Elvira;
Consulta no seu regaço,
Se a linda prêsa respira:
Mas decorre um longo espaço,
Ismaél pára, e suspira.

Elle que até alli sonhára
Instantes só de prazer,
E só no gôzo pensára
D'Elvira nos braços ter;
Agora só receára
Sua ventura perder.

Geladas maons da donzella,
Nas suas quer aquentar;
E tomando os pulsos della,
Não sente as veias pulsar;
Que está morta parece ella;
Quizéra-a resuscitar.

„ Ai de mim! cauzei-te a morte!
„ Ai de mim! fui teu algôz!
„ Mais infeliz minha sorte,
„ Mais que a tua é mais atroz!
„ Ai de mim! cauzei-te a morte!
„ Ai de mim! fui teu algôz!

„ Ai de mim! cauzei-te a morte!
„ Ai de mim! fui teu algôz!
„ Meu amor era tão forte,
„ E só delle eu fui apoz......
„ Ai de mim! cauzei-te a morte!
„ Ai de mim! fui teu algôz!

„ Ai de mim! cauzei-te a morte!
„ Ai de mim! fui teu algôz!
„ Eu queria ser teu consorte,
„ Mas teu odio se ante-pôz...
„ Ai de mim! cauzei-te a morte!
„ Ai de mim! fui teu algôz! „

Por esta forma exprimia
Ismael o seu cuidado,
E mil extremos fazia
Sem ser mais affortunado;
Porque Elvira não ouvia
Seu queixume ao vento dado.

Amarga lagrima sáe
Dos seus olhos, quazi ardendo,
No rosto d'Elvira cáe,
Que a sentiu estremecendo:
Vê a luz, e se lhe esváe,
De novo o acôrdo perdendo.

Nesse curtissimo instante
Que Elvira ao dia tornou,
D'um mouro viu o turbante,
Gaésto Ansor lhe lembrou;
Recordou o seu amante,
E tudo quanto passou.

Descrever do cavalleiro
Como se muda a expressão,
Lédo o rosto que primeiro
Era triste de afflicção,
Descrever fôra o inteiro
Volume do coração.

„ Vive ainda! ainda é viva
„ Elvira minha adorada!
„ Ah! não sejas tão esquiva,
„ Torna em ti ó minha amada!
„ Tu não es minha captiva,
„ És a minha despozada. „

O corcel então ferindo,
Corre, vôa á redêa solta;
Vam-no os seus mouros seguindo
Que lhe serviam de escolta;
Nem o seu tropél sentindo
Ismaél os olhos volta.

Já o dia tem baixado,
Já se havia posto o sól,
Inda não tinham chegado
Aos paços de Figueiról:
Alli estava preparado
Para Elvira o seu crysól.

Para alli a conduzia
Ismaél, trédo amador;
Era alli que recolhia
Tributos do seu senhor;
Era alli que elle escolhia
Para altar do seu amor.

Alta a noute, a lua em cheio
Aos campos dá frouxa luz;
É então quando no seio
Affectos alma traduz;
Toda no seu devaneio,
Visoens, dilirios produz.

O corcél em que montava
Ismaél, por fim parou;
Em Figueiról já estava,
Em Figueiról já entrou;
Ismaél já se apeava
Com Elvira, que apeou.

Elvira no seu desmaio
Parece como a bonina
Ferida por sol de maio,
Em meio de uma campina;
Pende-lhe o collo ao soslaio,
Fermoza cabeça inclina.

Ismaél toma nos braços
A Elvira desmaiada,
Entra com ella nos paços,
Sóbe com ella a escada,
Apressa mais os seus passos
Abre uma sala dourada.

Escravas cem apparecem
Ao mando do seu senhor;
Seus cuidados a guarecem,
Solta Elvira um estertor;
As trévas se lhe esvaécem,
Volve a vista em derredor.

Horrivel, cruél tortura
Soffria Elvira infeliz;
Toda a sua desventura
Aquella vista lhe diz:
Feia morte, a sepultura
A fizéra mais feliz.

,, Elvira! fermoza Elvira!
,, Perdôa ao teu roubador;
,, Ah! perdôa a quem suspira
,, Por ti, captivo d'amor:
,, Primeira vez que te eu vira,
,, Soube que amavas Ansor.

,, Em vão luctou o meu peito
,, Contra um amor desesperado;
,, Reneguei por teu respeito,
,, Sou um christão renegado!...
,, Quem ama por este geito,
,, Merece ser desprezado?

„ Ao califa cordovez
„ A minha espada offereci ,
„ E a promessa que me fêz ,
„ Nem outro premio eu pedi ,
„ Foi Elvira ; agora o vês ,
„ Patria , e Deus troquei por ti. „

Porém a bella captiva
A isto nada responde ;
Fica afflicta , e pensativa ,
Quer fugir ; mas para onde?
Sua dôr mais se lhe aviva ,
N'alvas maons seu rosto esconde.

Suspiros mil redobrados
Buscam do peito partir ;
Mas lá ficam sepultados ,
Nem de lá podem sahir ;
Soluços desencontrados
Ismaél só pode ouvir.

Conforto dos desditosos ,
Prazer amargo , esse pranto ,
Que nos tranzes dolorosos
Alivio á dôr nos dá tanto ,
E que aos mais desventurosos
Serve de balsamo sancto ;

Nem essa triste ventura
Infeliz Elvira tinha ,
Todo o calix da amargura
Dentro do peito continha ;
E todo o fél da tristura
Bebe a tragos a mesquinha.

„ Elvira ! tens do meu peito ,
„ De minha alma o senhorio ;
„ Deposíto com respeito
„ A teus pés meu alvedrio ;
„ Tudo por ti eu engeito ,
„ Só quero teu senhorio.

„ Minhas terras , meus castellos ,
„ Presentes do cordovez ,
„ Adornos ricos , mais bellos ,
„ Estes paços que tu vês ,
„ Só fólgo de agora tê-los
„ Para os depôr a teus pés.

Elvira então ergue o rosto ,
Volve os olhos para o céo ,
Para o céo onde tem posto
Extremo refugio seu ;
E afogada em desgosto
Esta resposta lhe dêu :

„ Não penses mouro descrido ,
„ Não julgues ó renegado ,
„ O teu fim ter conseguido ,
„ Teu intento haver logrado ,
„ Por teres Ansor vencido ,
„ Por me haveres captivado :

„ Podes lançar-me cadeias ,
„ Dar-me tratos de polé ,
„ Tirar-me o sangue das veias ,
„ A luz dos olhos até ;
„ Não mudas minhas ideias ,
„ É d'Ansor a minha fé :

„ Viva, ou morta, eu desgraçada,
„ Vivo, ou morto, sou d'Ansor;
„ Ismaél, nem tua espada
„ Desfaz os laços d'amor;
„ Tu em mim não podes nada,
„ Que a ti só tenho rancor.

„ Desprézo as tuas offrendas,
„ Eu nada quero de ti;
„ Só quero que tu me vendas
„ Liberdade que perdí:
„ Outra cousa não entendas
„ Ouvirás nunca de mi.

„ Tenho terras, e vassallos,
„ Ricas joias; tudo é teu;
„ Podes em paz disfructa-los,
„ Do resgate é preço meu:
„ Meus bens livres posso da-los,
„ Livre porém não sou eu. „

Ismaél impaciente
Elvira apenas ouvia;
No resgate não consente,
Outro resgate elle queria:
E a infeliz innocente
Ao céo soccorro pedia.

„ Virgem do céo amparai-me!
„ Valei-me, virgem do céo!
„ Deste infiél libertai-me!
„ Oh! vinde em soccorro meu!
„ Ou senão antes matai-me,
„ Que antes morrer quero eu... „

Grito d'allarma se ouvira,
Grito d'allarma = Christaons! =
Ao ponto que a triste Elvira
Ao céo ergue as lindas maons:
Parece que já respira,
Talvez sejam seus irmaons.

Ismaél sahio da sala
Para vêr o que seria;
Receio, amor o abala,
Uma surpreza temia;
Podem vir christaons rouba-la,
Perder a prêza não queria.

Ouve-se ao longe ruido,
Não sabe Elvira o que é;
Applica attento o ouvido;
Ouvir tropél ora crê.
= Christaons! = julgou ter ouvido:
Serão elles? tinha fé.

As escravas a deixáram;
A sala ficou deserta;
As portas todas fexáram;
Nem uma só fica aberta;
Esperanças! já se acabáram;
Ergue as maons, as maons aperta.

Cahe no chão ajoelhada,
Porém não póde rezar;
A triste desventurada
Não póde a reza atinar;
Nem palavra articulada,
Infeliz, póde acabar.

Os seus labios não rezavam,
Mas rezava o coração;
Se as palavras lhe faltavam,
Não lhe falta a devação:
Anjos do céo entoavam
Em córos sua oração.

Silencio tudo é agora,
Solidão, mêdo, e terror;
Cada instante é uma hora
D'eterna angustia, d'horror.
Elvira, coitada, óra,
Ora sempre com fervor.

Quantas horas tem passado,
Ella não sabe dizer;
Os instantes tem contado,
Muitas, muitas devem ser:
Sempre julga ver chegado
Ismaél, que a faz tremer.

Uma voz, como cantando,
Veio Elvira distrahir;
O som da voz é mui brando,
De longe deve partir;
Ficou Elvira escuitando;
Trovador! deixa-a ouvir.

,, Oh! mal haja esse tyrano,
,, Maurogato, intruso rey;
,, Que das Asturias em damno,
,, Governa com tão má ley,
,, Que paga em cada anno
,, Tributos da sua grey.

,, Cincoenta nobres donzellas ,
,, Plebêas outras cincoenta ,
,, Tributos sam todas ellas
,, Do cordovez , que o sustenta ;
,, Como se foram gabellas ,
,, Sua torpeza apascenta.

,, Oh ! mal haja esse malvado
,, Maurogato usurpador ,
,, Que o throno seu tem firmado
,, Nesse contracto d'horror !
,, E as virgens christans tem dado
,, Aos mouros, como a senhor.

,, Já não ha um cavalleiro ,
,, Já não ha nobre christão,
,, Nem amante verdadeiro ,
,, Ou todos covardes sam :
,, Deviam morrer primeiro
,, Que soffrer tal servidão :

,, Deshonra vil nos espera ,
,, Sem ninguem nos acudir ;
,, Armas , força quem tivéra
,, Para poder resistir !
,, Ó meu Deus, oh ! quem me déra
,, Desta masmorra fugir ! ,,

D'uma captiva como ella
Era a voz que isto cantou ;
Bem conheceu a voz della ;
Sua amiga , e suspirou ;
Sua parente , e donzella
Que ao castello a acompanhou.

Bastante em si já continha,
Para mais pena conter;
Alma porém ella tinha
Para infinito soffrer:
Quazi a sorte da mesquinha
Lhe faz a sua esquecer.

Filho do céo és tormento
Que se chama compaixão,
O mais bello sentimento
Que vive no coração:
D'alma tu és ornamento,
Do peito nobre expressão:

Quanto porém é mais bello,
Se olvidando as proprias penas,
As alheias só descobre
Julgando as suas pequenas,
E as mágoas suas encobre
Pensando sam mais amenas!

Elvira, quasi esquecêra
Insoffrido seu penar;
Pouco a pouco adormecêra
Cançada já de chorar;
Ismaél, ah! não tivera
Maldade para a acordar.

Entrou um vulto na sala;
Sem ruido algum entrou;
Parou, como a contempla-la;
Cheio d'amor a beijou.
"Ai Jesus!" e fez cala-la;
C'os seus labios a calou.

FIM DO CANTO II.

## GAÉSTO ANSOR.

,, Eis as lanças , e espadas retiniam
,, Por cima dos arnezes : bravo estrago !
,, Chamam (segundo as leis que alli seguiam )
,, Huus Mafamede , e outros Sant-Iago.

CAM. LUS.

# CANTO III.

Ata o fio á tua historia ,
Torna atraz ó trovador !
Traz-nos agora á memoria
A sorte do nobre Ansor ;
És cantor da sua gloria ,
Tu cantas o seu amor.

Gaésto Ansor combatêra
Com um valor extremado;
Ismaél só o vencêra
Pelas armas ajudado;
D'outra sorte não podéra
Gaésto haver derribado.

Deffendendo a sua Elvira
Que os mouros queriam roubar,
Era tal a sua ira
Que mal se poude guardar
D'espontão, com que lhe atira
Maldito filho d'Agar:

Dá-lhe o espontão na cabeça,
Aturdido os olhos cerra,
De novo a lucta começa,
A adaga nas maons afferra,
A dôr o vence, tropeça,
Ei-lo cahido por terra.

O sangue das suas feridas,
Como gelado, parou;
Mas dos mouros muitas vidas
Aquelle sangue custou:
Em torno estam desparzidas
Moédas, com que o pagou.

Os christaons vendo cahido
Gaésto, seu capitão,
O esforço tinham perdido,
Cediam á multidão:
Uns delles tinham fugido,
Outros jaziam no chão.

Tinha Elvira desmaiado
Ao ver o sangue d'Ansor;
As demais tinham ficado
Tranzidas com o temor:
Ismaél tinha ordenado
A cada uma um conductor.

Por esses plainos vam ellas
Levadas pelos descridos;
Esforços vaons sam os dellas,
Nem lhes valem seus gemidos;
Vam os gritos das donzellas
Por esses valles perdidos.

Depois de muitos momentos
Ansor á vida tornou;
Todos da raiva os tormentos,
Todos sua alma passou:
Mas não foi com vaons lamentos
Que os martyrios seus mostrou.

Está deitado no seu leito,
Todo coberto de pó,
Cheio de sangue, desfeito,
N'um estado que mette dó:
O que mais custa a seu peito
Tu sabes, Elvira, só.

Cercado por séus criados,
Que amargo pranto vertiam,
E que os mais ternos cuidados
Por seu senhor repartiam;
Sentidos seus tem cobrados,
Que as dores não lhe doiam.

Sangue que havia perdido
Lhe produz geral fraqueza;
Descanço havia podido
Restaurar-lhe a natureza;
Elvira tem no sentido,
Elvira, que estava prêza.

,, Se as minhas armas podéra
,, Neste meu corpo envergar;
,, Se ao menos forças tivera
,, Para poder cavalgar;
,, Thezouros meus todos déra,
,, Todos eu quizera dar.

= Nobre Ansor! tu não careces
= Teus thezouros dispender;
= Dar-me-has tu, se tu guareces,
= Aquillo que vou dizer?
= Meu saber tu bem conheces;
= Contracto queres fazer? =

Isto responde uma escrava
Já muito velha, judia,
Que no castello passava
Por saber da bruxaria;
E que a todos curava
C'os remedios que fazia.

,, Solima! diz o que queres;
,, Solima! tudo te dou;
,, Agora porque differes?
,, Teu senhor já te faltou?
,, Minha alma não desesperes,
,, A tudo prompto já estou.,,

Como que hesita a velha
Sobre o que ha de pedir,
E consigo se aconselha
De quanto deva exigir;
Nos olhos como centélha
Deixa por fim transluzir.

= Nobre senhor! não pertendo
= Da vossa fé abusar;
= Serviços caros não vendo,
= Escrava sou, mas sei dar:
= Só vos peço que, em morrendo,
= Queirais Zulmira amparar.

= Zulmira! minha Zulmira!
= Seja teu pay nobre Ansor;
= Nos desertos de Palmyra
= Foi teu pay, um roubador...
= Queira o céo que tu, e Elvira
= Tenham a sorte melhor! =

Apenas isto dicéra
Sahiu da sala a correr;
A resposta não espéra,
Já sabe qual deve ser;
Bebida, que ella tempéra,
N'um instante vem trazer.

Tomou Ansor a bebida:
Quazi de um trago a bebêu;
Ás suas forças, á vida,
Como ensanchas conhecêu;
E á escrava enternecida,
C' um sorrizo agradecêu.

„ Solima ! tu, e Zulmira
„ Sois livres d'hora em diante ;
„ Queira o céo que eu veja Elvira
„ Tão pura, como era amante;
„ Porém minha alma delira ?
„ Dai-me cá esse montante ;

„ Dai-me cá essa armadura ;
„ Vesti-me já esse arnêz ;
„ Cota de malha a mais dura,
„ Que a malha nunca desfêz ;
„ Melhor escudo procura... „
Seu pagem tudo isto fez.

Ou da bebida é effeito,
Ou foi prodigio d'amor,
Renascem forças no peito,
Recobra todo o valor;
E d'amor no seu despeito,
Assim diz Gaésto Ansor:

„ Ou será o derradeiro
„ Este dia de meus dias,
„ Ou Ismaél traiçoeiro,
„ Pagarás aleivosias !
„ E não seja eu cavalleiro
„ S'inda outra vez me vencias ! „

Já está prompto o seu cavallo,
O seu corcél mais veloz ;
Sem demora d'intervallo,
Sobre a sella se compòz :
Criados, sem consulta-lo,
O vam seguindo apoz.

Como o raio desprendido
Das nuvens, os ares fende,
O corcél embravecido
Por esses plainos se estende;
Parece que ha percebido
Tudo da pressa depende.

Porém não segue a estrada,
Qu' Ismaél seguido havia,
Fôra longa, e demorada,
A tempo não chegaria;
Veréda menos trilhada,
Mais curta Ansor escolhia.

Montanhas, bosques, outeiros,
Os christaons deixam atraz;
Sob os corceis tão ligeiros
A terra em pó se desfaz:
Só tropél de cavalleiros,
Outra bulha não se faz.

Gaésto Ansor! que pensavas
Durante o longo caminho?
Em que tua alma occupavas
Facilmente eu adivinho;
Estas cousas tu falavas
Comtigo mesmo sósinho:

„ Quem sabe se a tempo chego?
„ A tempo, sim, chegarei;
„ Tudo estará em socêgo,
„ Os mouros surprehenderei;
„ E no meu furor tão cego,
„ Nenhum delles pouparei.

„ Mas Elvira? a minha Elvira!
„ Elvira aonde estará?
„ Sim; é ella que suspira;
„ Elvira! espera; eu vou já.
„ Eu pensei que a ouvira;
„ Agoiro horrivel será? „

Que terrivel pensamento
Na sua alma esvoaçou?
Que novo, cruel tormento
O seu amor inventou?
Era tal que, um momento,
Quazi o triste suffocou.

Trovador! não cales nada;
Diz-nos tudo, ó trovador!
Quanto sente a apaixonada,
Sensivel alma d'Ansor;
Não occultes reservada
Nenhuma pena d'amor.

Gaésto Ansor vai correndo,
Uma só ideia o guia,
A mágoa que vai soffrendo
Desta ideia só nascia:
Elvira julga estar vendo,
E salva-la não podia...

Julga ouvir o renegado
Palavras ternas dizer;
Pensa ouvi-lo mais ousado
O seu amor offerecer;
E vê-lo ajoelhado,
Alvas maons como a prender...

Mas Elvira não cedêu ;
Seu torpe amor repelliu ;
Ismaél não procedêu ,
Erguêu-se triste , e sahiu...
Não... voltou... ! ,, Anjos do céo ! ,,
Gritou Elvira , e fugiu...

Foge em vão a desgraçada ,
Um feroz abutre a segue ,
E fraca , desventurada ,
O renegado a persegue :
E a triste tão coitada ,
Agarrar emfim consegue...

Desigual lucta se trava ;
Ismaél não triumfou ;
Co' a virtude pelejava ,
Elvira se lhe escapou ;
Mas de novo a segurava
Ismaél , que a segurou...

Como que de um beijo ardente
Ouviu horrivel sonido...
Como que da innocente
Sentiu o extrêmo gemido...
Todo o inferno tem presente ,
Todo o inferno tem soffrido...

Suor frio o corpo cala ;
Arde em chamma o coração ;
E vem um sopro apaga-la ,
Chamado desesperação :
Situação tal decifra-la ,
Trovador tentára em vão.

Esse beijo , esse lamento,
Tinham um écho infernal ;
Repassam alma em tormento ;
Cravam-lhe agudo punhal;
D'um eterno soffrimento
Lhe dam tortura mortal.

,, Elvira não será pura ? ! ?
,, Um beijo infame a manchou ? ! ?
,, Será tal a desventura ,
,, Que ao menos não expirou?! ?
,, Ao menos a sepultura
,, D'um malvado a libertou...,,

Dentro em si isto dizia
O desventurado Ansor ;
Elle não sabe aonde hia,
Todo ciume , e furor:
Seu corcél é quem o guia,
O instincto , digo melhor.

Oh ! como é longo esse espaço ,
Que aindà tem de correr !
Como está longe esse paço,
Que teme, e deseja vêr !
Mas não o vence o cançasso,
Milagre amor sohe fazer.

Distantes luzes parecem ,
Era Figueiról por fim ;
As precauçoens não lhe esquecem ;
Pára , e aos seus diz assim :
,, As trevas nos favorecem ;
,, Entrêmos neste jardim.,,

Assim fála o nobre Ansor;
A todos diz seu lugar;
A cada um seu valor,
Seu zêlo, esforço quer dar;
Da noute com o favor
Os ensina a pelejar.

Era negaça ajustada
Os mouros ir commetter,
E fingir que, mallograda
A tenção de os surprehender,
Fugiam, sem querer mais nada,
Fugindo a bom correr:

Assim elles enganados
Apoz os poucos iriam,
E os paços abandonados,
Sem deffêza deixariam;
E os christaons desafrontados
Os paços atacariam;

O que Ansor bem disposéra
A sorte favorecêu;
Como se o fado quizéra
Ajudar o empenho seu;
Como queria acontecêra,
O que pensou succedêu.

Ansor uns poucos envia,
Que os mouros desafiáram;
„ Christaons! „ bradou um vigia,
„ Christaons!„ os mouros bradáram;
Nem da trama que se urdia,
Mouriscos desconfiáram.

Ismaél tinha descido
Quando ouviu bradar „ Christaons!„
Cavallos tinha sentido,
Terrores seus não 'sam vaons;
No laço tinha cahido,
Querendo colhê-los ás maons:

Com seus mouros vai correndo;
Deixa-los óra correr;
Os christaons estam tecendo
A rêde para os prender:
Já longe Ansor os está vendo,
Pode agora accommetter.

Ouvira Ansor a cantiga,
Que a donzella cantou,
Quando da sorte inimiga
A infeliz se queixou;
Óra é tempo que prosiga
A emprêza que começou.

Vê aberta uma janella,
Luzes dentro a relumbrar,
Sem esquecer a cautélla
Foi a janella escalar:
Ao entrar, Elvira bella
Estava dormindo a chorar.

Tinha Elvira adormecido
Como estava, ajoelhada;
Seu rosto havia cahido
Sobre uma verde almofada;
Diceras, era parecido
C'uma assucêna esfolhada.

Ansor a viu tão fermoza,
Que em meio parou da sála;
Mas sua alma receosa,
Ficou triste a contempla-la;
Parece estar duvidosa
Se pode *sua* chama-la.

„ Minha... sim; és sempre minha
„ Qualquer que fosse o teu fado...
„ Infeliz! pobre mesquinha...!
„ Tu és d'Ansor desgraçado...
„ Porem minha alma adivinha
„ Qu'inda pura eu te hei achado. „

Colando os beiços nos della,
Elvira fez acordar;
Queria gritar a donzella,
Outro beijo a fez calar:
Estava Ansor nos braços della,
Está Elvira a soluçar:

Chorava alegre de gosto,
Gaésto Ansor conhecêu;
Era de um anjo o seu rosto,
D'anjo o mais bello do céo.
Ansor ao collo a tem posto,
E no jardim a descêu.

Os mouros sentem ruido,
Ao jardim vem acudir;
Tudo Ansor tem prevenido,
Nelles começa a ferir;
Os mais delles teem sahido
Outros christaons perseguir.

Facil foi esta victoria,
Ismaél não estava alli;
Mas não finda a minha historia
Tão breve agora, ainda aqui;
E d'Ansor a maior gloria,
Proêzas não esqueci.

Ismaél volta açodado
Os seus mouros soccorrer;
Parece tigre esfaimado,
Tudo abala, e faz tremer;
De quantos golpes tem dado
A um christão faz morrer.

Estam em frente os dois rivais,
Ismaél combate Ansor;
Mediam forças iguais,
Iguais na sanha, e furor;
Ambos vós, vós disputais
Elvira, cégos d'amor.

Ficou Ansor desarmado,
Partiu-lhe a espada na mão;
Ismaél já triumfado
Cuida ter; mas inda não:
De novo Ansor está armado;
Sêco tronco as armas sam:

O tronco de uma figueira
Esgalha, sem trepidar;
Com elle sobre a cimeira
D'Ismaél foi acertar,
E a pancada tão certeira
Fêz Ismaél expirar.

„ Victoria ! „ clamam „Victoria ! „
Os christaons , Gaésto Ansor ;
Todos teem premio de gloria ,
Só um tem premio d'amor.
Finda aqui a tua historia ,
Finda aqui , ó trovador.

Fim.

## NOTAS.

O assumpto deste romance foi tirado de umas curiosissimas memorias manuscriptas, que teve a bondade de confiar-me a Ex.ma Snr.a Marqueza da Bemposta Sub-serra, cujo ascendente é Gaésto Ansor, e cuja casa, a de *Figueiredo das Donas*, ella possue, e representa.

Não cabia, no curto espaço de umas notas, o texto daquellas preciosas memorias; mas para dellas ter uma ideia o leitor, transcreverei um extracto do capitulo nono da Monarchia Lusitana, parte segunda, em tudo conforme com o que alli se acha es-

cripto. Frey Bernardo de Brito diz assim no lugar citado:

„ Maurogato se valeu d'ElRey Abdrraman de Cordova, promettendo-lhe reconhecimento de vassalagem, se o favorecesse com gente de guerra, para conquistar o reyno das Asturias, e obrigando-se a lhe pagar em cada um anno cem donzellas de tributo, as cincoenta nobres, e as outras cincoenta plebêas...........

„ Seis annos durou o desterro de Dom Affonso, e tyrania de Maurogato, e para melhor dizer o opprobrio, e afrontosa mizeria de toda a Hespanha, pois em todos elles se pagavam as cem donzellas christans aos reys de Cordova, e se mandavam recolher em Asturias, Portugal, e Galiza pelos moradores christaons que obedeciam aos reys de Oviedo; sendo peor a condição dos que viviam em jurisdicção de christaons, do que a dos que viviam nas proprias terras dos mouros, pois estes satisfaziam com grandes tributos de dinheiro, e os outros com a vida, e honra de suas proprias filhas...

„ Repartia-se a cada comarca as que lhe cabiam, e apontando as justiças d'ElRey as que haviam de ir, se entregavam aos mouros, que vinham receber esta miseravel imposição, deixando os pays, amigos, e parentes em tão sentido pranto como se as viram mortas diante de seus olhos; e não faltavam ás vezes pessoas honrosas, e de espiritos verdadeiramente honrados que, com lastima de tomarem la afronta, se offereciam

á morte, por salvar algumas destas donzellas...............

,, Temos em Portugal memoria de tanto e maior fundamento, que é o lugar chamado *Figueiredo das Donas*, tres legoas da cidade de Viseu, junto ao concelho de Lafoens, onde sabemos por tradição immemorial, que foram livres seis donzellas, dessas que se davam aos mouros, por um cavalleiro christão, a quem a lastima de as ver em tal estado, obrigou a desestimar o perigo da vida, pelo da sua honra, e liberdade.

,, Foi pois o caso, que tendo já recolhido seis, que, conforme a tradição vulgar, deviam ser das nobres, as poseram os mouros em certa casa forte, cujas ruinas se veem em nossos tempos no proprio lugar de Figueiredo, ainda que mui damnificadas...............

,, Succedeu encontra-las no pomar da casa em que as guardavam um cavalleiro, que dizem se chamava Gaésto Ansor, que determinou aventurar a vida, para não deixar seguir tão lastimosa ventura; sentiram as guardas andava gente que falava, e acudindo a impedir a conversação, o animoso christão, com alguns que o acompanhavam deu nos inimigos, onde pelejou tão valorosamente, que depois de lhe quebrar a espada, destroncou o ramo de uma figueira, com que acabou de vencer, e desbaratou os poucos que lhe ficavam, e pôz em salvo as seis donzellas, que já estavam entre-

gues nas maons dos barbaros; e por succeder esta façanha dentro do pomar, donde havia muitas figueiras, que ainda não faltam naquella terra, e ser o ramo destroncado da figueira instrumento de tomar la obra, tomou Gaésto Ansor por divisa cinco folhas de figueira, em lembrança das cinco donzellas, pondo outra por timbre do elmo, que faz o numero de seis: e querem alguns que fosse esta uma dellas com quem se cazou, e que por ventura foi causa da liberdade das mais: e como fosse ordinario na lingoa portugueza antiga em versos, e cançoens, e o seja ainda agora, chamar a muitas arvores juntas, arvoredo, a muitos alemos, olmedo, assim a muitas figueiras chamavam figueiredo, donde ficou o nome ao lugar, e ao cavalleiro que alli fez obra tão digna de lembrança; e porque podia haver outros lugares neste reyno com o proprio nome, o differençaram dos mais com o sobrenome que dura até agora de *Figueiredo das Donas*, que então valia tanto como senhoras, e era appellido só de gente muito nobre.........

,, E porque em materias onde faltam authores val muito a tradição vulgar, e as cousas que os antigos obravam entretem como authenticas, e verdadeiras, e as entregavam a seus descendentes nos romances e cantares, que então se costumavam pôr em parte daquelle cantar velho, que vi escripto em um cancioteiro de mão, que foi de Dom Francisco Coutinho, Conde de Maria

Ceia, e veio á mão de quem o estimava bem pouco, e depois o ouvi cantar na Beira a lavradores antigos, com alguma corrupção, e sem duvida foi composto em memoria deste successo, na forma seguinte;

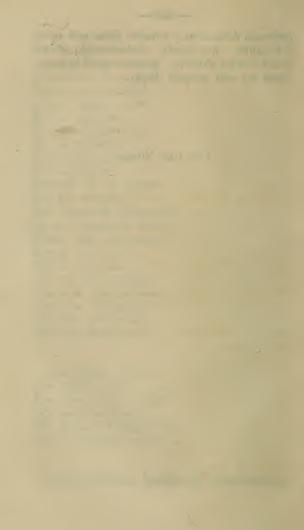
,, No Figueirol de Figueiredo
A no Figueirol entrei
Seis ninhas encontrára
Seis ninhas encontrei
Para ellas andara
Para ellas andei
Lhorando as achara
Se lhorando as achei
Logo lhes procudara
Logo lhes procudei
Quem las maltratara
E a tam mala Ley
No Figueirol Figueiredo
A no Figueirol entrei
Una replicara
Inforlam nom sei
Mal homem tem la terra
Que tem o mal Rey
Se eu as armas usara
E a mim fé nom sei
Se hombre a mim levara
De tam malla Ley
A Deos vos voa dor
Graçam ca nom sey
Se onde me falardes
Mais vos falarei
No Figueirol Figueiredo

E no Figueirol entrei
Eu lhe propricara
A mim fe nom hirey
E a olhos dessa cara
Caros os comprarei
A las longas terras
Entre voprierei
Las compridas vias
Eu las andarei
Linguas de Arviar
Eu las falarei
Mouros se me vissem
Eu los matarei
No Figueirol Figueiredo
Ca no Figueirol entrei
Mouro que las guarda
Cerca lo achei
Mal la miassara
Eu mal me anuguei
Troncom dezagalhara
Troncom dezagalhei
Todolos machucara
Todolos machuquei

Las ninhas furtara
Las ninhas furtei
Los que a mim falara
N'alma lhas chantei
No Figueirol Figueiredo
A no Figueirol entrei. „

Julgo que meus leitores me desculparão a

extensão desta nota ; e certo estou que muitos delles , não tendo conhecimento desta nossa antiga chácara , folgarão acha-la aqui, como no seu proprio lugar.

FIM DAS NOTAS.

# Os votos denodados.

DEDICADO

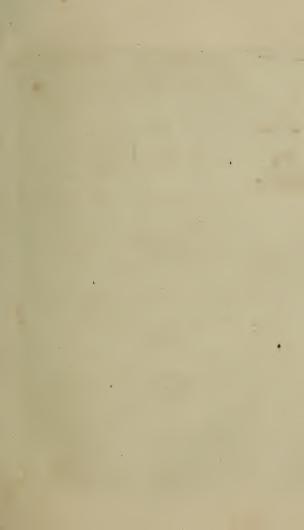
Ao meu intimo amigo

*João d'Albuquerque de Mello*

*Pereira e Caceres.*

Estampa 2.ª

J. A. Correa, Lith, Porto - 1845 =

Lx.ª Lith. de M.el Luiz da C.ta

## OS VOTOS DENODADOS.

,, *Sobre qual mais com animo valente*
,, *Perigos vencerá do Marcio jogo* ,
,, *Porfiam* ............................

CAM. LUS.

## CANTO I.

Morrêra ElRey Dom Fernando,
Que entre nós foi o primeiro,
Portugal orfão deixando,
Em mizeria, e captiveiro.
A filha tinha cazado
Com Dom João de Castella;

e

Portugal tinha levado,
Beatriz, em dote della:
Mas o povo portuguez
Não se dá como um rebanho;
Tem armas, veste o arnez,
Não soffre opprobio tamanho.
A raynha Lianor
Ficára como regente,
Mas dos povos o furor
Seu governo não consente.

Já foi morto o Conde Andeiro,
Que era amador da Raynha;
Estava armado um povo inteiro,
Que a espada não embainha:
Dom João, mestre de Aviz,
Irmão d'ElRey Dom Fernando,
Por defensor elle quiz,
Liberdade apregoando:
Dom João, como esforçado,
Difficil cargo aceitou;
Tantas batalhas tem dado,
Quantas victorias ganhou:
Já Lisboa descercára
Do poder do Castelhano,
Que a emprêza abandonára
Com desdouro, e maior damno:
Em Coimbra os tres estados
O elegem como rey;
Sam capitulos jurados,
Como é nossa antiga ley:
O povo, o clero, a nobreza,
Formam côrtes da nação;

Votam a sua defêza,
Proclamam rey Dom João.
Foi d'Almacáve na igreja
Feito rey Affonso Henrique,
Era conde na peleja,
Não rey, em campo de Ourique.
Dom João tambem já fôra
Saudado rey em Lisboa,
Mas como rey só agora
Tomou o sceptro, e a corôa.
Nos plainos d'Algibarrota
Estam dois reaes acampados,
Elles serão gota a gota
De sangue bem salpicados:
Amanhãa o grande dia
Dessa batalha campal,
Aonde se decidia
Da sorte de Portugal.

Poucos sam os portuguezes,
Valentes todos, leaes;
Os poucos podem ás vezes
Mais que os muitos muito mais:
Cada um delles dezeja
Libertar a sua grey;
Cada um delles peleja
Por seus foros, por seu rey.
Sam muitos os de Castella,
Vem Portugal conquistar,
Esta provincia tão bella,
Ás suas querem juntar.
Muitos nobres olvidando
Tudo quanto á patria devem,

Aos de Castella ajudando,
Contra os seus proprios se atrevem!
Portuguezes renegados:
Antes querem estranho rey;
Estavam acostumados,
A ter interesse por ley:
A esses pouco lhes dóe
Ver a patria em servidão;
Nem alma se lhes condóe
Vendo soffrer a nação:
Grandes estados, riqueza,
Cada um delles só quer;
Vendem patria com vileza
A aquelle que mais lhe offerecer!
Rey de Castella os comprára
Com promessas de valia,
De seu braço se ajudára
Para haver a monarchia.
Cára porém lhe custára
Até aqui sua intenção,
Vencido sempre ficára,
Traidores sem galardão.
Nesta batalha elle espéra
Os portuguezes vencer;
Mil sacrificios fizéra
Por grandes forças trazer:
Quer vingar a sua afronta,
Quer chamar Portugal seu;
Com a victoria ja conta,
Mas inda não combateu.
Cuida vencer facilmente
Esses poucos portuguezes;
Fundada esperança desmente
O successo muitas vezes.

Já as azes estam formadas
Nos campos dos dois rivaes;
No castelhano dobradas,
Que as forças sam muitas mais.
Dom João os seus esforça
Com palavras de primor,
Mostrando que existe a força
Aonde existe o valor.
Era amanhaã esse dia,
Onde em batalha campal
A sorte se decidia,
Do reyno de Portugal.

Os mancebos mais ousados,
Portuguezes cavalleiros,
A ala dos namorados
Formáram aventureiros;
É verde a sua bandeira,
Côr da esperança do amador,
Precursora lisongeira
De victorias, e d'amor.

Uma usança então havia,
Fazer votos denodados;
Esse voto consistia
Em feitos muito arriscados.
Gonçaleanes Castel-Vide,
E Vasco Martins de Mello,
Amam Anna d'Athayde,
Que é da belleza um modelo.
Ambos elles sam amigos,
Ambos elles sam rivais,
Ambos valentes nos perigos,
Ambos nas forças iguais:

Ambos elles suspiravam
Por Dona Anna, mas em vão;
Por isso amigos ficavam,
Rivais sim, imigos não:
Ambos elles pertenciam
Á ala dos namorados,
E por Dona Anna faziam
Estes votos denodados:

GONÇALEANES.

„ Eu juro ser o primeiro
„ Que ha de com lança ferir:
„ Juro á fé de cavalleiro
„ Que hei de o meu voto cumprir. „

VASCO MARTINS.

„ Eu juro como christão
„ Prender ElRey de Castella;
„ Ou ao menos pôr-lhe a mão.
„ Qual das emprêzas mais bella? „

Entre todos disputavam,
Qual dos votos é maior;
Porem todos assentavam,
Que eram votos de primor;
Qualquer daquellas emprêzas
Arriscada de fazer;
Porem almas portuguezas
A nada sabem temer:
Muito mais um namorado,
Que tudo acha possivel,

Invocando um nome amado,
É o seu braço invencivel.

Já tudo estava disposto;
É o combate amanhaã;
Era no meio de Agosto,
Em raza campina chaã.
O dia tinha acabado;
A lua o campo alumia;
Estava tudo acautelado,
Surprêza não se temia.

Parece tudo descança,
Sam as horas de dormir;
Quantos velam co'a lembrança
Do dia que vai luzir?!.
Não ha somno socegado
Na vespera de uma batalha;
O peito mais esforçado
Não tem descanço que valha:
Na may já velha qual pensa;
Qual na filha abandonada;
Qual na gloria, e recompensa;
Qual na amante idolatrada.

Gonçaleanes está deitado
No campo, junto ao amigo;
Em Dona Anna tem pensado
Em sua alma, a sós comsigo.
Vasco Martins não pensava
Em outra cousa tambem;
Doce esperança o animava;
Gonçaleanes não a tem.
Gonçaleanes bem disposto,

E mais gentil cavalleiro,
Unica esperança tem posto
Em seu voto derradeiro:
Viver sempre desprezado
Elle não pode viver;
Em seu voto denodado
Morte de gloria ha de ter:
Morte de gloria elle espéra,
E não venturas d'amor;
Da vida já desespéra
O desgraçado amador.

Pelas mágoas subjugado,
O infeliz adormece;
Como é feliz esse estado
Em que de tudo se esquece!!
Somno! que ao desditoso
Dás alivio em seu tormento,
Porque lhe dás o repôzo,
Que é seu unico sustento!
Somno, amigo do infeliz,
Fermoza imagem da morte,
Tu fazes seja feliz
O perseguido da sorte!
Gonçaleanes olvidava
Dormindo, seu triste fado;
Era feliz, não penava
Seu martyrio acostumado.

Vasco Martins não dormia,
Pensava em glorias, amor;
Doce esperança que nutria
Julga do céo um favor.
Quantas vezes essa esperança

Muda o tempo em decepção!
E apoz nos traz á lembrança
Saudades de uma illusão!
Em quanto essa esperança dura,
Dá verdadeiro prazer;
Mas é grande desventura
Vê-la em escuma desfazer!!

Vasco Martins, não distante
A um vulto viu passar;
Quem virá naquelle instante,
Assim o campo rondar?!
Parece vir cauteloso,
Com receio de ser visto!
Parece espia ardiloso;
Quer saber o que é isto.
Se acaso fôr espião,
Más novas ha de colher;
Arco, e settas tem á mão,
Que o farão arrepender.

Pouco a pouco o vulto chega
Aonde estavam os dois:
É um pagem que se achega,
E pára logo ao depois:
Parece respira a custo,
Bate-lhe o peito no seio,
Tremia como de susto,
Tranzido pelo receio:
Pelote escuro trazia,
Não se lhe vê o gibão,
Pois o pelote o cobria
Do pescoço até ao chão:
Traz a cabeça coberta,

O rosto mal se lhe vê;
E como que, a vista incerta,
Receia as sombras até.
Gonçaleanes está dormindo;
Já o vulto o conheceu;
Porque a lua está luzindo,
Com todo o luzeiro seu.
Pé ante pé vem chegando;
Vasco Martins vê ao lado;
Parou, como examinando,
Se algum estava acordado.
Ambos julga adormecidos;
Mais afoito chega então;
Bem podiam ser ouvidos,
Pulos do seu coração.
Então o rosto amostrando,
Fermozo rosto amostrou;
Vasco Martins, respirando,
Parece que suspirou.
Julga ver a sua amada,
A Dona Anna de Athayde,
A contemplar, disfarçada,
Gonçaleanes Castel-Vide!!
Não se illude, o rosto é della,
Mais alvo do que o luar;
Sua figura é tão bella;
Não pode já duvidar.
Mas por qual dos dois faria
Tamanho excesso d'amor?
Por quem tanto arriscaria,
Donzella toda temor?
Vai saber esse segrêdo,
Sua amada vai falar;
Finge dormir, e está quêdo,

Está seu peito a palpitar.

DONA ANNA.

„ Gonçaleanes! Gonçaleanes!
„ Fiél, constante amador!
„ D'ora avante não te enganes;
„ Eu só quero o teu amor.
„ Com desdem se eu te falava,
„ Não era vontade minha;
„ Teu amor só dezejava,
„ Só por ti amor eu tinha:
„ Queria ver se eras constante,
„ Se eras tão firme como eu;
„ Que tua alma é tão amante,
„ Tua amada conheceu.
„ Na ála dos namorados
„ Soube te havia encontrar;
„ Nestes trages demudados
„ Fiz meu trage disfarçar.
„ Não hezitei um momento,
„ Corri a todo o correr;
„ Era o meu maior tormento
„ Chegar tarde, e não te ver.
„ Não pensei quanto arriscára,
„ Quantos perigos já corri;
„ Muito mais sacrificára;
„ Tudo, tudo, só por ti.
„ O teu voto denodado,
„ Oh! se eu podéra impedir?
„ Porem não; fôra baldado
„ Meu chorar, o meu pedir!
„ Dorme! dorme cavalleiro;
„ Por ti ao céo vou rezar;

„ Recebe porem primeiro
„ A charpa, que te vou dar. „

Tira uma charpa bordada,
E junto delle a foi pôr:
Era de seda incarnada,
A cifra = *Premio d'amor* =

Nada mais dice a donzella;
Terno suspiro exhalou;
Pé ante pé, com cautéla,
Como veio, se auzentou.

Vasco Martins tudo ouvira,
Fingindo estar a dormir:
Tormentos quantos sentira,
Como poder exprimir?
Ouviu fatal desengano,
Era amado o seu rival!
Acabou seu doce engano,
Agora a vida que val?

Mas que terrivel lembrança
Dentro d'alma lhe passou?
É o ciume, a vingança,
Do cinto a adaga tirou.
Sobre o rival debruçado
Já ergêu traidora mão;
Já co' a vista calculado
Tem lugar do coração:
Brande a adaga açacalada,
Gonçaleanes vai ferir....
Sua mão fica gelada,
E a adaga deixa cahir.

„ Eu! matar o meu amigo!
„ Como assassino, e traidor!!
„ Ó ciume! eu te maldigo!...
„ Maldigo a vida, e amor!...

Como se fôra acoçado
Por uma ideia infernal,
Dalli fugiu açodado:
Fica dormindo o rival.

Fim do Canto I.

## OS VOTOS DENODADOS.

*„ Deo signal a trombeta Castelhana ,*
*„ Horrendo , féro, ingente , e temeroso ,*
„ ........................................
*„ E as mãis que o som terrivel escutáram,*
*„ Aos peitos os filhinhos apertáram. "*

CAM. LUS.

# CANTO II.

É fermoza a madrugada ,
Começa o dia a raiar ;
Já tocou a alvorada ,
Que a todos vem dispertar.
Vai dar-se logo a batalha ;
Castelhanos , portuguêzes ,

Vestem as saias de malha,
As armas, cotas, arnêzes.
Brilham lanças, capacetes
Dos guerreiros esforçados;
Ligeiros corceis, ginetes
Mordem os freios dourados.

Gonçaleanes acordára
Do seu tão longo dormir;
Vasco Martins procurára;
Sua adaga vê luzir!
Sua adaga está cravada
Sobre uma cifra d'amor,
Em uma charpa incarnada,
Como em signal de furor!
O que pensar não atina:
Quem veio a charpa trazer?
A adaga, a charpa examina:
Que querem ambas dizer?
*Premio d'amor*, diz a cifra;
Era d'amor um presente:
Agora, sim, já decifra
O misterio facilmente:
Exprime a adaga o ciume,
Vasco Martins lha deixou;
E nisto, que assim presume,
De certo não se enganou.

Porem, em quanto dormia,
Quem veio a charpa alli pôr?
Este segrêdo fazia
Pular seu peito d'amor.
Aquella charpa conhece,
Ha muito que a viu bordar;

E sua alma se enternece,
Começa a charpa a beijar.
Não lhe cabendo no peito
Quanto amor sua alma encerra,
Assim diz; e com respeito
Curva os joelhos na terra :

„ Tu dás vida á minha vida,
„ Porque alentas meu amor;
„ Tu és, ó charpa querida!
„ De premios doce penhor.
„ Dona Anna! tu que has bordado
„ Esta divisa d'amor,
„ Nesta divisa me has dado,
„ De premios doce penhor.
„ Oh! bem hajas tu, Dona Anna!
„ Que aceitaste o meu amor;
„ E me dás terna, e humana,
„ De premios doce penhor.
„ Inda ha pouco eu me votára
„ Á morte, cégo d'amor,
„ Ter agora eu não pensára
„ De premios doce penhor!
„ Inda ha pouco eu não podia
„ Viver sem o teu amor,
„ Agora gozar só queria
„ De premios doce penhor.
„ No mais rijo da peleja,
„ Me defenda o teu amor;
„ Esta charpa me proteja;
„ D'amor, e gloria penhor. „

Poêm a charpa a tiracollo,
Sobre a lustrosa armadura;

Nunca adornou o seu collo
Joia com tal fermosura.
A ala dos namorados
Já se começa a formar;
Lembram votos denodados,
Ao seu não deve faltar.
Ha de ser elle o primeiro
Que ha de com lança ferir;
Já está prompto o cavalleiro
Para o seu voto cumprir.
Está em frente o inimigo
Nas suas alas formado;
Vasco Martins, seu amigo,
Já tinha em vão procurado.
Quem sabe se voltaria
Com vida daquella emprêza?
Quem sabe se morreria?
Não ver o amigo lhe pêza.
Quizéra que, se morresse,
Dona Anna fosse buscar,
E a sua charpa lhe desse,
Que o não podéra guardar.
Quizéra ver seu amigo,
Que talvez não torne a ver;
É d'ambos tão grande o perigo,
Que algum delles vai morrer.

Dá-se o signal do combate,
Comprida lança enristou;
Seu corcél com furia bate,
O seu voto renovou;
Ha de ser elle o primeiro
Que ha de com lança ferir.
Já partiu o cavalleiro,

O seu voto vai cumprir.

Sobre pequena collina
Está Dona Anna de Athayde,
Para ver se discrimina
Gonçaleanes Castel-Vide.
Como pagem está vestida,
Por que ninguem a conheça,
Entre os demais confundida,
Para que pagem pareça.
Seu amor tão excessivo
A tal extremo a obrigou:
Era tal, e tão activo,
Que toda a elle se entregou.
Não pensou em quantos perigos
Ella tinha que arrostar;
Amor não teme inimigos,
A todos sabe affrontar.
Deixou o pay, os parentes,
Deixára a vida tambem;
Fiquem todos descontentes,
Que uma só ideia tem:
Queria ver o seu amante;
Receia que vá morrer;
E não hesita um instante,
De noute parte a correr.
Era perto o acampamento,
Já sem risco o attravessára;
Facil de crer é tormento,
Que a donzella atormentára.
Gonçaleanes viu dormindo,
Teve pêjo de o acordar,
Deixou-lhe a banda, e fugindo,
Foi a manhaã esperar.

Triste, e só, a malfadada,
Quantos martyrios penou!
Fraca dama delicada,
Quantas vezes suspirou!
Quantas lagrimas ardentes,
Sahidas do coração,
Os seus olhos innocentes,
Amargas, vertem no chão!
Como lhe tarda esse dia,
Que antes quizéra não ver,
Em que o amado podia
Na batalha perecer!
Extremado cavalleiro
Fizéra um voto arriscado!
E se morre?... o derradeiro
Projecto seu tem formado:
Irá dalli a um convento
Como freira professar,
Alli da vida o tormento
Se lhe ha de em breve acabar.
O seu pay tão carinhoso
A ideia lhe afigurou,
Que via estar despeitoso,
Quando a filha não achou.
,, Perdôa, pay mui querido!
,, Não me dês a maldição!
,, Penas de mais ha soffrido
,, Desta filha o coração!,,
Assim, triste, se carpia,
Quando seu pay recordava;
Tudo porem esquecia,
Gonçaleanes só lembrava.
Apenas amanhecêra,
Entre os pagens foi postar-se;

E ninguem a conhecêra,
Ou cuidára em seu disfarce.
Dessa collina onde estava
A campina descobria,
Gonçaleanes procurava,
A elle, a charpa já via.
Como é cruél esse instante
D'incerteza, e de temor,
Em que a vida de um amante,
É do *acaso* um favor!

Está não longe um cavalleiro,
Viseira baixa a olhar;
Parece d'aquelle outeiro
Não pode os olhos tirar:
Monta cavallo murzello,
É negra a sua armadura;
É Vasco Martins de Mello,
O amador sem ventura.
Muito tempo esteve attento;
Parece petrificado;
Toda a vida, e movimento
Tem no peito concentrado.
Quanto sua alma penava
Só alma pode saber;
Martyrios quantos passava
Eu não me atrêvo a dizer.
Vasco Martins bem podéra
Eternamente alli estar,
Se a trombeta não viéra
Sentidos seus dispertar.
Lá partiu, e no transporte
Do ciume, exclama assim;
„ Amor, a gloria, e a morte,

„ Me darão honrado fim. „

Mas Dona Anna de Athayde
A Vasco Martins não via,
Gonçaleanes Castel-Vide
Sua alma inteira absorvia.
Já deu signal a trombeta,
Gonçaleanes já partiu;
Corre veloz como a setta,
Que o bésteiro despediu.
Zona densa de poeira
Seu corcél alevantava,
Traçando a sua carreira,
O cavalleiro occultava.
Lá da ála castelhana
Tambem sahe um cavalleiro,
Correndo com furia insana,
Contra o audaz aventureiro.
Como se um raio o tocára,
O castelhano cahiu;
Morto no campo ficára,
E seu corcél já fugiu.
Gonçaleanes já cumprira
O seu voto denodado;
Primeiro foi que ferira
Com lança; como ha jurado.
Os castelhanos, ao verem
Cavalleiro seu vencido,
Cada um, e todos querem
Castigar o atrevido.
Sua az inteira se abala:
A portugueza tambem;
A furia em todos iguala
A sanha que todos teem.

Era geral a peleja,
O pó o ar encobria,
E cada um só dezeja
Ver se os contrarios vencia.
Só Dona Anna de Athayde,
Sobre a collina postada,
Gonçaleanes Castel-Vide
Dezeja ver, e mais nada.

Oh! que terriveis momentos
Aquelles momentos sam,
Em que se ouvem só lamentos,
Golpes crueis que se dam!
As vozes dos commandantes;
Os relinchos dos ginetes;
As espadas, os montantes
Batendo nos capacetes!
Essas vozes dos feridos
Soltando ais tão profundos;
Esses cortados gemidos
Do estertor dos moribundos!
A confusa gritaria,
Dessa batalha o estridor,
Em todos produziria
Receios, ancia, e horror;
Quanto mais em quem amava
Qual Dona Anna sabe amar,
Cujo amante lá andava
No combate a batalhar!!..

Castelhanos sam vencidos
Nos campos d'Algibarrota;
Ei-los lá vam perseguidos,
Na mais completa derrota:

O seu rey tambem fugia,
Por muitos seus escoltado;
Vasco Martins o seguia
Por cumprir o que ha jurado:
Corre veloz como o vento;
A espada brande na mão,
E a cada movimento
Deita um contrario no chão.
Lá chega ao rey de Castella,
Já com as maons lhe tocou;
Quer arranca-lo da sélla,
Prendê-lo tambem jurou.
Os castelhanos que viram
O seu rey em tal apêrto,
Para salva-lo accudiram
Aquelles que estam mais perto.
Vasco Martins não queria
Do rey as maons desprender,
Por isso não se podia
Dos contrarios defender.
De mil golpes trespassado,
Vasco Martins lá cahiu;
Mas seu voto denodado,
Morrendo, ao menos cumpriu.
Ao exhalar derradeiro
Extrêmo suspiro seu,
Só se ouviu ao cavalleiro
Dizer „*Dona Anna*! „ e morreu.

Contar os feitos, proêzas
Dos portuguezes, seria
Volume de gentilezas,
Que nunca se acabaria.
Está Portugal resgatado,

Já não teme estranho rey;
Já no throno está firmado
Um natural, por seu rey.

Os clamores da victoria,
Dona Anna afflicta, escuitava;
Esse clamor que é de gloria
Só martyrios lhe causava:
Gonçaleanes seu amado,
Talvez tivesse morrido;
Ou no campo abandonado
Esteja talvez mal ferido!

E lá partiu a donzella,
Foi o campo revistar;
Viu a charpa que foi della,
Correu, e foi-a apanhar:
Estava ao pé um cavalleiro
De mil golpes trespassado;
Era o triste aventureiro,
Vasco Martins desgraçado.
Sem parar passou ávante,
Piedade fria a tocou:
Gonçaleanes seu âmante
Vivo, e são já avistou.
Nos seus braços enlaçada
Já nada tem que temer:
Sua espoza idolatrada,
Vida d'amor vai viver.

FIM.

## NOTAS.

O argumento deste romance foi tirado da chronica d'ElRey Dom João 1.º, onde no capitulo 47, e seguintes se lê assim:

,, E porque em semelhantes feitos custumauam antiguamente os caualeiros por galantaria, ou fantezia, fazerem alguns votos, que elles chamauam denodados, que queriam dizer de atrevimento, e audacia, Vasco Martins de Mello o moço prometteo prender a ElRey de Castella, ou pôr as mãos nelle, Gonçaleanes de Castel de Vide fez promessa de primeiro que nenhum outro ferir com lança.,,

,, Alli (na batalha d'Algibarrota) se assinalou Gonçalo Anes de Castel de Vide, que prometteo ser o primeiro que ferisse de lança; o qual foi derrubado, mas sendo soccorrido se levantou. ,,

,, Os portuguezes que morreram da parte d'ElRey de Portugal foram Vasco Martins de Mello, que por cumprir o voto que fizera de prender ElRey de Castella, ou de por as maons nelle, vendoo fugir se foi apos elle, e metendo se entre a gente que o acompanhaua, foi conhecido pola cruz de São Jorge, que era portuguez, e foi logo morto por sua, se generosa, imprudente ouzadia, e mais temeraria promessa.,,

A batalha d'Algibarrota foi dada a 14 d' Agosto de 1385, e essa memoravel victoria libertando o reyno do poder de Dom João 1.º de Castella, segurou a Dom João 1.º de Portugal a coroa, que lhe fôra dada nas côrtes de Coimbra, pelos tres estados do reyno.

Não me permittia o curto espaço de meu Romance, traçar um maior quadro daquelle dia glorioso, que emancipou os portuguezes do jugo de Castella, e fixou no throno a dynastia d'Aviz. Aos chronistas pertence essa tarefa; o *trovador* bosqueja os factos, debuxando as scenas do coração.

Fazer reviver a lembrança desses dias de gloria, e de heroismo, é o meu constante fim; recordar a memoria dessa usança cavalheirosa = *os votos denodados* = é o objecto do presente romance: creio tê-los con-

seguido, se não de uma maneira digna d'ambos, ao menos na intenção digna delles.

Cada um dos heroes d'Algibarrota era de per si digno d'um poema; mas o interesse, que eu queria fazer nascer, morreria se o dividisse: abstrahi de todos elles para concentrar todas as sympathias do leitor, no objecto que me propuz tratar = *os votos denodados* = e nos cavalleiros que os fizeram.

O chronista referindo esta antiga usança diz „ que os cavalleiros faziam estes votos por galantaria, ou fantezia „ por isso eu busquei explicar o motivo que determinou os dois cavalleiros a fazerem tão arriscadas, e temerarias promessas. *Galantaria* quer dizer, *namoração*; era com feitos d'extremado valor que os cavalleiros galanteavam as damas que adoravam; e com essas luctas d'heroismo, que disputavam os premios da belleza.

A epocha, e o reynado de Dom João 1.º foi a epocha da cavalleria; a elle pode chamar-se o rey-cavalleiro: foi então que teve lugar o desafio dos doze d'Inglaterra com os doze cavalleiros portuguezes commandados pelo nosso celebre Magriço, de cuja facção fez parte o illustre Conde de Abranches; e que, objecto de um episodio dos Lusiadas de Camoens, é como a filosofia da vida social d'então.

A antitheze perfeita daquella epocha, é a de hoje, de egoismo, e d'acçoens, não de valor, e de abnegação pessoal, mas de *banco* e *de associaçoens pecuniarias.* O problema que d'antes se tratava de resolver era,

“ *adquirir mais gloria no menor tempo possivel*” agora o unico de que se estuda a resolução é “ *adquirir mais dinheiro no menor tempo.* ” É por isso necessario fazer lembrar esses feitos primorosos de nossos maiores, para que seu nobre exemplo sirva d'estimulo a coraçoens não pervertidos ainda pelo contagio pestillente do egoismo. E quando minhas singélas trovas não alcancem tanto, fique-me dellas a satisfação de haver trabalhado para tão nobre fim: como Vasco Martins de Mello, o moço, morrerei na lide; como elle a comecei, sem esperança de galardão.

FIM DAS NOTAS.

# O Conde de Abranches.

DEDICADO

A meu primo e amigo

*Francisco da Silveira Pinto*

*da F.*

Estampa 3.ª

J. A. Corrêa, Lith. Porto 1845 Lit.ª Lith. de M.el Luiz da C.ª

## O CONDE DE ABRANCHES.

„ *Que o grande aperto em gente, inda que honròsa,*
„ *A's vezes leis magnanimas quebranta.„*

CAM. LUS.

## CANTO I.

Nos paços ducaes pouzava
Em Coimbra, o nobre Infante,
Que Dom Pedro se chamava;
Duque, e senhor mui prestante:
Filho de João primeiro,
Irmão d'ElRei Dom Duarte,
Por completo cavalleiro
Respeitado em toda a parte:

Do mundo tinha corrido
Os reynos mais principais;
A cercos tinha assistido,
Muitas batalhas campais:
Teve em paz, como regente,
Todo o imperio portuguez;
E sabio, justo, e prudente,
Em seu pról todo o bem fêz:
Affonso quinto educára
Para ser um grande rey;
O seu valor lhe inspirára,
Seu amor á patria, á ley.
Apenas viu que podia
Seus reynos bem governar,
Sem demorar um só dia,
Foi a regencia abdicar.
Não augmentou seu estado,
Nem quiz outro galardão
Mais do que, ter conservado
Sempre feliz a nação.
Não carece mais riqueza,
Maior estado, ou poder;
A sua maior grandeza
Da honra faz depender.
Porem ElRey escolheu
Maneira de premia-lo;
Dona Izabel lhe requereu,
Tio, e sôgro quiz chama-lo.

Por que motivo está agora
Tão triste em seu apozento
O illustre Infante, que fôra
Da côrte o brilho, e ornamento?
Qual será a immensa mágoa

Que o nobre peito lhe opprime?
E lhe accende a intensa frágoa
Que nos suspiros exprime?
Por que motivo o seu rosto
Em variadas convulsoens
Mostra, não só um desgosto,
Mas da raiva as contracçoens?
Como que foi insultado,
Dura affronta quer vingar,
Mas não pode: e, desgraçado,
Ha de a injuria supportar.

„ Que importa ser cavalleiro
„ Fiél á patria, e á ley;
„ Ser filho de João primeiro,
„ Tio, e sôgro ser d'ElRey?
„ Qu'importa haver governado
„ Sempre os povos com justiça;
„ Haver dos grandes coarctado
„ O despotismo, a cubiça?
„ Ter os meus bens dispendido
„ Em proveito da nação;
„ Ter o meu sangue offerecido,
„ Sem requerer um galardão?
„ Galardoens não cubiçava;
„ Eu fazia o meu dever;
„ Minha alma se contentava,
„ Sem mais premio appetecer:
„ Mas em paga de haver feito
„ Tudo quanto em mim cabia,
„ Vejo-me agora suspeito
„ De traição, de aleivosia!!
„ Eu! suspeito de traidor!!
„ Pode em mim caber traição??

,, É a injustiça maior,
,, A maior ingratidão. ,,

Como quem não pode tanto,
Tanto penar já soffrer,
Cortada a voz pelo pranto,
Nada mais poude dizer.
Já velho, seu nobre rosto
Grisalhas barbas guarnecem;
E as rugas do desgosto
Na bella fronte apparecem.
Estava só, com seus cuidados,
Ninguem o vira chorar;
Esses prantos tão salgados,
A todos quer occultar.

Os olhos humidos volta
Para os campos do Mondêgo;
Profundo suspiro solta,
E diz; ,, Tudo em socêgo...!
,, Tudo em paz tranquillo agora!
,, A lua tudo alumia!
,, Só eu vélo a toda a hora!
,, Tristeza, a luz que me guia!
,, Irmaons! sobrinhos! parentes!
,, A quem só bens tinha feito;
,, A quem, por vê-los contentes,
,, Déra o sangue do meu peito;
,, A quem, por tê-los amigos,
,, Bastava só gratidão;
,, Sam esses, meus inimigos,
,, Querem minha perdição!!
,, Izabel! filha querida!
,, Teu espôzo quer minha vida!

,, Intrigas dos cortezaons
,, Podéram mais que a justiça;
,, Esforços todos sam vaons
,, Contra as manhas da cubiça.
,, Como traidor! como falso
,, Fui no reyno apregoado!!
,, Falta só o cadafalso;
,, O algôz está preparado!!.
,, Em terra estranha eu achei
,, Lealdade, e gratidão,
,, Na minha patria encontrei
,, Só perfidia, e ingratidão!
,, Até os mouros descridos
,, Me foram sempre leaes;
,, Meus parentes mais unidos
,, Sam meus imigos mortais!
,, E porque? malditta inveja!
,, E porque? vil ambição!
,, Cada um delles dezeja
,, Retalhar-me o coração.
,, Querem haver meu despôjo,
,, E reparti-lo entre si;
,, Quando me virem de ròjo
,, Já nem se lembram de mi.
,, Devo morrer... sim... nem quero
,, Tão triste vida arrastar;
,, Morrer com honra, eu espero,
,, Como vivi, acabar.,,

Nisto á porta do apozento
Vem de manso alguem bater;
Suspenso fica um momento
O Infante sem responder:
,, Quem está hi?,, depois pergunta:

Respondem „ Senhor! sou eu: „
Ergue a vista, as maons ajunta;
A abrir a porta corrêu.

Por que razão o Infante
Mudou do rosto a expressão?
Teria naquelle instante
Mór tortura o coração?
Oh! vêde como elle abraça
Tristemente essa donzella,
Tão pura, e cheia de graça,
Tão louçãa, donosa, e bella.

O Infante.

„ Beatriz! que me querias?
„ Que queres tu, meu amor? „

Beatriz.

„ No saráo não apparecias;
„ Vinha chamar-vos, senhor. „

O Infante.

„ Tens razão; já me olvidava;
„ Eu vou já: vai tu diante. „

E nos braços apertava
Tenra filha, o triste Infante.
Nesse abraço tão estreito,
Oh! quantas mágoas dizia!
Era pay, e o terno peito
Futuro horrivel pre-via.

BEATRIZ.

„ Senhor! que tendes? chorais!?!„

O INFANTE.

„ É de ternura por ti. „

BEATRIZ.

„ O vosso rosto occultais?!?„

O INFANTE.

„ Tu não vês que óra sorri. „

Um sorrizo de tristura,
E de prantos misturado,
Exprimiu toda a tortura
Daquelle pay desgraçado.

A linda filha beijava
A mão do pay ternamente;
Alegre, e triste chorava,
E ria como contente.
Como é feliz esse estado
D'innocencia, e de prazer
Do filhinho, acostumado
A carinhos receber
De seu pay, que o estremece,
Que o ama, quazi o adora
Por tal arte, que parece
Crescer o amor cada hora!

Ao saráo vai o Infante,
Por Beatriz precedido:
Nem demostra no semblante
Penas, que havia escondido.
Já estam nas salas douradas,
Onde o Infante recebia,
As pessoas convidadas,
A quem alegre acolhia.

Dam signal os instrumentos;
As dansas vam começar;
Do prazer vôam momentos,
Que é preciso approveitar.
Algumas damas dansavam
Com alguns dos cavalleiros,
Quazi todas escuitavam
Mil discursos lisongeiros.
Umas bordavam lavores,
Letras, cifras namoradas,
Outras conversam d'amores
Por mil artes costumadas:
Uma flor, que adorna o seio,
D'uma fita, ou laço a côr,
Dizem *esperança*, *receio*,
Muda lingoagem d'amor.

Tudo parece animado,
Tudo ventura, e prazer;
Pela apparencia julgado,
Certo que assim ha de ser:
Mas descendo ao coração
Ás vezes é a alegria
A mais sublime expressão
D'alma, que muito soffria:

É um tormento de mais
Ser obrigado a fingir;
Não basta calar os ais,
Inda é preciso sorrir.
Assim era o nobre Infante;
Quem o visse não julgava
Que, o prazer do seu semblante,
Profunda mágoa expressava.
Á espoza, aos filhos occulta
O seu intenso pezar;
Dentro do seio o sepulta,
Só por não vê-los penar.

Todo armado, um cavalleiro
As portas da sala entrou;
O Infante, que o viu primeiro,
Deste modo lhe falou:

O Infante.

„ Bem vindo! Conde de Abranches!
„ Bem vindo sejais aqui.„

O Conde.

„ É mister a sós falar-vos,
„ E já, senhor, consenti.„

Como é triste esse ar tão serio
Do nobre rosto do conde?
Qual será esse misterio,
Que dentro d'alma elle esconde?
Para o vão de uma janella
Com o Infante vai falar;

Conversa qual seja aquella
Ninguem ousa perguntar.

„ Vingança! „ bradou o Infante:
„ Vingança! „ o conde bradou:
„ Vingança! „ naquelle instante
Todo o paço retumbou.

FIM DO CANTO I.

## O CONDE DE ABRANCHES.

„ *Escolheo bem com quem se alevantasse,*
„ *Para que eternamente se illustrasse.*"

CAM. LUS.

# CANTO II.

O conde já relatára
Tudo quanto havia feito;
Ante ElRey como reptára
Tres a tres por seu respeito:
Como os termos da brandura
Tentára todos em vão;
Que d'ElRey fora loucura
Querer mudar a condição:

Emfim que não tem já agora
Outros meios a escolher;
Sahir do reyno para fóra,
Ou com armas combater.

O INFANTE.

,, Não vês tu que é rebeldia
,, Contra ElRey armas tomar?,,

O CONDE.

,, Mas, senhor, é covardia
,, Offensa inulta deixar.,,

O INFANTE.

,, ElRey quer a minha morte!
,, Não quer ouvir a razão!
,, Pois bem, irêmos á côrte,
,, Ouvir da morte o pregão.,,

O CONDE.

,, Não queira Deus seja assim;
,, Vós tendes muitos vassallos,
,, E amigo tendes em mim,
,, Capaz de bem commanda-los.
,, Consenti, senhor, que eu seja
,, De vossa honra o campeão;
,, Não queirais perdida eu veja
,, Desta empreza a occasião.,,

O Infante.

„ Não devo, conde, não devo
„ Tomar armas contra ElRey:
„ Seu vassallo, não me atrevo
„ A faltar assim á ley.„

O Conde.

„ Não tendes, senhor, já feito
„ Quanto devieis fazer?
„ Que mais provas de respeito
„ ElRey podia querer?
„ Vós Infante, e cavalleiro
„ Da ordem da Gorrotêa!
„ Querereis ser o primeiro
„ Que a espada do algoz estrêa!
„ Cuidais vós que a innocencia
„ Pode o algoz desarmar?
„ Que ha na côrte consciencia,
„ Quando alguem quer condemnar?
„ Não sabeis que a vil intriga
„ Pode alli mais que a razão!
„ Que a côrte julga inimiga
„ De uma alma nobre a izempção?
„ Não sabeis que a obediencia
„ Não é um cégo dever?
„ Que é direito a resistencia,
„ Nossos fóros defender?
„ De outra sorte a tyrania
„ Fizéra as vezes de ley;
„ Nem outra ley haveria
„ Mais que o alvitre de um rey.
„ Nós tambem temos direitos,

„ ElRey guarda-los jurou;
„ Nem obrigam nossos preitos,
„ Se a fé jurada quebrou.
„ Fostes acazo citado
„ Perante algum tribunal?
„ Acazo fostes julgado
„ Por um juiz vosso igual?„

Lucta cruél se travava
Dentro d'alma do Infante;
Os martyrios que passava,
Bem os demostra o semblante.
Leal seu peito não queria
Como revél parecer;
Mas sua honra lhe exigia
Seus direitos defender.

O Infante.

„ Conde! emfim hei resolvido
„ A triste vida acabar;
„ Ao que soffro, ao que hei soffrido,
„ Que outro fim eu posso dar?
„ Irmão d'armas! cavalleiro!
„ Queres seguir minha sorte?
„ Queres ser meu companheiro
„ Na triste vida, e na morte?„

O Conde.

„ Palavras sam escusadas
„ Para dizer-vos que sei;
„ Nem mercês tão sinaladas
„ Nunca de vós recebi.

,, Irmão d'armas, cavalleiro,
,, Quero seguir tua sorte;
,, Quero ser teu companheiro
,, Na triste vida, e na morte. ,,

O Infante mandou chamar
Um padre, seu capellão;
Uma hostia fêz consagrar
Com respeito, e devação:
Foi a hostia repartida,
O Infante, e o conde a tomáram,
E com voz enternecida
Esta promessa juráram:
,, Irmão d'armas! cavalleiro!
,, Juro seguir tua sorte;
,, Juro ser teu companheiro
,, Na triste vida, e na morte.,,

Esse augusto juramento
Eternamente os ligava;
Nem o frio passamento
Sagrada prizão quebrava:
Não era como hoje em dia
O juramento — *illusão* —
Quando alguem o proferia,
Era d'alma, e coração.
Ouza agora o egoismo
Quazi-barbaros chamar
Esses tempos de heroismo,
Que devemos respeitar!
Com a palavra sonóra,
A que chama *illustração*,
Os vicios todos colóra,
Chama *virtude* á *traição*!

Do juramento escarnece,
Com manhas vis o illude,
É o seu Deus o *interesse*,
A que só chama *virtude*!

O Infante, e conde assentáram
No que deviam fazer;
Suas tropas ajuntáram
Dispostos a combater.
Suas armas não levantam
Contra a pessôa d'ElRey;
Sua fé não lhe quebrantam,
Só pedem justiça e ley.

Já o Infante se despede
Da familia consternada;
Em vão o intento lhe impede
A espoza, a filha adorada:
Um fatal pressentimento
O coração lhe adivinha;
É solemne esse momento
Em que a morte se avisinha:
É terrivel esse instante,
Esse adeus da despedida,
Esse adeus que diz o Infante
Á espoza, á filha querida.

Lá vai caminho da côrte,
Onde ElRey manda avisar,
Que armado vai desta sorte,
Por ciladas evitar:
Porem ElRey instigado
Pelos imigos do Infante,

Ao campo sahiu armado,
D'Alemquer pouco distante.

Nos campos d'Alfarrobeira
Os dois reaes se avistáram,
E dos tigres á maneira,
Batalha horrivel traváram:
Eram todos portuguezes!
Todos parentes! irmaons!
E as lanças rompem arnezes!
Sam fratricidas as maons!

Guerras civis instigadas
Por ambição infernal,
Bellas folhas tem manchadas
Da historia de Portugal!
Ah! não celebrem teus cantos
Guerras civis, trovador!
Triste a victoria, só prantos
Colhe em fructo o vencedor.

Agúda flexa arremessa
Contra o Infante occulta mão,
A armadura lhe atravessa,
Atravessa o coração.
No mais forte da peleja
Andava o conde involvido;
Salvar o Infante dezeja,
Porem não tinha podido:
Inutil foi seu cuidado,
Já lhe não poude valer;
De vencer estava cançado;
O que lhe resta? morrer.

,, Irmão d'armas! companheiro!
,, Eu vou seguir tua sorte;
,, Holocâusto derradeiro
,, Eu te offereço em minha morte!,,
E ao Infante abraçava,
Sem os golpes evitar;
E aos contrarios bradava;
,, *Fartar*! *rapazes*! *fartar*!,,

Modêlo da lealdade,
Assim o conde expirou,
Por ser fiel á amizade,
Por cumprir o que jurou.

Quando fores, caminheiro,
Vêr a igreja d'Alemquer,
Attenta bem no letreiro
Que humilde campa ha-de ter:
Essa campa o conde encerra,
Cuja singéla inscripção,
Toda coberta de terra,
Diz; *Aqui jaz um christão.*

Fim.

## NOTAS.

Foi tirado este romance da chronica d'El-Rey Dom Affonso 5.° e é o seu principal fim cantar o sacrificio da amizade cavalheiroza do Conde de Abranches Dom Alvaro Vaz de Almada, pelo desditoso Infante Dom Pedro, Duque de Coimbra, mortos ambos na batalha d'Alfarrobeira, junto a Alemquer, em uma terça feira 20 de Maio de 1449.

Era o Conde de Abranches fidalgo principal destes reynos, e fôra um dos compa-

nheiros de Magriço, na expedição d'Inglaterra; cujo feito deu lugar ao bello episodio do canto 6.° dos Lusiadas de Camoens.

É tão singélo, e elegante o estilo do chronista d'Affonso 5.° que transcreverei as suas proprias palavras, ácerca do Conde de Abranches, e seu tragico fim.

„ Por este tempo chegou de Ceita o Conde de Abranches Dom Alvaro Vaz de Almada, o qual como grande servidor que era do Infante Dom Pedro, e inimigo do Conde de Ourem, não foi recebido, e agasalhado dos grandes, como por seu valor merecia. Mas, como elle, era de grandes espiritos, e animo generoso, com grande esforço, e audacia em publico, e em secreto defendia a honra, e causas do Infante, e affeava as maldades, e falsos testemunhos, que seus inimigos contra elle ordenavam. E posto que induzissem a ElRey, que não ouvisse ao Conde, e o mandasse ir fóra do reyno, ElRey por ser inclinado a exercicios militares, e grandes emprêzas, folgava muito de o ouvir, e o tinha em muito, por ouvir muitas vezes ao Infante Dom Henrique, que elle era o mais esforçado cavalleiro, e déstro nas armas que havia em Hespanha..................

„ Vindo ao conselho, o Conde com rosto de homem, que mais parecia ameaçar que temer, e com muita autoridade fallou na prizão com que o ameaçavam, sob color de conselho, e aviso, e na muita bondade, e limpeza do Infante, que mostrou com tantas, e tão claras razoens, que se não podiam

negar; e concluindo que quaesquer pessoas que do contrario tinham informado a El-Rey, eram máos, e trédores, e com licença d'ElRey os combateria por armas elle só a tres delles os melhores juntamente......

,, Passados alguns dias, apartando-se o Infante com o Conde de Abranches em hua camara, lhe dice, que havia muitos dias, que dezejava acabar a vida, se vida se podia chamar a que com tanta affronta, e com tão continuos trabalhos vivia............... e que folgaria de saber, se no dia que elle Infante morresse, queria ser na morte seu companheiro?.........

,, O Conde lançou-se-lhe aos pés, e beijando-lhe as maons, respondeo: que eram escusadas palavras para lhe encarecer tamanho contentamento, como era para elle morrer, e viver servindo-o...........

,, E para mayor confirmação daquelle pacto mandou logo chamar o Doctor Alvaro Affonso, que era sacerdote, a quem o relatou, e lhe rogou, que sobre elle lhes desse logo o Sancto Sacramento da Comunhão... ...... e ambos o tomáram com muita devassão, e contrição de seus peccados, affirmando, e protestando cada hum delles, que como fiél christão, e vassallo d'ElRey o tomavam, e que seu fundamento era defender a pessoa e honra do Infante com razão, e justiça, e não offender a ElRey, nem a outra pessoa alguma. O Infante lançado com o peito no chão, e com os olhos cheos de lagrimas se feriu, e accusou de seus peccados;

e sobre a Comunhão tornáram a fazer solemnemente os seus prometimentos.

.......................................................

„ Ao Conde de Abranches, que andava por outra parte defendendo sua estancia, e posto em grande afronta, chegou hum moço chorando, e dizendo, que o Infante era morto. O Conde sendo esta nova certa anunciadora da sua morte, com rosto seguro disse ao moço que se calasse .........................

„ Emfim desfallecido do muito trabalho, e cançasso, fallando com seu corpo disse: Já vejo que não podes mais: e tu minha alma já tardas, e com isto cahiu no chão, não vencido, mas cançado de vencer; e despois de cahir disse aos que o feriam: Fartar rapazes. Foram tantos os que sobre elle acudiram, para se gabarem que em batalha matáram, ou feriram ao Conde de Abranches, que dos muitos golpes que recebeu, em breve despediu a alma, para ir acompanhar a do Infante Dom Pedro, como lhe tinha prometido ...............

„ Foi merecedor o Conde Dom Alvaro Vaz de Almada, que por tão raro exemplo se conte entre aquelles, que pelo sancto nome de Amizade foram celebrados, e se lerá, e perpetuará seu nome com o do Infante Dom Pedro. „

FIM DAS NOTAS.

# O Massinga.

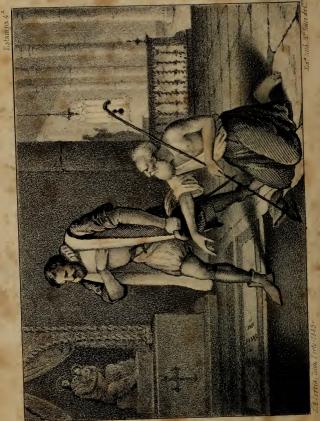
DEDICADO

A meu primo e amigo

*Visconde da Varzea*

Estampa 4.ª

J. A. Corrêa, Lith. Porto=1845=

Lx.ª lith. M.el Luiz da C.ta

## O MASSINGA.

„ *E aquelles que por obras valerosas*
„ *Se vam da lei da morte libertando ,*
„ *Cantando espalharei por toda a parte ,*
„ *Se a tanto me ajudar engenho e arte.*

CAM. LUS.

Era noute; um cavalleiro
Chega a aldêa de Quintaens;
Aldêa que fica perto
Da villa de Guimaraens.
Monta cavallo possante ,
É modesto o seu trajar;
Vinha de terras distantes
Esta aldêa procurar.
Um só escravo o seguia ,
Indio parece na côr;
N'um palafrem cavalgando
Acompanha o seu senhor.

O cavalleiro é mancêbo,
Tem o rosto alvo, e corado,
Cabello, e barba, castanhos,
O talhe proporcionado.
Como funda cicatriz
Na face esquerda se via;
Porem, em vez de defeito,
Emblema d'honra parecia.

Quanto via o cavalleiro,
Silencioso contemplava;
As lembranças mais saudosas
Dentro d'alma recordava:
Era alli a sua patria;
Foi alli que se criou;
Foi alli que a vez primeira,
Unica vez elle amou.
Entre a esperança, e o receio
Sua alma se repartia;
Quem sabe se o pay já velho,
Terna may, inda vivia?
Quem sabe se a sua amada
Vive ainda, ou já morreu?
Quem sabe se foi perjura,
E do auzente se esqueceu?

Chega ao pé da casa antiga,
Morada de seus avós,
Bate á porta, e só respondem
Os echos tristes apoz.
Uma, e muitas vezes bate,
Mas ninguem lha vem abrir;
Talvez não tenham ouvido,
Estarão todos a dormir!

Já o escravo se apeára,
O cavalleiro tambem;
Porem por mais que batiam,
Não lhes responde ninguem.

O Escravo.

,, Meu senhor! vamos ávante;
,, É inutil mais bater:
,, Em qualquer outra pouzada
,, Nos podemos recolher.,,

Mas o senhor não curava
Do que o escravo lhe dizia,
Á porta como escuitando
Se alguma voz respondia.
Estava o escravo impaciente
Vendo seu amo a esperar;
E sem faltar ao respeito
Assim prosegue a fallar.

O Escravo.

,, Vós, Massinga de Pegu!
,, Rey de tantos reys poderosos!
,, Como Deus quazi adorado
,, Pelos Bramas respeitosos!
,, Bateis agora a uma porta
,, Que ninguem vos quer abrir!
,, Meu senhor! vamos ávante;
,, É melhor d'aqui fugir.
,, Voltemos á minha terra,
,, Voltemos a Sirião;
,, Lá, senhor, tendes vassallos,

„ Que a vida por vós darão:
„ Aqui, senhor, só ingratos
„ Té-gora tendes achado
„ Que, em troco de um vasto imperio,
„ Nada, senhor, vos ham dado!„

O Massinga.

„ Por ditoso eu me daria
„ Se esta porta se me abrisse;
„ Se tudo quanto me é caro
„ Achasse vivo, e eu visse.„

Nisto passa um caminheiro;
O cavalleiro o chamou;
Pelos donos dessa casa
Com ar triste perguntou.

O Caminheiro.

„ Os senhores dessa casa
„ Não ha muito que morreram;
„ Tinham na India tres filhos,
„ Dois dos quais lá pereceram;
„ Do outro, que se chamava
„ Salvador Ribeiro e Souza,
„ Contam-se tais maravilhas,
„ Que o povo crê-las não ouza:
„ Dizem que com muito poucos
„ Portuguezes, conquistára
„ O imperio de Pegú,
„ E como rey se acclamára:
„ Tambem se diz que deixando
„ Reynos que havia ganhado,

„ Tudo ao Viso-rey da India
„ Leal havia entregado.
„ Se acazo vindes da côrte
„ Bem o podeis vós saber;
„ E de Salvador Ribeiro
„ Noticias podeis dizer.
„ Mas, senhor! vós estais chorando?
„ Sereis vós?!? ah! sois de certo:
„ Palacio de vossos pays
„ Achastes, orfão, deserto.... „

Dor que afflige ao cavalleiro
Com pranto a voz lhe cortou;
Só responde entre soluços:
„ Salvador Ribeiro eu sou. „

## O Caminheiro.

„ Amanhãa tomareis posse
„ Da casa de vossos pays,
„ Que vivendo sempre honrados
„ Não deixáram cabedais.
„ Vinde, senhor, eu vos guio
„ Onde pouzada achareis;
„ Tem a cabana do pobre
„ Dado abrigo a muitos reys. „

Foi tão viva a sua instancia,
Que o cavalleiro aceitou;
E como agradecendo
Caloza mão lhe apertou.
O honrado caminheiro
Era em Quintaens lavrador;
Gil Fernandes se chamava,

E da aldêa era o melhor.
Vivia quazi defronte
Em propria casa, abastado;
Seus trabalhos, e fadigas
Tinha Deus abençoado:
Sem dezejar mais riqueza,
Nunca sahiu de Quintaens
Mais que a vender os seus fructos
Á feira de Guimaraens.
Sua mulher, seus filhinhos
Completam sua ambição;
Seu amor, tão innocente,
Enchia o seu coração.
E se acazo algum mendigo
Alli o pão vem pedir,
Nunca se viu sem esmola
Daquella casa sahir:
Por isso Deus abençoa
Gil Fernandes, lavrador,
Porque reparte c' o pobre
Os fructos do seu suor.

Lá conduz a sua casa
O escravo, o cavalleiro;
Á espôza, aos filhos presenta
Nobre Salvador Ribeiro:
E cada qual á porfia
Corre o escravo a ajudar;
A ceia o quarto prepáram
Alegres, sem descançar.

Salvador Ribeiro, triste,
Seus mortos pays recordava;
Como filho carinhoso,

Orações, prantos lhes dava.
Agora só que lhe resta?
Fallaz esperança d'amor:
Viverá a sua amada?
Ou terá outro amador?
Estas perguntas fazia
Dentro do seu coração;
E o receio augmentava
A sua consternação.
Dona Guiomar da Silva
Fôra o seu amor primeiro;
Com ella fôra educado
Nobre Salvador Ribeiro:
Amor singélo, innocente,
Com elles ambos crescêu;
Mas eram filhos segundos,
E nada tinham de seu:
Os seus pays não consentiram
Que tão pobres se cazassem;
E os dois ternos amantes
Fizeram se separassem.
Salvador Ribeiro então
Para a India se partiu;
Com a força de seu braço
Riquezas, gloria adquiriu:
Vasto imperio de Pegú,
Seu esforço conquistou;
Como rey foi acclamado,
Massinga o povo o chamou.
Porem nunca a sua gloria,
Nem seu immenso poder
Fizeram, que um só momento
A amada possa esquecer.
Se quizesse bem podéra

Seu imperio conservar;
Bem soubéra defendê-lo
Quem o soube conquistar:
Mas seu peito é tão honrado,
Sua alma tão portugueza,
Que pelo rey, pela patria
Imperio rico despreza.
As intrigas d'invejosos
Bem podéra destruir;
Com sua grandeza d'alma
Somente os quiz confundir:
Do Viso-rey ao mandado
Sua conquista entregou,
E pobre, como partira
Para o reyno se tornou.
Na côrte só encontrára
Como premio, a ingratidão;
Vinha buscar nesta aldêa,
Socêgo, consolação.
Ao chegar á sua casa,
Pay, e may não encontrou;
A dura fouce da morte
Caras vidas lhes ceifou:
Debaixo de estranho tecto
Abrigo só poude achar,
Quem um reyno conquistára,
Quem já rey se ouviu chamar!!

Já tudo está preparado,
A ceia, o quarto melhor;
E nada tinha esquecido
Ao honrado lavrador.
Porem Salvador Ribeiro
Na ceia não quiz tocar;

Entregue á sua tristeza,
E pensando em Guiomar.
Por Gil Fernandes podéra
Noticias della saber;
Mas seu peito não ousava
Esta pergunta fazer.
Uma esperança derradeira
Sua alma quer illudir;
E receia um desengano
Venha a esperança destruir.
Elle que, tão esforçado,
Nunca a morte receou.
Cuja vida tantas vezes
Nos combates arriscou;
Uma pergunta sómente
Fazer agora temia;
Dessa pergunta, e resposta,
Mais que a vida dependia.

Era tarde, e Gil Fernandes
Ao seu quarto o conduziu;
Porem Salvador Ribeiro
Toda a noute não dormiu.
Ante-manhãa na igreja
Ouviu um sino tanger,
Cujo som pauzado, e rouco,
Fêz seu peito estremecer:
Chamava á missa das almas
Aquelle sino da igreja;
Por alma dos pays, tão caros,
Ouvir a missa dezeja.
Em casa todos parecem
Que ainda estam a dormir;
Podia, sem acorda-los,

Do quarto á rua sahir.
Outra vêz tangeu o sino
Quando a aurora alvorecia;
Salvador Ribeiro e Souza
Para a igreja se partia.
Passou ao lado da casa
Em que seus pays habitáram;
Onde os seus primeiros annos
Tão alegres se passáram;
Onde amor lhe deu esperanças
De um venturoso porvir:
E viu a casa deserta,
Em ruinas quazi a cahir!
Essas ruinas lhe parecem
Como um agoiro fatal,
Que desgraças annuncia,
Que lhe dá golpe mortal.
Lá entrou para a igreja,
A missa vai começar;
Junto á porta ajoelhado
Ficou attento a rezar.
A missa já se acabára,
Todo o povo se auzentou;
Salvador Ribeiro, e um pobre,
Ninguem mais alli ficou.

O pobre estava rezando
Com fervor, e devação;
Juncto a uma campa de lucto
Fazia sua oração.
Salvador Ribeiro chega
Aonde o pobre rezava,
Pela campa de seus pays
Ao mendigo perguntava.

O Mendigo.

,, Nessa campa á mão direita
,, Agora jazem os dois;
,, Viveram junctos na vida,
,, Uniu-os morte ao depois.
,, E nesta campa enluctada,
,, Juncto á qual estou a rezar,
,, Jaz a mulher mais constante,
,, A fermoza Guiomar.,,

Sem acordo, o cavalleiro,
Cahiu tranzido no chão;
Os soccorros sam baldados
Quando morre o coração.

Fim.

## NOTAS.

No Indice chronologico das navegaçoens, viagens, e conquistas dos portuguezes nos paizes ultramarinos desde o principio do seculo quinze, do Exm.º Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, se acha a paginas 192 o seguinte:

„ Anno de 1600. O celebre Portuguez Salvador Ribeiro de Sousa fundou neste anno huma casa forte no *Pegú*, na foz de Sirião, e depois de varios casos, e extraordinarias

façanhas chegou a ser acclamado Rei de *Pegú* em 1603. Acha-se a Relação deste notavel facto impresso com o *Itinerario de Tenreiro* em algumas ediçoens de Fernam Mendes Pinto, e determinadamente na ultima de 1829.,,

Foi dessa Relação citada pelo nosso eruditissimo Patriarcha, que eu tirei o assumpto deste meu pequeno romance.

Salvador Ribeiro de Sousa era digno de um poema que celebrasse o seu illustre nome, e perpetuasse a memoria de suas prodigiosas façanhas, e mais extraordinarias virtudes: não podendo alçar tão alto os meus vôos, recordo ao menos seu nome, e a ingratidão com que seus feitos foram premiados.

Quem ler minhas singelas trovas, sem arte, e sem alinho, dará tardio galardão de piedade ao heroe de meu romance; comigo derramará algumas lagrimas de saudade á sua memoria; e ellas darão refrigerio ás cinzas, que uma criminosa ingratidão tinha requeimado.

Para mais cabal conhecimento de meus leitores farei o resumo da Relação da conquista de Pegú, já citada.

,, Era Salvador Ribeiro de Sousa natural do couto de Ronfem, districto de Guimaraens, na provincia de entre Douro, e Minho, aonde nasceu em Quintaens; e era filho de Fructuoso Gonsalves de Sousa, de limpo, e nobre sangue. Com dous outros irmaons seus partira para a India, a fim de alli ganhar nome, e riquezas, como na-

quelles tempos faziam os nobres de Portugal, muitos dos quaes lá acháram honrada sepultura, e entre esses lá morreram os dois irmaons ds Salvador Ribeiro.

,, Voltava este para o reyno, a requerer a satisfação dos serviços de seus irmaons, e a dos seus proprios em muitas, e muito honradas facçoens, como na dos navios de Méca, rota da armada de Cutimuça, Marcá no rio de Cardiva, sendo capitão do Cunhale, e jornada de Jáfanapatão, bem como na famosa retirada de Malvana, e outras perigosas occasioens em que alcançára muita honra, não menos de esforçado soldado, que de prudente capitão, quando a adversidade do tempo o obrigou a arribar ao golfo do Ganges em Junho de 1600, e tomar o porto de Sirião, no principal rio de Pegú.

,, Vendo Salvador Ribeiro quanto convinha ao imperio portuguez d'Azia, estabelecer naquella paragem uma feitoria, ajudado por Filippe de Brito de Nicote natural de Lisboa, que nesse tempo andava com outros portuguezes no serviço d'ElRey d'Arração, pediu, e alcançou licença do dito rey para alli edificar uma casa, o que com effeito poz em pratica, fingindo ser casa de mercador, mas fortificando-a ás escondidas.

,, Não tardou muito que o rey d'Arração se não arrependesse de haver dado tão imprudente licença; e receando que de futuro não podesse expulsar a quem tão levemente déra entrada, resolveu atacar, e desfazer a casa, ou antes forte que Salvador

Ribeiro tinha construido. Para esse fim desceu o rio com uma numerosa armada, contando com uma facil victoria, por não serem mais de trinta os portuguezes. Sahiu-lhe ao encontro Salvador Ribeiro, subindo em tres baixeis pelo rio acima, ajudado pela maré; e poude tanto o seu valor que, desbaratando a armada inimiga, conseguiu um rico despojo, excitando o terror e admiração de seus contrarios. Teve lugar este memoravel feito nos principios do anno de 1601.

„ Passados vinte dias veio o Banha Laó assentar o seu arrayal perto da fortaleza de Sirião, para com seu numeroso exercito a destruir, e seus defensores: porem Salvador Ribeiro, a quem os brios cresciam com o risco da empreza, com tal arte surprehendeu de noute o campo inimigo, que de sua propria mão matou o Banha Laó, dispersou o seu exercito, e incendiou as suas tendas.

„ Para tirar vingança da morte de seu genro o Banha Laó, veio o Banha Dalá cercar a fortaleza de Sirião. Por seis mezes durou o cerco, sendo terriveis os assaltos que de dia, e de noute soffriam os sitiados; e n'um destes foi ferido Salvador Ribeiro com um golpe que lhe cortou a face, desde a orelha esquerda até á boca. Durante estes seis mezes de rigoroso assedio teve Salvador Ribeiro que luctar com todas as adversidades, a guerra, a fome, o desalento, e insurreição de seus soldados, dos quaes onze o abandonáram, ficando só com dezoito companheiros, e tendo diante de seus

muros desmantelados um formidavel exercito. Tudo porem venceu a constancia deste heróe, porque soccorrido por umas náos de mercadores que alli aportáram, fez levantar o cerco, com grande gloria para as armas portuguezas, e gravissima perda dos inimigos.

,, Tendo sido morto ás pancadas o cruelissimo rey de Pegú, por seu cunhado o rey de Tangut, e sabida pelos Banhas, e Xemins a noticia de sua morte, instigados pelas profecias dos Talapoes, resolveram eleger por seu rey a Salvador Ribeiro de Souza, cuja fama de justiça, e rectidão igualava a de suas assombrosas victorias.

,, Instruido ElRey de Tangut da opinião dos Banhas, e Xemins, foi do mesmo parecer, não obstante ser elle pertendente á corôa, como cazado com a irmãa do rey morto. E para signal de sua approvação mandou a Salvador Ribeiro a Ola de ouro, que é uma folha, ao modo da lamina de ouro que pendia do sydate na testa do Summo Sacerdote Hebreu, com a qual costumavam coroar os reys.

,, Com todas as ceremonias usadas naquellas terras foi coroado, e acclamado rey Massinga de Pegú, o nosso Salvador Ribeiro de Souza, e quazi adorado como Deus pelos naturaes.

,, De todas as suas victorias, e successos deu Salvador Ribeiro parte ao Viso-rey da India portugueza, Ayres de Saldanha, o qual, com a maior ingratidão, nomeou a Filippe de Brito de Nicote, capitão mór, e con-

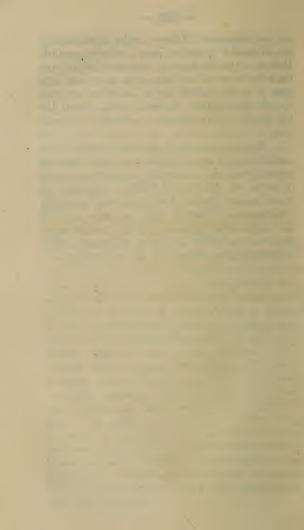
quistador de Pegú, para cuja conquista em nada concorrêra, estando dalli distante mais de duzentas legoas, e respondendo a Salvador Ribeiro com uma carta de agradecimentos, cujo sobre-escripto dizia assim = A Salvador Ribeiro de Souza, capitão da fortaleza de Sirião, em auzencia de Filippe de Brito de Nicote. =

„ Não foi esta ingratidão, por que não digamos affronta, bastante para que o Massinga rey Salvador Ribeiro de Souza deixasse de entregar a Filippe de Brito de Nicote o governo da fortaleza de Sirião; sendo este um dos mais subidos toques de lealdade, e grandeza d'alma que tem succedido em muitos seculos; porque se não é novo, antes usança antiga, pagar-se na nação portugueza, com ingratidão os maiores serviços, foi novo, e não visto termo essa generosa abnegação de Salvador Ribeiro de Souza, cedendo em proveito de outro, todo o fructo de seus extraordinarios serviços, dizendo que era vassallo do rey de Portugal, e que tudo quanto ganhára, com o esforço do seu braço, e sem ajuda alguma do estado, entregava a quem o seu Viso-rey na India ordenava.

„ Este heroismo desinteressado de Salvador Ribeiro foi mal recebido de seus soldados, e de todos os naturaes, que como rey, e senhor o queriam; os quaes amotinados quizeram estorvar a sua generosa resolução, tendo Salvador Ribeiro, mais trabalho em reduzi-los a obedecerem a Filippe de Brito, do que por ventura tivera para conquistar tão vasto imperio.

„ Já Salvador Ribeiro tinha abdicado, e se dispunha a partir para o reyno quando Banca, capitão afamado, ameaçou Sirião com uma forte armada: mas nem por isso deixou o nosso heróe de ir de novo arriscar a vida pela gloria de sua patria. Facil lhe foi esta ultima victoria, voltando a Sirião com os troféos della.

„ Eram tantas as lagrimas de seus leaes vassallos que, como fugindo a suas instantes importunaçoens, disfarçado se embarcou para o reyno em Março de 1603; *e deixando aquelle reyno em que Deus o levantára ao alto da humana felicidade, deu as vélas ao vento de largas esperanças, que de ordinario se desfazem naquillo de que se sustentam*: como elegantemente escreve o seu chronista.,,

Fim.

# O Manoelinho d'Evora.

DEDICADO

*A Mr. Ferdinand Denys.*

Estampa 5.ª

J. J. Correia, Lith. Porto-1845-

Lx.ª Lith. de M.el Luiz da C.ta

## O MANOELINHO D'EVORA.

,, *Como? da gente illustre Portugueza,*
,, *Ha de haver... ........................ ..*
,, *Quem negue a fé .........................*
,, *De Portuguez? E por nenhum respeito,*
,, *O proprio reino queira ver sugeito?*,,

CAM. LUS.

# CANTO I.

Na praça o povo Eborense
Em chusma estava apinhado;
Diceras que era um mar vivo
Pela tormenta agitado:
Como as ondas do oceano
Brame o povo com furor;

E aguarda junto da casa
Que habita o corregedor:
Da caza as portas parecem
Como um penhasco do mar,
Onde as ondas vam partir-se,
Sem que o possam derribar:
Respeito á ley as guardava,
E não da força o poder;
A do povo omnipotencia
Quem ha que possa empecer?
A's vezes podem tyrannos
As maons do povo algemar,
Calcar-lhe o collo que é livre,
E como escravo o tratar;
Mas em fim o povo acorda
Do seu ignobil dormir,
Ergue o collo, os ferros quebra,
Tyrannos seus faz fugir.
Esses que ha pouco insultavam
O povo d'alcunhas vís,
Quando o povo ergue a cabeça,
Fogem covardes reptis:
Ai daquelles que elle encontra
Nas horas do seu furor!
Esse povo, ha pouco escravo,
É dos tyrannos senhor:
Tão terrivel na vingança,
Como passivo em soffrer,
Esmigalha os seus tyrannos,
Folga d'ouvi-los gemer:
Compraz-se ver pelas ruas
Seus tyrannos arrastrados,
Os seus membros insepultos
Pelos caens dilacerados:

Porem sempre sam tão cegos
Os ministros das naçoens,
Que ao povo quanto mais soffre,
Mais lhe arrocham seus grilhoens!
Cuidando que o povo deve
Ter de Jób a paciencia,
Não se lembram tem limites
O soffrer, a obediencia;
E que se acazo algum dia
O soffrimento acabar,
Não podem humanas forças
Do povo as furias domar.

Muitos annos tem passado
Desde aquella hora fatal,
Em que de grilhoens cingido
Fôra o nosso Portugal;
Dom Filippe de Castella
Com ouro nos conquistou,
Quando orfãa nossa terra,
Cardeal-rey nos deixou:
Era o Duque de Bragança,
A quem a corôa tocava,
Mas ao rey astucioso
Direito não lhe importava.
Ficára o reyno exhaurido
Depois d'Alcacer quibir,
E ao poder castelhano
Não podémos rezistir;
Com tudo nossos direitos
Não quiz o rey contrastar,
Jurou guardar nossos fóros,
Para assim nos contentar;
Um desses fóros consiste

Em não pagarmos dinheiro,
Nem tributos, sem que as côrtes
Os votem, livres, primeiro;
Até aqui tem guardado
Essa ley da monarchia,
Porem Dom Filippe o quarto
Nossos fóros infringia:
Não se lembra que jurára
Respeitar as nossas leys,
Abusar dellas pertende;
Como fazem tantos reys!
Uns quinhentos mil cruzados
Mandou ao reyno pedir;
Sem a approvação das côrtes,
Os mandou logo exigir:
Ordenou que nas comarcas
Fossem os corregedores
Quem repartisse o tributo,
E fossem recebedores.
Tinha a Evora chegado
Corregedor a tal fim,
E mal o povo o soubéra
Fizéra grande motim.
O corregedor mandára
Juiz do povo chamar,
Para vêr se conseguia
Do povo a sanha abrandar:
E por isso o povo espéra
Á porta, muito agitado,
Entre receios, e esperança
Por saber o resultado.

Dura ha muito a conferencia,
Juiz do povo não vem;

Seu escrivão foi chamado;
Agoiro máo todos teem.
O povo não refuzava
Pagar o que ao rey devia;
Mas o tributo arbitrario,
Como illegal repellia;
Sem quebrar o acatamento
Ao magistrado d'ElRey,
Reclamava seus direitos,
O cumprimento da ley.

A cada instante augmentava
Das gentes a multidão,
E a demora accrescia
Ao receio, a indignação:
Quando apparece na praça
Um homem bem conhecido,
A cabeça descoberta,
Cabello negro crescido:
Sua estatura elevada
A todos muito excedia,
Sam collossaes os seus membros,
Como um gigante parecia;
Seus olhos chammejam fogo,
Como possésso em furor,
E a todos quantos o viam
Inspira pêna, e terror:
Chegou ao meio da turba,
Em meio della parou;
Depois d'impôr-lhe silencio,
Olhos ao céo levantou:
Breve espaço meditando
Naquillo que vai fallar,
Ergue a voz, como inspirado,

E assim começa a bradar:

,, Orfaons somos sem pay; como viuvas
,, Pranteam nossas mays nossa orfandade;
,, Peccaram nossos pays, e nós levâmos
,, O castigo da sua iniquidade!...

,, Vieram sobre nós gentes de longe,
,, Que n'aljava traziam nossas mortes;
,, Roubáram nossos gados, e seáras,
,, Assolaram cidades as mais fortes!...

,, Uns a outros venderam nossas cazas,
,, Nossas filhas, mulheres juntamente,
,, Nem commovêu a sua piedade,
,, O chôro do menino inda innocente!...

,, Roubaram nossa casa, a nossa herdade,
,, Que tudo se volvêu ao estrangeiro;
,, Até a nossa lenha vem por preço,
,, Bebemos a nossa agoa por dinheiro!...

,, Os moços tropeçaram sob a lenha,
,, Aos mancebos tomáram p'ra moêr;
,, Já não se assenta o velho á sua porta,
,, Já cessáram mancebos seu tanger!...

,, Perseguição cruel nós padecemos;
,, O pescoço do jugo está cançado;
,, Não ha de suas maons quem nos arranque,
,, E nos deixe folgar um só bocado?!...,,

Isto dice; e o povo attento,
Como inspirado o ouviu;

Tudo quanto o povo soffre,
O seu dizer exprimiu:
Do profeta Jeremias
Eram palavras sagradas,
Ao estado da patria em ferros,
Muito bem accomodadas.
Se o povo estava agitado,
Mais agitado ficou;
Quem lhe quebrasse as cadeias
Elle então só dezejou:
Ao confuzo murmurinho
Em signal d'approvação,
Se ouviram vozes do povo,
Clamores d'indignação:
Porem alguns mais prudentes
Fazem o povo amainar,
Dizendo, que a resposta
Devem primeiro aguardar;
Que Cezinando Rodrigues,
E mais o seu escrivão,
Ante o ministro d'ElRey,
Seus fóros deffenderão:
Que a ambos elles mandára
Chamar o corregedor,
Para os direitos do povo
Attender assim melhor.

E o povo, que facilmente
O inspirado agitára,
Cedêu á voz dos prudentes,
Tranquillo á espéra ficára.

Mas o profeta do povo
Outra vez torna a falar;

Sua voz pauzada, e forte
Faz na praça retumbar:

„ Ó filha do meu povo! cinge o saco,
„ E revolve na cinza o teu cabêllo;
„ Prantêa por teu filho pranto amargo,
„ Teu filho nunca mais tornas a vê-lo!...

„ Porque présto virá sobre nós outros
„ Destruidor cruel, falando engano,
„ Com palavras de paz, lingoa de setta,
„ Ciladas armará em nosso damno!...

„ Os principes serão, como já foram,
„ Pela mão dos algôzes enforcados;
„ Forçarão as donzellas, as mulheres;
„ Serão mancebos, velhos, insultados!...

„ Já nos cahiu a corôa da cabeça;
„ Na propria terra escravos, somos sós;
„ Em lucto se tornáram nossas danças:
„ Ai agora de nós!!...„

Em tanto que isto occorria
Á porta do magistrado,
É força que nós saibamos
O que dentro tem passado.
Ante o ministro viéram
Juiz do povo, e escrivão;
E o magistrado os tratára
Co' a maior contemplação:
Com palavras de brandura
Os pertendeu persuadir
Que aceitassem o tributo

Que lhes vinha alli pedir:
Que a rezistencia do povo
Elles podiam vencer,
Persuadindo aos populares
Voluntario obedecer:
Que se acazo o conseguissem
Lhes promettia favor,
Lhes daria grandes premios,
Officio muito melhor.

A isto João Barradas,
Que era do povo escrivão,
Homem de muito juizo,
Respondêu com attenção:
„ Se era o povo que devia
„ Esse tributo pagar,
„ Consentisse que primeiro
„ Lhe fossem ambos fallar:
„ Que tudo quanto occorresse
„ Lhe voltariam dizer;
„ Que antes disso não podiam
„ Cousa alguma prometter:
„ Os prémios que offerecia
„ Como injuria reputava,
„ Não tinham bens da fortuna,
„ Honra porem lhes sobrava:
„ O povo que os escolhêra
„ Fôra uma infamia trahir;
„ Por tal preço o mundo inteiro
„ Não quizéram possuir.„

O Corregedor.

„ Eu não vos peço conselho,

„ Muito menos condição;
„ Aceitai vós o tributo,
„ Como é vossa obrigação.
„ O livro dos moradores
„ Desta Cidade amostrai;
„ Quanto a cada um compete,
„ A cada um carregai.„

O Juiz do povo.

„ Bem quizéra obedecer-vos,
„ Cumprir a ordem d'ElRey;
„ Mas os direitos do povo
„ Guardar intactos jurei:
„ Nesse tributo não posso
„ Em seu nome consentir;
„ Do povo os foros antigos,
„ Vem o tributo infringir.
„ Só as côrtes é que podem
„ Novos tributos votar;
„ Sem o seu consentimento
„ Nós não devemos pagar:
„ ElRey não chamou a côrtes,
„ É o tributo illegal;
„ Sem que as côrtes o approvem
„ Nós não pagamos real.„

O Corregedor.

„ Juiz do povo! esqueceis
„ Que sou ministro d'ElRey?
„ Assentai já o tributo
„ Ou senão.... senão tremei...„

O Juiz do povo.

,, Bem sei que sois magistrado;
,, Sois d'ElRey corregedor:
,, Eu sou juiz deste povo,
,, De seus fóros deffensor....
,, Nem cuideis que as ameaças
,, Fazem minha alma tremer;
,, Sou portuguez; pela patria,
,, Por seus fóros sei morrer.,,

O Corregedor.

,, E ouzais vós fallar dessa arte?!
,, Vós! plebêo, rasteiro e vil?!
,, Não sabes posso esmagar-te
,, Sob o pé, como a um reptil?..—
,, Não sabes que á populaça
,, Não compete o discorrer?
,, Que ao povo, que é vil canalha,
,, Só compete obedecer?,,

O Juiz do povo.

,, Como vós, sou magistrado
,, Do povo que me elegêu;
,, Nem me julgo deshonrado
,, Por me chamardes *plebeo*:
,, Porem quando a um povo inteiro
,, D'alcunhas vis insultais....
,, Que se acaba o soffrimento
,, Quando é muito, não lembrais...
,, Este povo que ora calla,
,, Fez os Romanos tremer;

„ Onde nasceu Viriato,
„ Outros podem renascer. „

Ao ponto que isto dizia,
Cresceu na praça o rumor;
Que o povo mais se agitava
Conhece o corregedor:
Temendo que mais demora
Possa o negocio empecer,
Os aprestos do supplicio
Ante si mandou trazer.

O Corregedor.

„ Juiz do povo! estás vendo
„ O algôz agora aqui;
„ Não faças mais resistencia,
„ Ou senão... treme por ti. „

O Juiz do povo.

„ O teu algôz eu não temo,
„ Nem eu sei temer por mi;
„ É honrosa a minha morte,
„ A affronta só cahe em ti.
„ Do povo que me elegêra
„ Os direitos deffendi,
„ Nem por interesse, ou por medo
„ Os meus deveres trahi.
„ Quando os vindouros souberem
„ A razão porque morri,
„ Elles dirão, que és tyranno,
„ E que a morte não mereci.
„ Não demores meu supplicio,

„ Prompto já me tens aqui;
„ E plebêo, plebêo honrado,
„ Vou morrer como vivi.
„ João Barradas! dizei
„ Ao povo, que o não trahi;
„ Deffendendo os seus direitos
„ Dizei-lhe, que succumbi. „

O Corregedor.

„ Elle nada irá dizer-lhe,
„ Tambem vai morrer aqui;
„ Ó algoz! nos dois rebeldes
„ Minha sentença cumpri;
„ Enforcai-os sem demora,
„ Demasiado differi,
„ Lançai-os depois á praça,
„ Com pregão que diga assi:
„ = Justiça que ElRey mandou
„ = Nestes culpados fazer,
„ = E a mesma tem ordenado
„ = A quem não lhe obedecer. „

Já o algôz se apparelhava
Para a sentença cumprir,
Quando a voz do inspirado
Na sala se fêz ouvir:

„ Os principes serão, como já foram,
„ Pela mão dos algozes enforcados;
„ Forçarão as donzellas, as mulheres,
„ Serão mancebos, velhos insultados!...

„ Já nos cahiu a corôa da cabeça;

„ Na propria terra escravos, somos sós;
„ Em lucto se tornaram nossas danças:
„ Ai agora de nós!..„

Cezinando conhecêra
As vozes de quem fallou;
E do povo enfurecido
O murmurinho escuitou:
Uma esperança derradeira
Veio sua alma animar;
Com um veloz movimento
Poude á janella chegar,
E ao povo que está na praça
Assim começa a dizer:
„ Por deffender vossos fóros,
„ Ambos nós vamos morrer!...
„ A forca já está disposta,
„ O algoz já está aqui;
„ A corda está na garganta...
„ Acudi, povo, acudi!...„

Mais veloz que o pensamento
O povo inteiro acudiu;
A' furia que o animava
Quem se oppoz não resistiu:
As portas cahem por terra,
Como por encantamento;
Esbirros todos fugiram
Pondo a vida em salvamento:
Nem o ministro escapára
Do povo á sanha, ao furor,
Que em toda a parte procura
Colher o corregedor:
Mas em vão o procuraram,

O povo não o encontrou,
Nas cazas que elle habitava
A raiva sua empregou:
No seu delirio as riquezas
O povo não cubiçava,
Vindicava os seus direitos,
Seus tyrannos castigava:
Alfaias mais preciosas,
O ouro, a prata, o dinheiro,
Lançava pelas janellas,
Só na vingança interesseiro:
Nem houve um só desses tantos,
Tantos pobres, que apanhasse
Uma só dessas moédas,
Uma alfaia apropriasse!
Na praça immensa fogueira,
Em breve o povo accendêu,
A caza, alfaias, e tudo,
N'um momento tudo ardêu.
Cezinando, e João Barradas
Querem o povo applacar,
Mas o profeta do povo
Não cessava de bradar;
Percorrendo pelas ruas,
Pelas praças da cidade,
Gritava „ Portugal! viva!
„ Viva a nossa liberdade! „

FIM DO CANTO I.

## O MANOELINHO D'EVORA.

*,, Não falta com razoens quem desconcerte*
*,, Na opinião de todos, na vontade,*
*,, Em quem o esforço antigo se converte*
*,, Em desusada e má deslealdade;*
*,, Podendo o temor mais, gelado, inerte,*
*,, Que a propria e natural fidelidade:*
*,, Negam o Rei, e a patria, e se convem,*
*,, Negarão, como Pedro, o Deus que tem.*

CAM. LUS.

# CANTO II.

Depois que o povo Eborense
Cadeias suas quebrára,
Folgando só da victoria,
Do futuro não cuidára:
Não pensou que, desarmado,
Castigos tinha a temer,

Que os ministros de Castella
Tem armas para o vencer:
Embora o reyno applaudisse
A nobre resolução,
Ha muito que estava affeito
Aos ferros da servidão;
Para poder saccudi-los
Era mister mais vigor,
Carecia ter soldados,
Ter um chefe com valor:
Devia ter acclamado
Um rey proprio, natural,
A Dom João de Bragança,
Herdeiro de Portugal.
Povo de Villa-Viçosa
Como rey já o saudára,
Mas o Duque, então doente,
A corôa não aceitára;
Porque o povo, dividido
Em mui diversas facçoens,
Alterava a cada instante
As suas resoluçoens:
Seus direitos bem fundados
Não quiz o Duque arriscar
Entregando a sua cauza
Á inconstancia popular.
Os grandes, na maior parte,
Do povo a causa seguiam,
Mas, com medo de Castella,
Seus dezejos encobriam:
Comparando os poucos meios
Que havia de resistencia,
A'quelles que os forçariam
A mais dura obediencia,

N'uma junta se formáram
Na igreja de Santo Antão,
Para tratar a maneira
D'acabar a sedição:
Ao Conde-Duque escreveram
A dizer o acontecido,
Pedindo que para o povo
Lhes fizesse algum partido:
Que os rigores que empregára
Zelozo corregedor
Contra os eleitos do povo,
Excitáram seu furor;
E que sem querer desculpa-lo,
Pedem clemencia d'ElRey;
Sendo só o que lhe rogam,
Não esqueça que é sua grey.

Conde-Duque de Olivares
Era d'ElRey o valido,
A quem os seus vastos reynos,
Seu poder tinha incumbido:
ElRey Dom Filippe o quarto
Era um nome que reinava,
Porque só o Conde-Duque
Nas Hespanhas governava;
Essa immensa monarchia
Geme sob o seu poder;
Um homem só, milhoens d'homens
C'um acêno faz tremer:
De grande estudo, e talento,
É sagaz, arteiro, e astuto,
E ninguem lhe contrastava
O seu poder absoluto.
A Duqueza Margarida

Mandára p'ra Portugal,
E como Vice-raynha
Lhe déra estado real;
Mas a Duqueza de Mantua
Tinha do mando a apparencia,
A Miguel de Vasconcellos
Do reyno incumbe a regencia.
É Miguel de Vasconcellos
Portuguez de nascimento,
Da oppressão da sua patria
O mais cruel instrumento;
Do Conde-Duque é valido,
Como elle o era d'ElRey,
Qual dos dous é mais tyranno
Dizê-lo certo não sei.

Da côrte as loucas despezas
Tinham o estado exhaurido,
Meios de haver mais dinheiro
Só excogita o valido:
Na guerra estava empenhada
A honra da monarchia,
Dentro do seu territorio,
Guerra a França lhe fazia:
Estados ultramarinos
Hollanda, e França atacavam;
Nas quatro partes do mundo
Soccorros seus reclamavam.
Em meio de tanto apuro
Secretamente escreveu
A Miguel de Vasconcellos,
Pedindo conselho seu:
O secretario de estado
Pospondo a patria ao valido,

Os quinhentos mil cruzados
Lhe lembrou, como pedido:
Porem como receava
Que apparecesse opposição,
Cazo a côrtes convocasse
Para o tributo a nação;
Ás pessoas principaes
Propoz que ElRey escrevesse,
Para que, a modo das côrtes,
Uma junta se fizesse.
D'ElRey as cartas vieram,
Em que o tributo pedia
Para as guerras necessario
Que affligem a monarchia.
Na igreja de Santo Antonio
A junta se congregou,
E Miguel de Vasconcellos
Em nome d'ElRey fallou:
Respondeu por elles todos
O Conde de Sabugal,
Meirinho mór deste reyno,
Pessoa mui principal:
„ Todos quantos aqui estamos,
„ E quantos aqui não sam,
„ Jurámos guardar inteiros
„ Os costumes da nação:
„ Por nosso costume antigo
„ Só côrtes votam pedidos,
„ Sem por ellas ser votados
„ Não podem ser admittidos:
„ Não pois esta junta
„ Em taes materias votar;
„ É este o fôro do reyno,
„ Nós não queremos perjurar. „

Levantou-se apoz o Conde
Haver dado o seu parecer,
E sahiu com os mais todos
Que imitam seu proceder.
Ficando então mallograda
Do secretario a intenção,
Da empreza não dezistia
Seu damnado coração:
Arteiros modos procura
D'antigas leis illudir,
E a junta do Dezempenho
Fez em Madrid erigir:
Sem recurso, aquella junta
O pedido se incumbiu,
Que ás comarcas do reyno
Sem demora o repartiu.
Não contára o secretario
Do povo co' a resistencia,
Pensando que estava affeito
A servil obediencia;
Por isso quando a noticia
Do tumulto lhe chegou,
No castigo dos culpados,
N'outra cousa não pensou;
Escreveu ao Conde-Duque
Excitando o seu furor,
Propondo crueis castigos,
Sevéras penas, rigor.

O ministro castelhano
Os seus conselhos seguira
Em Portugal empregando
Effeitos da sua ira;
Mas não tinha então no reyno

Soldados para o domar;
Se da força não contava,
Usa-la fôra arriscar:
Em quanto as forças prepara
Fingiu usar de brandura;
Ganhar tempo, cauteloso,
Assim desta arte procura:
Aos fidalgos congregados
Na junta de Santo Antão,
Respondeu como ardiloso,
Requintado cortezão,
Dizendo, não usaria
Dos meios de violencia,
Se o povo logo tornasse,
Como deve, á obediencia;
E que ElRey perdoaria
O crime já perpetrado,
Se o povo logo pagasse
O imposto que foi lançado.

Mas o povo que rompêra
Cadeias da escravidão,
Das propostas desconfia
Da junta de Santo Antão:
Seus conselhos mal escuta,
Como d'imigo encoberto,
Quer gozar da liberdade,
Não teme castigo incerto:
Recusa pagar tributos,
Despreza ordens d'ElRey;
Exercendo a soberania,
É sua vontade a ley:
Porem como receasse
Venham tropas de Castella

Castigar os revoltados,
Empregou esta cautella;
Em nome do *Manoelinho*
As ordens sam assignadas,
As provisoens pr' a deffesa
Em seu nome decretadas:
Nem ha ninguem que se attreva
Seus decretos contrastar,
Cidadão, nobre, ou ministro
Suas leys devem guardar:
Aquelle nome incluia
D'aquelle povo o querer;
A tudo quanto mandava
É forçoso obedecer.
O nome do Manoelinho
Outros nomes encobria,
Futuras perseguiçoens
Assim o povo illudia.

Quem é o ente mysterioso
Que exerce tanto poder?
Quem é esse Manoelinho
Para o povo assim mover?
É um doudo, um desgraçado
Que as ruas, praças corria,
E que ha tempos na cidade
Só de esmolas subsistia:
Sua notavel grandeza,
Os seus membros collossais,
Suas forças de gigante,
Não parecem naturais:
E o povo, por ironia,
Manoelinho lhe chamava;
E dizidor, inspirado,

Toda a gente o reputava:
Ninguem sabia o motivo
Porque perdera a razão,
Ou qual seja a sua terra,
Qual foi sua educação:
Bem nascido parecia,
E que foi bem educado,
Porque nas sagradas letras
Profundamente é versado:
Consiste a sua loucura
Em recitar profecias,
Quazi todas extrahidas
Do profeta Jeremias:
Todas ellas applicaveis
Á do reyno escravidão,
Faziam em quem soffria
Duradoura sensação:
Á voz delle o povo inteiro
A Cezinando accudiu;
Á voz delle o cadafalso
Desfeito em cinzas cahiu:
A' voz delle a liberdade
O seu brado alçou primeiro;
Á voz delle o povo quebra
Algêmas do captiveiro.

Se então algum dos fidalgos
Da junta de Santo Antão,
Desse povo dirigisse
A justa revolução,
Não teriam portuguezes
Tres annos mais que soffrer,
Fôra o dia derradeiro
Do castelhano poder!

Se em vez d'inuteis propostas,
Que o Conde-Duque illudia,
Essa junta proclamasse
De Portugal a alforria;
Não teria agora o povo
Novos grilhoens a rojar,
Nem veria em cada praça
Cadafalsos levantar!..
Este foi o resultado
Dessa culpada brandura,
Com que a junta dos fidalgos
Curar a patria procura!
Deu tempo ao rey de Castella
D'ajuntar os seus soldados,
Em tanto que se propunham
Partidos aos revoltados:
A proposta derradeira
Que o Conde-Duque lhes fez
Qualquer povo a recusára,
Quanto mais o portuguez!
A proposta consistia
Neste arbitrio singular,
Que o ministro bem sabia
Não ha-de o povo aceitar:
„ Que cada povo em que houvera
„ Indicios de sedição,
„ Mandasse os seus magistrados
„ Á côrte, pedir perdão:
„ E que vestidos de saco
„ E com cordas a arrastar,
„ Fossem junctos na audiencia
„ O seu crime confessar.„
Apenas o povo soube
Deste partido o theor,

Repelliu a dura affronta,
Que offende o seu pundonor:
Não consentiu que d'essa arte
Deshonrem seus magistrados;
Embora pereçam todos
Não querem ser aviltados.

O Miguel de Vasconcellos
Em tanto não descançava,
Castigo dos revoltados
Ha muito que preparava:
As tropas já se ajuntáram,
Já estam sobre Badajoz;
Agora póde sem risco
Dar exercicio ao algoz:
Um corregedor da côrte
Mandou do caso informar,
Com ordem que os mais culpados
Logo mandasse enforcar.
Não lhe lembra que esse povo
É portuguez, seu irmão!
Quer ser o vil instrumento
D'estrangeira escravidão!
Não se lembra que tem patria!
Parricida, a quer matar!
Só lhe lembra que é ministro
Quer seus cofres rechear!
Insaciavel na cubiça
Dezeja eterno poder,
Para aos thezouros que ajunta
Mais thezouros accrescer!
Não se lembra que era filho
Do doutor Pedro Barbosa,
Cuja morte foi violenta,

Como a vida escandalosa!
Herdeiro desse odio antigo
Que o povo a seu pay tivera,
Imita as suas torpezas,
Em seu fim não considera!
Incapaz d'uma virtude,
Era d'amar incapaz;
Julga amor brutal caprixo,
E dessa arte o satisfaz.
O pranto d'uma donzella
Nunca á piedade o moveu,
Se resiste a seus presentes,
Á força por fim cedeu.
Quantas victimas tem feito
Ninguem o sabe dizer,
Que apoz as ter deshonrado
Nas prizoens as faz morrer.
Os gritos das desgraçadas
Ninguem ha que possa ouvir,
Nas paredes das masmorras
Perdidos se vam sumir.
Em vão seus pays as procuram,
Sam inuteis seus cuidados;
Como crime os seus lamentos
Costumam ser castigados.
O infeliz Manoelinho
Uma filha assim perdeu,
E foi tanta a sua pena,
Que co' a dor enlouqueceu.
Por tal forma resguardadas
Tem magoas no coração,
Que ninguem sabe o motivo
Porque perdera a razão:
Reconcentradas no peito

As causas do seu pezar,
A patria, que em ferros geme,
Só parece recordar:
Mas da filha tão querida
Nunca perdeu a lembrança,
Do infame que lha roubára
Dezeja tomar vingança:
Por isso quando fallava
Seu proprio mal encobria;
A raiva contra os tyrannos
Seu peito só descobria:
N'uma prizão rigoroza
Fôra por certo encerrado,
Se não fôra o Manoelinho
Como doudo considerado:
De Miguel de Vasconcellos
Não move um doudo o temor;
Deve á sua desventura
O escapar ao seu furor.

Em meio da praça d'Evora
Uma alta forca se erguia,
E a corda retezada
Vulto d'homem suspendia:
O vulto que agita o vento
Pelo ar se embaloiçava
Sobre o longo cadafalso
Em que a forca se appoiava:
Muitos outros justiçados
Jazem mortos pelo chão,
Quando a voz d'um pregoeiro
Lança este horrivel pregão:
„ Justiça que ElRey mandou
„ Nestes culpados fazer;

„ E a mesma tem ordenado
„ A quem não lhe obedecer:
„ Ao revél juiz do povo,
„ A seu revél escrivão,
„ Alem da pena de morte
„ Seus bens se confiscarão:
„ E porque seu nome seja
„ Para sempre deshonrado
„ Por aqueste mesmo povo
„ Que os seguiu alucinado,
„ Ordena ElRey que seus corpos,
„ E do supplicio instrumento,
„ A fogo sejam queimados,
„ Cinzas lançadas ao vento. „

Um murmurio que parece
Do féro tigre o rugir,
Pela praça retumbando
Logo apoz se fez ouvir:
Era a voz d'um povo inteiro
Que a vingança protestava,
E os tyrannos que o esmagam
Sem fallar ameaçava:
Sam muitos milhares d'homens
Uniformes na vontade,
Que juram no altar da patria
Conquistar a liberdade:
Era a forca alevantada
O altar sanguinolento
Ante o qual profere o povo
Seu terrivel juramento:
Esses martyres da patria
Estam pedindo um vingador,
Morreram por liberta-lo

Do seu tyranno oppressor:
A essa voz, que não falla,
Porque é a voz do finado,
Respondeu a voz do povo,
Qual féro tigre enraivado.

Apenas o pregoeiro
Acabára o seu pregão,
O algoz tambem findára
A cruel execução;
Lançara no cadafalso
O fogo, que se ateou;
Os cadaveres, a forca,
Tudo em cinzas se tornou.
Silencio, como o da morte
Que alli cruél presidia,
Uma voz, como da campa
Desta forma interrompia:

„ Os principes serão, como já foram,
„ Pela mão dos algozes enforcados;
„ Forçarão as donzellas, as mulheres,
„ Serão mancebos, velhos, insultados!...

„ Já nos cahiu a corôa da cabeça,
„ Na propria terra escravos, somos sós;
„ Em lucto se tornaram nossas danças;
„ Ai agora de nós!...„

Era o pobre Manoelinho
Quem desta arte assim fallava,
E as palavras do profeta
Com tanta arte accomodava:
Quando accorrem dois soldados,

Que o doudo querem prender,
Porem o povo o cercára,
Para assim o proteger:
O infeliz alienado
Podéra mui bem fugir,
Mas quêdo como uma rocha,
Mostra mêdo não sentir:
Apoz os dois, mais soldados
Fazem o povo afastar,
O infeliz Manoelinho
Já pertendem segurar;
Porem, como se acordasse
De um mui longo dormir,
Aquelles que o seguravam
Fez ao chão logo cahir:
Sua força de gigante
Aos demais fez trepidar,
E todos elles recuam,
Sem que ousassem lá chegar:
Um porem mais desalmado
O arcabuz preparou,
E sobre o doudo indeffeso
A sua arma disparou:
Como se um raio o ferisse
Manoelinho ao chão cahiu;
Como o leão quando morre
Manoelinho assim bramiu.

FIM DO CANTO II.

## O MANOELINHO D'EVORA.

,, *Podem-se pôr em longo esquecimento*
,, *As cruezas mortaes, que Roma vio,*
,, *Feitas do feroz Mario, e do cruento*
,, *Sylla quando o contrario lhe fugio.*

CAM. LUS.

# CANTO III.

N'um profundo calabouço,
Que luz escassa alumia
Para mostrar os horrores
Desta morada sombria;
Onde o ar não renovado
Tem um cheiro pestilente,
Que ràla, consome a vida,
Eivando-a continuamente;

Onde o frio da humidade
É continua sensação,
Que arripia os membros todos,
E regélla o coração;
Onde a vida só é vida
Para penar, e soffrer,
Parà soffrer sem allivio,
Para penar sem morrer:
Sobre uma pouca de palha,
Que já desfeita parecia,
N'um canto do calabouço
Humano vulto jazia:
A luz que vacilla incerta
A travez da escuridão,
Parece que tem receio
D'entrar naquella prizão;
Ou talvez envergonhada
Tanto horror de alumiar,
Tenha pejo, a face cubra
Primeiro d'alli entrar.

O vulto que está deitado,
Quazi morto já parece;
Vive ainda, porque ás vezes
Solta um gemido, estremece:
As paredes da masmorra
Parecem ter compaixão,
Porque apoz estes gemidos,
Muitos outros tambem dam:
Os echos os repetiram
Mostrando ter sentimento
Dessa dôr, que assim exprime,
Em gemidos, seu tormento:
Esses ais tão doloridos

Contra os muros vam partir-se;
Nas abobedas sonoras
Partidos já, vam sumir-se.
Silencio que alli reinava
Torna a reinar outra vez,
Como se, mysterioso,
Fôra da campa a mudez.

Já corrêra um longo espaço,
Quando se ouviu um rumor;
Era a porta que se abria
Desta morada de horror:
É o duro carcereiro
Que o sustento vem trazer,
Agoa, e pão, só quanto basta
Para o prezo não morrer.
Uma lanterna o guiava
Das prizoens no labyrintho,
As chaves dellas trazia
Dependuradas no cinto:
Seu rosto bem demostrava
Sua cruel profissão,
Tão sombrio que assemelha
Os muros dessa prizão:
Está sua alma tão affeita
A vêr os outros penar,
Como o braço acostumado
A tormentos preparar:
Nunca em seu peito um suspiro
Fez a menor sensação,
Dos tratos que elle mesmo dava
Sorria sem compaixão:
Seu coração é de bronze,
Como o sino da agonia,

Quando bate, a morte sôa,
Tortura alheia annuncia.
Um punhal trazia ao lado
Como fiel companheiro,
Prompto sempre a embainhar-se
No peito d'um prisioneiro.
Junto á palha aonde o vulto,
Immovel inda, jazia,
Foi pôr o parco alimento
Diario, que lhe trazia:
O pão negro das cadeias,
Sempre com fél amassado,
Essa agoa, tão salitrosa
Para o triste encarcerado.
Nessa luz que o alumia
Outra lanterna accendeu,
Na corda, que ao tecto prende,
Depois disto a suspendeu.
Todo o horror do calabouço
Então bem se poude ver;
Ao terror que elle inspirava,
Mais terror fez accrescer.
Instrumentos da tortura
Alli jazem pelo chão;
Requintes da tyrannia,
Do despotismo invenção:
Quanta especie de tormentos
As furias tem descoberto,
Alli todos collocados,
Todos alli estam de certo:
Lá estam no tecto suspensas
As roldanas das polés,
Pelas quaes guindavam homens
Amarrados pelos pés:

Alli estam essas correntes
A que chamam gargalheiras,
Forradas d'agudos ferros,
Como dos caens as colleiras:
Lá se viam cavallêtes,
Pôtros d'horrivel tortura;
Os berços, grêlhas ardentes,
Tenazes, tudo á mistura.
Instrumentos do martyrio,
Todos, todos alli estam
Servindo como de ornato,
Proprio daquella prizão.

Impassivo o carcereiro
Tinha a lanterna accendido,
Quando o vulto que jazia
Soltou profundo gemido:
Foi então a vez primeira
Que sua alma estremeceu,
Que o cabello se arripia,
Que o corpo todo tremeu:
Havia neste gemido
Tanta dôr, tão insoffrivel,
Que ouvi-lo sem ter piedade,
Fôra de certo impossivel:
Muitas vezes nos tormentos
Tinha ouvido o carcereiro
Agúdos ais, que soltava
O infeliz prisioneiro;
Porem nunca assim ouvira
Gemido, que o commovesse,
E que n'alma, affeita ao crime,
Tal impressão lhe fizesse:
Essa dôr que se expressava

Nesse gemido tão terno,
Esta sentença incluia
= *Ha um Deus; ha um inferno.* =
Era como o julgamento
Dos tyrannos cá da terra,
Cuja voz, os mais descridos,
Ao fazer o crime, atterra:
Era a queixa articulado
Do soffrer da innocencia,
A cujo triste queixume
Nunca é surda a consciencia.

O carcereiro atterrado,
Fica em meio da prizão;
O remorso lhe afigura
Sob os pés que se abre o chão;
Que do inferno as labarédas
Via da terra surgir;
E legioens de condemnados,
Que o querem lá conduzir;
Da tortura os instrumentos
Vê demonios preparar,
Disputando quaes tormentos
Primeiro lhe devem dar;
Vê caldeiroens com enxofre,
E com chumbo derretidos;
Sente a vista perturbar-se,
Folga perder os sentidos;
Porem não, que ainda ouvia,
Era o rir dos condemnados;
Eram ais das suas victimas
Com maldiçoens misturados.
No meio de taes horrores,
Nem lhe bate o coração,

Sem alento se mirrára
Se mais durasse a vizão.
Como se um anjo descesse
Do céo á terra, a livra-lo
Das furias que o perseguiam
Para ao abysmo arrasta-lo,
Assim viu o carcereiro
Figura d'anjo do céo,
Que a vizão affugentando,
Ante a vista lhe appareceu:
O seu rosto resplandece
Como divino fulgor,
Parece o anjo da guarda
Ao lado do peccador:
Nos seus olhos reverbéra
A luz, que o antro alumia,
No pranto que os humedece
Esta luz se reflectia:
Pallidez, não a da morte,
A do intenso penar,
Nas faces, nas maons, no collo,
Imita a côr do luar:
As maons cruzadas no peito
Comprimem seu coração!
Sob a figura de um anjo,
Tinha da mágoa a expressão:
Em seus labios descorados
Se deslizava um sorrizo,
Que só igual podem tê-lo
Cherubins no paraizo:
É um sorrir tão suave,
Mas tão cheio d'amargura,
Como o sorrir do innocente,
Quando o algoz lhe dá tortura.

Cruel visão, que o remorso
Do crime só produzira,
Dissipou-se, como as trévas,
Sobre as quaes a luz surgira.
No peito do carcereiro,
Inhumano até então,
A voz do arrependimento
Abrandou o coração:
Os seus olhos ressequidos
Primeira vez se humedecem,
A compaixão, a piedade
Vez primeira então conhecem:
O anjo que lhe apparecêra,
E desfizera a visão,
Era o ente encarcerado
Naquella horrivel prizão:
Ha muito que lhe trazia
Seu ordinario sustento,
Mas quem seja o prisioneiro
Não lhe importa um só momento:
O secretario d'estado
Esta prizão lhe entregou,
Sob as mais severas penas
Segredo lhe encarregou:
Por não trahir o segredo,
Quem lá está não quer saber;
Nunca lhe tinha fallado,
Nunca tambem o quiz ver:
Costumava ao pé da porta
Bilha d'agoa, e pão deixar,
Já no dia seguinte
O sustento renovar:
Lanterna do calabouço
Até alli nunca accendeu,

Só então, porque o ministro
Aquella ordem lhe deu.
Sob os paços de Lisboa
Esta prizão existia,
E o ministro occultamente
Ir alli mui bem podia;
Por isso quando ordenava
As lanternas accender,
Era certo que a visita
Da prizão vinha fazer;
Ou no meio dos tormentos
Vem os prezos confessar;
Ou os segredos do estado
Vem co' a morte cancellar.

Estava absorto o carcereiro
Do prezo vendo a figura,
Tão bella que não parecia
Ser d'humana creatura:
A natural feridade
Sua alma tinha deposto,
A compaixão, a piedade
Já transluzia em seu rosto:
Os seus labios meio abertos
Iam palavras dizer,
Mas parece que hesitava
As expressoens a escolher;
Quando o som, como de uns passos
D'alguem que desce á prizão,
Lhe prende a voz na garganta,
E lhe esmaga o coração.
O terror do carcereiro
Certo o não tinha enganado,
É Miguel de Vasconcellos,

O secretario d'estado:
Ao entrar no calabouço
Ao carcereiro acenou;
O ministro, o prisioneiro,
Ninguem mais alli ficou.

Vinha o ministro coberto
Com pelote mui comprido,
Para os frios do inverno
De pelles bem guarnecido:
O seu rosto esverdinhado
É regular, porem feio,
Era o retrato dessa alma,
Que só crimes tem no seio:
Os seus olhos dardejavam
Um fogo, como infernal;
D'arcosa boca o sorrizo
Veneno tinha mortal:
Sua voz enrouquecida
Tem um som, que faz tremer,
Como a da campa tangida,
Que faz sempre estremecer.

Seu contraste era perfeito
Essa mulher tão fermoza,
Essa mulher, que está preza
N'essa prizão horroroza.
Essa donzella innocente
Seu amor não aceitou,
E o monstro, sem ter piedade,
Cruel vingança tomou:
Dos braços d'um pay amado
Mandou a triste arrancar;
Nesse horrivel calabouço

Ha muito que a faz penar:
Viu os prantos da donzella
Sem delles ter compaixão;
Viu, impassivo, o pay della
Perder por ella a razão;
A sua alma empedernida
Nada poude commover,
Sua vingança, ou caprixo
Pertende satisfazer.

A donzella desgraçada
Quando o tyranno alli viu,
Sua face regelada,
Co' as mãos geladas cobriu:
A todos quantos martyrios
Até alli tinha soffrido
Sua alma pura, innocente,
Com valor tem resistido;
Porem á vista do monstro
A sua alma estremeceu,
Era capaz de mais crimes,
Seu valor desfalleceu.

Um sorrir d'infernal gozo
Veio aos labios do ministro,
Que assim diz, com voz que os muros
Repetem com tom sinistro:

„ Maria! não esperavas
„ Que eu viesse agora aqui?
„ Já te esquecêra julgavas?
„ Porem vês, não te esqueci:
„ O odio com que pagavas
„ Amor que tinha por ti;

,, Esse amor que me inspiravas,
,, Em odio não converti:
,, As mágòas que me causavas
,, Muito tempo já soffri;
,, Menor tormento penavas,
,, Que as pênas que eu padeci:
,, Queria vêr se tu mudavas,
,, Os meios não escolhi;
,, Julguei que a outrem amavas,
,, Fui cruel; não é assi?
,, A vêr se me perdoavas
,, A esta prizão desci;
,, Se teu amor tu me davas,
,, Fôra a vida para mi.,,

Maria.

,, As pênas que eu já soffria
,, Para que vir augmentar?
,, Cuidais vós que eu poderia
,, Mais tormentos supportar?
,, Vossa cruel zombaria
,, Vem minha alma retalhar;
,, Deixai a pobre Maria,
,, Deixai-a em paz acabar...
,, Ao pay, que tanto me queria,
,, Mandastes filha roubar,
,, Cuidando que ella seria
,, Capaz do crime approvar;
,, Porem que antes morreria,
,, Certo já deveis estar:
,, Deixai a pobre Maria,
,, Deixai-a em paz acabar.,,

MIGUEL DE VASCONCELLOS.

„ Ao meu amor, insensata!
„ Queres meu odio antepôr?!
„ Assim preferes, ingrata!
„ Á ternura o meu furor?!„

MARIA.

„ Antes, senhor, quero a morte
„ Nos horrores da prizão:
„ Dos tormentos toda a sorte,
„ Não muda meu coração.„

MIGUEL DE VASCONCELLOS.

„ Mas se teu pay estivesse
„ Tambem prezo agora aqui?!
„ E a vida delle, eu dicesse,
„ Só pende agora de ti?!„

MARIA.

„ Á custa d'honra perdida
„ Fôra uma infamia o viver...
„ Por tal preço a infeliz vida
„ Meu pay de certo não quer.„

MIGUEL DE VASCONCELLOS.

„ Maria! mais resistencia
„ Não te pode aproveitar,
„ Quando é força a obediencia
„ É escuzado o teimar.„

Maria.

,, Ah! senhor! por piedade,
,, Da força não abuseis;
,, O céo castiga a maldade
,, Inda que a façam os reys.,,

Miguel de Vasconcellos.

,, Essa piedade que imploras,
,, Em vão a esperas de mi;
,, A'manhãa, por estas horas,
,, Outra vez eu torno aqui;
,, A vida do pay que adoras,
,, Só pende agora de ti.,,

Sem esperar mais resposta
Sahe o monstro da prizão,
Deixando a triste Maria
Na maior consternação.
A infeliz não receia
A triste vida perder,
Mas seu pay, que amava tanto,
Tambem esse vai morrer!!
E quem sabe se o tyranno
Força brutal empregando,
É capaz de mais ainda,
Mais horrores praticando?!
Se a infeliz não tivesse
Uma alma pura, innocente,
Que em meio da desventura
Espera em Deus omnipotente,
De certo não poderia
Tantas mágoas supportar,

Martyrios que já soffria
Bastavam para a matar.

O carcereiro escuitara
Tudo quanto se passou;
Da infeliz que geme
Cruel sorte lamentou:
Se podesse, a liberdade
Sem hezitar lhe daria,
A vida por dar-lhe a vida
Com prazer arriscaria:
Quizera reunir seus crimes
Com fazer aquella acção,
Mas não pode, estam guardadas
Sahidas desta prizão:
Ao menos á desgraçada
Pode immenso allivio dar,
Á prizão em que está prezo
Pode seu pay ir buscar.
Apenas o secretario
Deixou no seu apozento,
Logo desce ao calabouço,
A cumprir o seu intento.

A desgraçada Maria
Rezava com devação,
Ao Deus do céo offerecia
Tormentos do coração;
E por seu pay lhe pedia
Em fervorosa oração;
Quando um rumor que se ouvia
Distrahe a sua attenção;
Era a porta que se abria
Da sua triste prizão;

Era seu pay que alli via,
Porem perdida a razão.

O infeliz Manoelinho
Sua filha torna a vêr;
A mágoa de a ver roubada
A razão lhe fez perder;
E agora que bem podia
A filha nos braços ter,
Seus affagos repellia
A filha sem conhecer!!!

A seus pés ajoelhada,
Maria o chama em vão;
O seu pay não a conhece,
Tinha perdida a razão!!

MARIA.

„ Querido pay de minha alma!
„ Não conheceis já Maria?!
„ Vossa filha tão amada
„ Repulsais com tyrannia?!„

MANOELINHO.

„ Maria! a minha Maria!
„ Minha filha!.. já morreu;
„ Era um anjo cá na terra;
„ É anjo agora no céo.... „

MARIA.

„ Querido pay! vossa filha,

„ Vossa Maria está aqui ;
„ Ha muito nesta cadeia
„ Vivo preza ; não morri. „

MANOELINHO.

„ Não... tu não... não és Maria...
„ A minha filha expirou...
„ Foi Miguel de Vasconcellos
„ O malvado que a matou...
„ Porem tu não digas nada;
„ Pode mandar-te prender;
„ É um tyranno , é um monstro...
„ Quem elle é teme saber....
„ Se tu viras minha filha...
„ Como tu era fermoza,
„ Tão branca como a assucena ,
„ Tão corada como a roza :
„ Dos anjos tinha a innocencia ,
„ Dos cherubins a bondade...
„ E Miguel de Vasconcellos
„ Não teve della piedade ! ! !
„ Um dia a viu na igreja ,
„ Logo o monstro a dezejou ;
„ Veio a noute , de meus braços
„ Cara filha me arrancou :
„ Cruel bando de assassinos
„ Minha caza vem cercar ;
„ Em vão luctei por salva-la,
„ Desmaiada a vi levar ! ...
„ Maria ! a minha Maria !
„ A minha filha morreu....
„ Ao torpe amor do tyranno ,
„ Oh ! de certo não cedeu...

„ O que depois tem passado
„ Nem eu te posso dizer....
„ Sei que fugi de Lisboa,
„ E mui longe fui viver....
„ Ao principio pelas ruas
„ Os mancebos me apupavam;
„ Mas depois ao Manoelinho
„ Esmolas nunca faltavam...
„ Conheces o Manoelinho?
„ Não digas nada.... sou eu....
„ O meu nome verdadeiro...
„ Nem eu sei.... já me esqueceu.. —
„ Um dia.... era terrivel....
„ Estavam homens a enforcar...
„ O arcabuz d'um soldado
„ Contra mim vi disparar....
„ Ao depois.... não vi mais nada...
„ Dormi somno mui comprido,
„ E acordei nesta masmorra,
„ Onde ha muito estou mettido.
„ Ás vezes o carcereiro
„ Dá-me pouco de comer;
„ Traz-me uma agoa tão salôbra
„ Que até me custa a beber...
„ Mas qu' importa?... paciencia...
„ Não tenhas pena de mim...
„ A minha filha Maria
„ Hei de ver no céo por fim. „

Oh! quem vira aquella scena
Que se passa na prizão,
De pura mágoa com pena
Lhe estalára o coração;
O carcereiro que a via

Em prantos se debulhava,
E o remorso que soffria
Aquella vista augmentava.

Ao ponto que isto se passa
Ouvem-se tiros lá fóra,
E tropel de gente armada
Na prizão entrou agóra:
Bem quizera o carcereiro
D'alli o prêzo arrancar;
Temendo que o secretario
Alli os venha encontrar:
Em vão a triste Maria
Quer de seu pay desprender;
Lucta em vão o carcereiro,
Teve por fim que ceder,
Porque as gentes que sentira
Do calabouço estam perto,
Se d'alli sahir quizesse
As encontrára de certo:
Ficára pois resignado
A sua sorte a esperar,
Ou talvez imaginando
Como se ha de desculpar,
Quando entrou no calabouço
Abrindo aos mais o caminho,
E gritando = Liberdade! =
Nobre Dom Gastão Coutinho.

Nobre Dom Gastão Coutinho
Vem os prezos libertar;
Já cahiu a tyrannia,
Cadeias lhes vem quebrar:
O primeiro de Dezembro

Já tinha por fim raiado,
Da escravidão de Castella
Portugal está restaurado.

Aos gritos de = Liberdade! =
Manoelinho estremeceu:
„ Liberdade! liberdade! „
Com voz rouca respondeu:
E a filha, que ao seio aperta
Só então reconheceu.

Dom Gastão.

„ Viva ElRey Dom João quarto!
„ Viva a casa de Bragança! „

Manoelinho.

„ De Miguel de Vasconcellos
„ Só quero tomar vingança.... „

Dom Gastão.

„ O tyranno já não vive;
„ Já o povo o castigou;
„ Lançado pelas janellas,
„ Pelas ruas o arrastou:
„ A cauza da liberdade
„ Sempre ao cabo triunfou. „

Manoelinho.

„ Viva ElRey Dom João quarto!
„ Viva a casa de Bragança!

„ Tenham sempre os portuguezes
„ Este dia na lembrança ! „

E o pay, e a filha abraçados
Choravam, mas de prazer;
Dias mais affortunados,
Livres já, podem viver.

FIM.

## NOTAS.

Suscitou-me a ideia deste romance a passagem seguinte de Dom Francisco Manoel de Mello, que transcrevo da sua primeira Epanaphora politica = *As alteraçoens d'Evora, anno de* 1637 = onde a pag. 28 diz assim :

„ Fôra poucos annos antes, conhecido em aquella Cidade, um homem doudo, e dizidor, e por isso aceitissimo ao Povo, cujo nome era Manoel, e por jogo, e sua notavel grandeza ironicamente Manoelinho.

Usava fazer praticas pelas ruas ao vulgo; a quem com vozes desordenadas, e historias ridiculas excitava sempre a alegria, donde procedeo ser na Cidade, e seus contornos, a pessoa mais conhecida; a cuja lembrança recorrendo alguns de aquelles inquietos, foi ordenado entre elles, que todas as convocaçoens, cartas, editos, e ordens, se despachassem debaixo do sinal de Manoelinho d'Evora; porque assi se escusavà de ser jámais conhecido o Autor destas obras; ficando aquelle nome, desde então, constituido por sinal publico, pera que se podessem entender sem confusam, em seus chamamentos. Nesta observancia amanhecião cada dia fixados pelas praças, e portas da Cidade, Provisoens, Bandos, e Decretos pertencentes ao estabilicimento de sua defensa: debaixo desta fórma se escrevião, e despachavão cartas ás Camaras do Reyno, se despedião os Ministros de seus officios, e se acomodavão nelles outros, em virtude de hum simples provimento, assignado por Manoelinho d'Evora. Chegou a tanto a autoridade de seus mandados, que bastava pera que hum Cidadão, Fidalgo, ou Ministro, deixasse a cidade, casa, e officio, ou entregasse sua fazenda, ser-lhe assi mandado pela incerta voz de Manoel; porque já se sabia, que nella era inclusa tacitamente a vontade do Povo, a que nenhum poder resistia. Assi se observou com muitos sospeitosos, dando-lhes termos de dias, e desterros, que forão dos condenados inviolavel-

mente obedecidos; porque depois do preceito, cominavão logo as penas, que se seguião á sua inobediencia, as quaes não erão menos de morte, e incendio. „

Se o nome do Manoelinho d'Evora foi em 1637 o grito de guerra escolhido pelos povos daquella cidade, quando infructuosamente tentaram saccudir o jugo da dominação castelhana; se este nome foi o que presidiu á primeira tentativa da liberdade em Portugal; sagrado deve elle ser para o trovador, que só aspira a fazer recordar as glorias da sua patria; por isso o escolhi para assumpto deste romance.

A historia da feliz acclamação d'ElRey Dom João quarto, no dia 1.° de Dezembro, é popular entre nós; desse dia data a dynastia reynante, e a nossa independencia nacional; porem é geralmente pouco sabida a historia da revolução d'Evora em 1637, que foi, por assim dizer, como a aurora anuviada daquelle bello dia: sendo só este motivo bastante para me decidir a esboçar um quadro daquella epocha.

Quem tiver a paciencia de consultar *o Portugal restaurado* do Conde da Ericeira, *as revoluções de Portugal* do Abbade de Vertot, e a já citada obra de Dom Francisco Manoel de Mello, verá que fui exacto na designação dos caracteres politicos: deste ultimo escriptor, e da mencionada epanaphora transcrevo o caracter de Miguel de Vasconcellos, quė elle definio assim a pag. 21:

„ Era Miguel de Vasconcellos herdeiro do

aborrecimento, que o Reyno teve a seu pay Pedro Barbósa, homem togado de agudo, mas inquieto engenho, a que se seguio *vida escandalosa*, e morte violenta. „

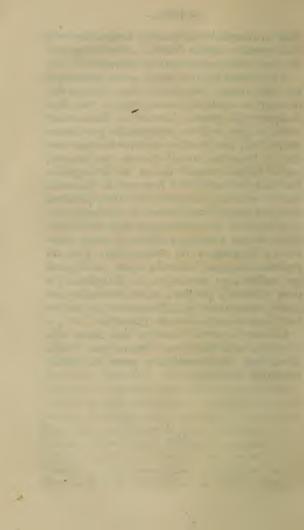
Esta *vida escandalosa* de Miguel de Vasconcellos, é que me serviu de nexo principal da fabula de meu pequeno poema " se tal nome pode caber a esse rozario de trovas, que eu escrevi com o titulo de romance. „

Bem imagino eu que alguns de meus leitores quereriam que lhes eu dicesse quem era o Manoelinho d'Evora, qual seu verdadeiro nome, e talvez a sua genealogia; facilmente podera satisfazer a sua curiosidade; aqui, em duas palavras; no texto do romance, em algumas trovas mais: julgo todavia dever responder-lhes que, ao escrever este romance, tive em vista symbolisar no Manoelinho d'Evora, louco, e errante por cauza da tyrannia de Miguel de Vasconcellos, o povo portuguez escravo pela dominação, e tyrannia de Castella: elle tinha perdido a razão, e por tanto a dignidade moral de homem; o povo portuguez tinha perdido a dignidade nacional, isto é, a sua independencia, e liberdade, que sam como a razão social: e se o Manoelinho recobra o uso da razão, e reconhece a sua filha, ao grito da liberdade, proclamado nos calabouços pelo illustre Dom Gastão Coutinho, assim a nação portugueza recobra o uso de seus direitos, e reconhece como seus filhos os heroes do 1.° de Dezembro de 1640, restau-

rada a liberdade da patria, victima até então, como a infeliz Maria, e seu desgraçado pay, da prepotencia, e tyrannia.

Alem deste motivo, outro quero accrescentar não menos forte; e é, que dezejei demostrar a verdade deste preceito do Redemptor do genero humano = *Bemaventurados os que soffrem perseguição por causa da justiça, porque elles alcançarão misericordia.* = Doutrina consoladora do desgraçado, como toda a moral divina do Evangelho. Por isso dei adrêde á loucura do Manoelinho o caracter religioso; elle tudo perdêra, menos a crença instinctiva de seus pays, assim como o povo portuguez tudo tinha perdido, menos a crença religiosa de seus maiores: a lingoagem do Manoelinho é a do profeta Jeremias, quando conta os rigores que soffria, no captiveiro de Babylonia, o povo d'Israel; porque, como o trovador sagrado, lamentava os soffrimentos de sua patria, sob o captiveiro de Castella.

Quanto á parte historica dos factos essenciaes, acharão meus leitores nas citadas obras que eu consultei, a prova de minha constante fidelidade.

FIM.

# Martim Affonso de Lucena.

DEDICADO

A minha muito prezada tia

A Ill.ma E Ex.ma Snr.a

*D. Anna Emilia de Moraes Sarmento.*

## MARTIM AFFONSO DE LUCENA.

,, ............. ..................... *em socego* ,
,, *De teus annos colhendo o doce fruito* ,
,, *Naquelle engano d'alma lédo , e cégo* ,
,, *Que a fortuna não deixa durar muito.* ,,

CAM. LUS.

## CANTO I.

Uma gôndola dourada
Do Tejo as agoas fendia;
Navega tão apressáda
Que ao longe desapparecia.
Seis remeiros esforçados
Trajam librés mui custosas;

C'os longos remos dourados
Cortam ondas salitrosas.
A compasso as agoas ferem
Com regular movimento;
Parece que luctar querem
Na rapidez com o vento.
Ia a noute quazi em meio,
Fazia um lindo luar,
Podiam sem ter receio
Pelo Tejo navegar.
Nem sopra ligeira briza,
Parece o Tejo estagnado;
E a gôndola se desliza
Nesse espelho prateado.
Fica atraz delgada esteira,
Cortada como a cinzel,
Que denuncia a carreira
Que ia seguindo o baixel.
Cada vez que os remos se erguem,
Cahem centêlhas no mar,
As gotas d'agoa que aspergem
Refrangem luz do luar:
Das covas que os remos fazem
Das agoas nessa planice,
Brilhantes fermosos trazem,
Que inundam a superfice:
E a superfice aplainada
Por essas gotas brilhantes,
Fica outra vez prateada,
Tão liza qual era d'antes.
Piloto bem adestrado,
Dourado leme regia;
Do barco á pôpa assentado,
Indifferente parecia;

Porem não, a aguda vista
Ergue ao céo, aos lados lança;
No céo, na terra que avista
Não tem receio, e descança.
E a gôndola dourada
Do Tejo as agoas fendia,
Com tal impulso levada,
Que ao longe desapparecia.

Já Lisboa atraz ficára,
E Almada que está fronteira;
Da Pampulha alem passára,
Mais do forte da Junqueira.
O convento de Restêllo,
Mais a torre de Belem,
De Sam José o covêllo,
De ha muito ficam alem.
Torre velha, do outro lado,
E mais o Porto-Brandão,
Já de ha muito tem passado,
Muito distantes lá estam.
Pedrouços, Praias, Caxias,
Oeiras, Linda-a-Pastora,
E os valles, e serranias
Em que a Linda-Velha mora:
Tudo o piloto avistára,
Tudo a gôndola passou;
Como se encanto a levára,
Até-li nunca parou.
Os remeiros açodados
Remam, remam sem cansar;
E nos remos debruçados
Os remos fazem vergar.
Nas *regatas* de Veneza

Os mais destros gondoleiros
Não remam com mais presteza
Que os portuguezes remeiros:
Vasco da Gama nos dera
Sceptro do mar -- o tridente —
Inda então naquella era
Não estava gasto o presente.
Abertas vam as cortinas
Que eram de seda escarlate,
Atadas com muito finas
Prezilhas d'ouro em remate.
Ia dentro reclinado,
Sobre coxins de veludo,
Um mancebo afortunado,
Fermoso, rico de tudo.
Fermoso sim, nem havia
Em toda a grande Lisboa
Tão bella fisionomia,
Talhe, presença tão boa.
Ainda na adolescencia,
Fino buço apenas tem;
Tinha esse ar, essa innocencia
Que ao mancebo assenta bem:
O seu rosto pudibundo
Tem cunho da virgindade;
Ignora os vicios do mundo,
Ignora a sua maldade.
Nas feiçoens todas do rosto
Não se vê desproporção;
Nem as sombras do desgosto,
Que agudos pezares dão.
No desabroxar da vida,
Tinha seu viço, e verdor;
Tinha a esperança não mentida,

Illusoens todas d'amor;
Desse amor que é o primeiro,
Primeiro amor que elle tem,
Só vê quadro lisongeiro,
Nesse quadro se entretem.
Nesse quadro tão risonho,
Copia da sua ventura,
Embebido como em sonho,
Goza-lo todo procura.
Em doce melancolia
Os sonhos d'alma traduz,
Como a lua reflectia
No espelho d'agoa essa luz.
Ia mudo, silencioso,
Com alma a sós a fallar;
Nesse estado venturoso
A que um nome eu não sei dar.
Chamei-lhe melancolia,
Porem tristeza não é;
Não de certo, que a alegria
Tem menos gozos até.
É o instante que precede
Um gozo certo e seguro,
Do prazer que lhe succede
Precursor divino e puro.
Esse culto que é sagrado,
Que assemelha á devação,
D'amor a amor consagrado
No templo do coração,
Produzia o sentimento
Que em vão tentei descrever,
Deffinindo esse momento
De suavissimo prazer;
De prazer que não transpira,

Todo abafado no peito,
Que até ao ar que respira
Infunde amor e respeito;
Oração de uma alma ardente
Na terna amada a pensar,
Como um anjo reverente
O deus eterno a adorar.
Do mancebo no semblante
Reluzia essa expressão,
— Melancolia interessante —
— Fagueira meditação. —

O piloto, os marinheiros
Viam tudo em derredor;
Elle só via os luzeiros
Que em seu peito accende amor.
Esse luar como o dia
Que o Tejo todo prateia,
Terra, céo, elle não via,
Nem delles tira uma ideia.
Esse murmurio tão brando
Dos remos n'agoa a entrar,
Como um suspiro imitando,
De um ai sumido o fallar;
Esse ruido alternado
D'agoa na prôa a bater,
Som do bejo a furto dado
P'ra mil bejos receber;
O compassado gemido,
Do remador companheiro,
Quando o rêmo é impellido,
E ao remar solta o remeiro:
O mancebo nada ouvia,
Parece vai a dormir,

Fermosa boca entre-abria,
Como n'um sonho a sorrir.

Vai a lua declinando
Em seu rapido correr,
Os seus raios occultando
Vai-se no mar esconder.
Como é lindo esse momento
Em que a lua vai sumir-se
Ao cabo do firmamento,
E co' as ondas confundir-se!..
Zona de prata fulgente
Parece brilhante fita,
Que dos confins do occidente
No mar se estende, e se agita.
E o oceano azulado
Agita briza ligeira,
Quando a lua tem findado
Sua nocturna carreira:
Como que da despedida
Seu terno adeus vem trazer
Essa aragem, que a polida
Face do mar faz tremer.

Só o brilhar das estrellas
Agora o Tejo alumia,
Reflectindo a imagem dellas,
Incerta luz refrangia;
Luz que trémula vacilla,
Quazi dubia escuridão,
Nessa hora tão tranquilla,
Do Tejo na solidão.
E a gôndola dourada,
Velozmente navegando,

Quazi á foz do rio, ousada,
Finalmente vai chegando.
O piloto bem sabia
Qual porto vai demandar,
A 'stibordo lá o via,
Pouco pode lá tardar:
Alli as agoas do Tejo
N'um rochedo vam bater,
Dando-lhe timido beijo,
Beijo humilde de prazer:
Porem quando enraivecidas
Em dia de temporal,
Esse rochedo a mil vidas
Tem dado morte fatal:
E sobre elle edificada
Lá diviza a fortaleza
De Sam-Gião alcunhada
Pela gente portugueza.
Ligeiro som de um apito
O piloto fez ouvir;
Ai agudo, triste grito,
Parece d'agoa sahir.
E os remeiros d'improviso
Erguem os rêmos ao ar
Ao som do apito, ao avizo
De suspender seu remar.

Mas a gôndola seguia
Seu anterior movimento,
Que ao depois diminuia,
Cada vez sendo mais lento;
E por fim como cançada
De já tão longa carreira,
Pára a gôndola dourada

Do rochedo junto á beira.

Do apito o som agudo
Fez o mancebo acordar;
Se era dormir o estar mudo;
Se acaso é somno o pensar.
De sob o tecto dourado
N'um instante se tirou,
E um suspiro prolongado
Ao ver a torre exhalou.
Alli nessa fortaleza
Habita quem elle adora,
Alli mora uma belleza,
Sua alma inteira alli mora.
Mas o pharol costumado
Lá não via o amador;
Talvez não seja esperado,
Receios soffre de amor...
Quem sabe?.. porem não ouza
Injuria á amada fazer,
Esperou sim, e repouza;
Gastou-se a véla ao arder;
Mais tempo que era costume
Talvez gastára no Tejo,
E não vê brilhante lume,
O pharol de seu dezejo!...
O pharol mysterioso,
Que é o seu norte, o seu guia,
Esse faxo luminoso,
Na torre não lhe apparecia!..
O mancebo contristado
Apito de ouro tocou;
Era o signal ajustado
Para dizer-lhe — *aqui estou.* —

Som do apito repetira
O echo triste da torre,
Como um ai que disferira
Afflicto alguem quando morre.
Mas a luz não apparece
Nessa estreita gelozia;
O mancebo se entristece,
Seu rosto se anuvia;
Bate no peito apressado,
Comprimido o coração,
Como sem ar, abafado,
Buscando o ar mas em vão.
Outra vez toma o apito,
Hezita se hade tocar,
Solta um ai... mas não afflicto;
Via o pharol relumbrar...
E nesse ai que elle soltára
Sua alma inteira partira
Voando, quando avistára
Essa luz que ressurgira...
Lanternà de furta-fogo
Erguendo ao ar, agitou;
E o pharol moveu-se logo;
Como ao longe lhe acenou.
Sua amada!.. não duvida...
É ella... sim... què alli vê...
D'alva roupa está vestida,
Ouvir-lhe a voz ora crê.
Porem não... não se atrevêra
A fallar-lhe em tal distancia,
Acordar seu pay fizera,
Móra na proxima estancia.
Nessa visão absorvido,
Divina, doce visão,

O mancebo embebecido
Dá largas ao coração.
Elle era perfeito amante,
Porque era cego amador,
Tinha uma alma delirante:
Era, como eu, — trovador. —
Uma guitarra afinada,
Enthusiasta preludia;
E com voz terna, e páuzada,
A cantar assim dizia:

### Canção.

„ Sobre as azas ligeiras dos ventos
„ Brandas auras levai meu cantar;
„ A expressão de meus doces tormentos,
„ Ide ó ventos a Iria levar. „

„ E dizei-lhe com som mavioso
„ De Martim os suspiros, penar;
„ Os martyrios que soffre, extremoso,
„ Que é seu gozo a Iria adorar. „

„ E contai-lhe essas horas compridas,
„ Longe della, só nella a pensar;
„ E tão longas; tão longas parecidas,
„ Que a mil vidas poderam bastar. „

„ E dizei-lhe que desde que a Iria
„ N'uma igreja elle viu a rezar,
„ Desse instante Martim só fazia,
„ Sua Iria... Iria!.. chamar. „

„ E nas noutes tranquillas do Tejo,

„ Nessas noutes de um lindo luar,
„ Navegava a cumprir seu dezejo,
„ Seu dezejo d'amor lhe mostrar.„

„ Nessas noutes d'horrivel tormenta,
„ Em que as ondas vam céos escalar,
„ No seu barco sem medo se assenta,
„ E agoenta os vai-vens desse mar.„

„ Os abysmos nas ondas cavados,
„ Moveis montes que o erguem ao ar,
„ Sem terror sam por elle sulcados,
„ Aplainados á força d'amar.„

„ Mão no leme elle então seu destino,
„ Sua vida não teme arriscar,
„ Que o pharol dezejado, e divino,
„ Peregrino lá vê relumbrar.„

„ Essa luz que de longe lhe acêna,
„ Essa luz que é d'amor o fallar,
„ A jornada que ha feito com pena,
„ Bem pequena lhe torna ao chegar.„

„ Nesse faxo que a noute alumia
„ Tem o premio de seu trabalhar;
„ É seguro penhor de que um dia
„ Ha de Iria a Martim premiar.„

Do mancebo a voz sonora
Perdeu-se na solidão;
Silencio tudo é agora,
Só fallava o coração.
Nesse continuo arquejar

Manda suspiros de envolta,
Suspiros! mudo fallar!
E a suspirar sempre volta.
Como que via apoiada
Contra os umbraes da janella,
Essa visão adorada,
Iria fermoza, e bella.
Como que ella aspirava
O som terno da canção;
Parece que respirava
No ar os ais que lhe vam.
Sua canção no rochedo
O echo repercutiu;
E nas muralhas, com medo,
Lá na torre se extinguiu.
Ouviu-a a nobre donzella,
E a canção agradeceu,
Agitando a acceza véla
Ao trovador respondeu.

Toda a vida alli estivera
O mancebo namorado,
Se receios não tivera
Possa alli ser encontrado.
Sua guitarra afinando
O tom mais terno procura,
E as cordas dedelhando
Canta assim com voz segura:

### A CANÇÃO DA DESPEDIDA.

,, Pouco tarda que a aurora rozada
,, Não desponte o arrebol matutino;

,, E sem ver o teu rosto divino,
,, Bella Iria, eu devo partir!.. ,,

,, Os mysterios que a noute sepulta,
,, Atraiçoam luzeiros do dia;
,, Meus segredos conta-los podia...
,, Inda não... Esse dia ha de vir. ,,

,, Desse dia tão bello, e fermoso,
,, Desse dia que eu vejo tão perto,
,, Bella aurora, como hoje, de certo,
,, Bella aurora não hei de fugir. ,,

,, Orgulhoso de amor, e ventura,
,, Ante os homens te chamarei *minha*;
,, Esse instante a esperança adivinha,
,, Sua aurora já vejo luzir. ,,

,, No entanto que assim eu espero,
,, Confiado na tua ternura,
,, Só em noute sombria, ou escura,
,, Posso amor em meus ais referir. ,,

,, Que não vejam profanos o culto
,, Que minh'alma á tu'alma dedica;
,, Vou partir, porem ella cá fica,
,, Sem da tua a poder dividir. ,,

,, Vou sem alma, qual corpo gelado,
,, Vou sem leme, sem norte, sem guia,
,, Vou sem ti, qu'és meu deus, bella Iria;
,, Qual escravo os grilhoens a polir. ,,

,, Da partida os suspiros saudosos,

„ Terno adeus, triste adeus eu te envio:
„ Mas nos céos, mas em ti eu confio,
„ Qu'outro adeus do teu peito heide ouvir. „

O pharol n'alta janella
Outra vez viu agitar:
Era o *adeus* da donzella,
Adeus de mudo fallar.
Do mancebo o gozo intenso
Não cabe na expressão;
Não se mede o que é immenso;
Nem se vê o coração.
Esse prazer que elle gozava,
Ia d'envolta com dor;
A saudade lhe deixava
Ralando o peito de amor.
O pharol que se agitara,
Nas trevas desappareceu:
E o mancebo suspirara,
Erguendo os olhos ao céo.

O piloto bem sabia
Que eram horas de partir;
O agudo apito assobia,
Faz um silvo retinir.
E a gondola dourada
Do Tejo aprôa a corrente,
Com tal arte manobrada
Que o bordo vira ao repente.
O mancebo descuidado
Perde equilibrio um momento,
Tendo-lhe o barco faltado
No tão veloz movimento.
Guitarra que acompanhara

Sua voz, sua canção,
Por segurar-se, a soltara,
Cahiu partida no chão.
„ *E' máo agoiro por certo!..* „
Dice o mancebo entre si;
Pedaços que ficam perto
Arroja ao mar, e sorri...
Sorriu como desprezando
Esse agoiro em que pensou,
E a amada recordando,
Guitarra, agoiro, olvidou.
Prôa á terra o barco pára
Onde sohia aportar;
Mancebo desembarcara
Apoz bolsa lhe atirar.

Seguindo por varias ruas
N'um palacio entra em fim;
Chaves falsas tinha suas;
Evita fazer motim.
Sobre si as portas cerra,
Sem ruido algum fazer;
Vai ás escuras, não erra:
Certo da caza ha de ser.

FIM DO CANTO I.

## MARTIM AFFONSO DE LUCENA.

,, ......... ......... *O' filho, a quem eu tinha*
,, *Só para refrigerio e doce amparo*
,, *Desta cansada já velhice minha,*
,, *Que em choro acabará penoso, e amáro!* ,,

CAM. LUS.

## CANTO II.

Inda apenas despontava
Da manhaã o alvor primeiro
Sobre Lisboa, que estava
Sepulta em somno fagueiro;
E um velho venerando,
Sentado junto a uma meza,

Estava acordado, velando,
Absorto inteiro em tristeza;
Alvas cãas lhe adornam rosto,
Pallido já pelos annos,
Cortado pelo desgosto
Co' as rugas dos desenganos;
Os olhos amortecidos
Pelo continuo velar
Tinha quazi humedecidos;
Talvez esteve a chorar!..
Alli só, ninguem o via,
Pode nutrir sua dôr;
Desafogo então podia
Procurar, consolador.
Fio a fio as bagas sulcam
Suas faces macilentas;
Sam amargas, bem inculcam
As dores d'alma violentas.
Na mão convulsa apoiava
A calva testa que ardia;
Do peito que palpitava
Murmurio d'ais lhe sahia.

Ninguem de certo cuidara
Que o que soffria essa pêna,
Que esse velho que chorara
É Francisco de Lucena!
Um secretario de estado
A' fé ninguem pensaria
Que, sendo d'ElRey o privado,
Afflicto assim choraria!
O vulgo, que as apparencias
Das cousas sómente vê,
Nas mundanas preeminencias

Que a ventura existe, crê;
Esse ouropel tão brilhante,
Ouro crê de bom quilate,
Dera por elle, inconstante,
Seu ouro bom sem rebate;
Seu ouro bom, essa vida
Vivida tranquillamente,
Trocara pela mentida
Gloria do mundo apparente;
Os palacios sumptuosos,
As terras, librés, criados,
Os banquetes saborosos,
Os festins nocturnos dados;
Esse luxo da existencia,
Que cerca sempre o poder,
Trocara sem violencia
Por seu modesto viver:
E no seio a inveja falla,
Desse vulgo tão ignaro;
Desse vulgo que se rala,
D'alheios bens sempre avaro!
D'alheios bens que dezeja
A posse injusta cobiça;
Goza-los quer, e forceja,
Faxo d'intrigas atiça.
Oh! não conhece os espinhos
Que cercam esse lugar!
Os tortuosos caminhos
Que é mister atravessar!
Nem os abysmos cavados
Sob os pés desse ministro;
Os vulcoens assolapados
Que bramem com tom sinistro!
Nem do coração luctando

As luctas com o dever
Conhece o jogo nefando,
Em que o ganho é soffrer!
Se do vulgo alguem viesse
Ver o ministro a chorar,
Se a causa saber quizesse,
Já não quizera trocar.
Esse poder que invejara,
Esse luxo, essa riqueza,
Oh! de certo não trocara
Por sua humilde pobreza.

Essa meza a que se encosta
Cercada está de papeis;
A todos já deu resposta,
Despaxos pondo fieis.
Todos já estam despaxados,
Falta um só para assignar;
Tem nelle os olhos cravados,
Olhos que estam a chorar.
Esse papel, como ardendo,
Lhe queima a vista cansada;
Péga na penna tremendo,
E a mão lhe pára gelada.
Era sentença de morte
Essa que elle ia escrever;
Traço da penna, era o córte,
De que um filho vai morrer!
Essa mão que abençoára
Esse filho tão querido;
Essa mão que elle beijára
De terno amor possuido;
Essa mão devia agora
Firmar sentença fatal...

Ou traidor, perjuro fôra...
Vendêra o rey... Portugal!..
Vender a patria!.. o seu rey!..
Elle?!. não, que é portuguez...
Do dever só sabe a ley...
Que é pay esquece esta vez.
E a mão convulsa escrevêra
Despaxo sobre o papel;
O sacrificio fizera...
Ficara á patria fiel.
Seus olhos tristes, banhados
D'amargo, precioso pranto,
Pelo pranto anuviados,
Traduzem martyrio tanto.

As propostas de Castella
Quem as quizera aceitar?!
Todas em proveito della,
Patriá, rey nos quer tirar!..
Mas ElRey Dom João quarto
Ao seu throno já subiu;
Portugal d'opprobrios farto
Da corôa propria o cingiu:
E nos campos da batalha,
Os grilhoens dos sessenta annos
Sam leves saias de malha
Que embotam golpe aos tyrannos.
Não podendo com a espada
Roubar-nos a liberdade,
A alforria conquistada
Com valor, e lealdade,
Arteiros meios emprega,
O ouro que nos roubou;
Esse ouro que a tantos cega,

Com que outr'ora nos comprou.
Bem sabe que nunca a força
Portugal poude vencer;
Com traiçoens, ardiz se esforça,
Mais seguro combater.
Inda mal que alguns illusos
Cahem nos laços cruentos,
Protegendo esses intrusos
Tyrannos sangui-sedentos!
Porem esses já pagaram,
Sob o cutello do algoz,
O crime que perpetraram,
A traição infame, atroz!..
Já o duque de Caminha,
Marquez de Villa-Real,
Purgaram traição daninha
Sob o cutello fatal!..
Nobre conde de Armamar
Perdera a vida igualmente;
Melhor fim devêra achar;
Era mancebo, e valente!.,
O sangue desses traidores
Manchou seus nobres quarteis,
O escudo de seus maiores
Ao rey, á patria fieis.
E nenhum desses contava
Em Castella um filho prezo,
Que as algêmas lhe mostrava,
Que os tratos soffre indeffezo!
A nenhum delles dizia
Castella, no seu rancor,
= Teu filho, só to daria,
= Se a patria vendes, traidor! =
Essa lingoagem uzara

Com Francisco de Lucena;
E o pay não hesitára,
O filho á morte condemna!
Seu Affonso, tão querido
Primeiro fructo d'amor,
Para sempre crê perdido
D'Hespanha entregue ao furor.
As lagrimas que lhe cahiam
Pelas faces descarnadas,
Tormentos d'alma exprimiam,
Eràm bem justificadas!
Invejaria insensato,
Esse lugar em que elle está?!
Não está completo o retrato
E treme de certo já.

E Francisco de Lucena
O nome assigna por baxo...
Ao chão arroja essa penna
Com que firmou seu despaxo.
O sacrificio está feito,
Um filho já immolou...
E um suspiro do peito,
Qual derradeiro exhalou.
Outro filho que lhe resta,
Martim Affonso inda tem;
Ao menos sorte funesta
Não tenha esse tambem!..
Seja ao menos batalhando
Que pela patria elle expire...
Irmão, e patria vingando,
Vingança nobre elle tire!
Dos despaxos que ha lavrado
Martim será portador;

Só de um filho muito amado
Confia seu pundonor.

Ao rey dicera o valido
De Castella a vil proposta,
Que ficára enternecido
Sabendo qual a resposta:
Licença tambem pedira
Para Martim a levar,
E ElRey logo consentira,
Dando-lhe a mão a beijar.
Quando viera do paço,
Seu filho não encontrou;
Tinha sahido ha pedaço,
E até-gora não voltou.
Deve partir sem demora
Apenas logo chegar,
E já começa a aurora
Quazi quazi a despontar.
E passára a noute inteira
O velho sempre velando,
Por esta triste maneira
Como eu estive relatando.

Nessa hora em que as estrellas
Convidam sempre a dormir,
E confundem brilho dellas
C'o matutino luzir;
Nessa hora abençoada
Pelo triste que ha velado,
Em que alma exhausta, e cansada
Acha repouso um bocado;
Ness'hora mysteriosa
Em que o somno vence a dor,

Com a força portentosa
De que deus só é motor;
Nessa hora, já vencido,
O velho ao somno cedeu;
Tinha tanto já soffrido,
Que por fim adormeceu.

Não era somno quieto
O somno que elle dormia,
Era dormir inquieto,
Porque a dormir elle gemia.
Eram sonhos horrorosos,
Esses sonhos que elle tem:
Agudos ais dolorosos
Á flôr dos labios lhe vem.
É horrivel pezadêllo
Que lhe esmaga o coração:
Julgára ver um cutello
Que o algoz tinha na mão !...

Acordou espavorido;
Era uma porta a ranger;
Era um andar conhecido;
Martim Affonso hade ser...
Era seu filho que entrara
Manso e manso, devagar:
Bello mancebo que andara
Pelo Tejo a navegar.

O secretario de estado
Martim Affonso chamou,
Que ao ver o pay acordado
Vergonhoso a sala entrou,
Sahira sem ter licença,
Tivera pêjo em pedi-la...

Uma severa sentença
Agora teme de ouvi-la.
Porem não; seu pay o adora;
Vai confessar-lhe a verdade;
Vai dizer-lhe sem demora
Quem lhe algema a liberdade:
Vai pedir-lhe que consinta
Em sua doce união
Com a donzella distincta,
A quem dera o coração.
A boca já meio aberta
Ia a supplica expressar
Ao tempo que a mão aperta
De seu pay, para a beijar;
Quando seu pay extremoso
Contra o seio o apertou,
E no seu rosto fermoso,
Cheio d'amor o beijou.
Lagrimas ternas correram
Dos olhos do pay amante;
Por dous filhos se verteram
De um só filho no semblante.
Cada beijo eram dous beijos
Dados nesse, e filho auzente...
Desse amor puro os dezejos
Só um pay, ou may os sente.
Só um pay, ou may conhece
A lingoagem desse amor,
D'amor que não arrefece,
Cada vez sempre é maior;
Desse amor, que repartido
Nunca perde a intensidade,
Com o de um deus parecido,
Pay de toda a humanidade.

FRANCISCO DE LUCENA.

„ Meu filho! vai preparar-te;
„ Sem demora vais partir.
„ N'um batel vais embarcar-te
„ Onde podes bem dormir.
„ Sem detença ao Alemtejo
„ General vai procurar;
„ Satisfaz o meu dezejo,
„ Ordens minhas vai levar;
„ Dellas depende o que eu prézo
„ Mais que a vida, muito mais;
„ Mais que o Affonso que está prezo,
„ Mais que a ti... filhos leais!..
„ Nossa patria... a minha honra
„ Depende agora de ti;
„ Não serás tu que a deshonra
„ Lance indigno sobre mi. „

E o filho contristado
Instrucções do pay ouvia,
Respeitoso, e resignado
Paterna benção pedia.
Sua amada cá ficava
Sem della se despedir;
E a saudade o devorava,
Antes mesmo de partir.
Vai a pegar no despaxo,
Cahe-lhe o despaxo da mão;
Curvado todo até baxo
Vai apanha-lo do chão;
Da meza, a que se apoiara,
Outra cousa ao chão cahiu;
Seu pay um grito soltara

Quando vira o que cahiu.
Era um cutello que outr'ora
De Madrid elle trouxera,
Que ao chão cahindo agora
Estremecer o fizera,
Pensando que ao cahir
Martim Affonso ferira,
Esse grito fez ouvir,
Qu'involuntario partira.

Martim Affonso apanhara
Despaxo, e ferro do chão;
Oh! se acazo adivinhara?!..
Queimada sentira a mão!..
Esse despaxo encerrava
De seu irmão sacrificio;
O cutello designava
Do algoz cruento officio!
Degolara esse cutello
Dom Rodrigo Caldeirão!..
Nobre pescoço, mais bello
Talvez corte... e sem razão!..

Entrou na sala um porteiro;
Apoz elle um magistrado,
Sem n'ante-sala primeiro
Audiencia haver esperado.

O Magistrado.

„ Qual Corregedor da côrte
„ Venho de mando de ElRey;
„ Faço a mim violencia forte,
„ Cumprindo tão triste ley.„

Dá um papel que trazia
A Francisco de Lucena,
Que o seu contexto assim lia
A sós, com vista serena:
,, Attendendo ao requerimento
,, De varios Procuradores,
,, Que a Francisco de Lucena
,, Poem entre o rol dos traidores;
,, E a justiça não querendo
,, Que se denegue a ninguem;
,, O dever de rey fazendo,
,, Determino, e Hei por bem
,, Que á torre de Sam Gião
,, Logo o vades conduzir;
,, Com menagem na prizão,
,, Sem della poder sahir.
,, O corregedor da côrte
,, Esta ordem cumprirá:
,, De haver feito desta sorte
,, Logo a parte me dará.,,
Por baixo vinha assignado
Com a rubrica d'ElRei;
Um J, um L enlaçado,
Um R, e guarda, da ley.

FRANCISCO DE LUCENA.

,, Á torre de Sam Gião;
,, Vamos já sem demorar.,,
Sem menor hesitação,
O seu chapeo foi buscar.

Martim Affonso pasmado
O que pensar não sabia;

A ordem do magistrado,
Nem o papel entendia.
Ouvira fallar na torre
Onde habita a sua amada,
Innocente, não discorre
No fim daquella jornada!..
Sem lembrar sua partida
Com ordens para Alemtejo,
Folga vê-la interrompida
Por dar gosto a seu dezejo;
E assim diz, como rogando:
„ Á torre posso ir tambem??„

O Magistrado.

„ Vosso pay acompanhando,
„ Creio podeis ir mui bem.„

Martim Affonso.

„ A torre de Sam Gião
„ Meu pay dezejo seguir.„

Francisco de Lucena.

„ Meu filho!.. É á prizão!!!.„

Martim Affonso.

„ Então devo, quero ir!!..„

Fim do Canto II.

## MARTIM AFFONSO DE LUCENA.

,, A que novos desastres determinas
„ De levar estes Reinos, e esta gente?
,, Que perigos, que mortes lhe destinas,
,, Debaixo de algum nome preeminente? ,,

CAM. LUS.

# CANTO III.

N'uma gothica janella
Da torre de Sam Gião
Se vê fermoza donzella,
Encostada ao seu balcão.
A gentil nobre figura
Tinha flexivel, airosa;

Haste elegante affigura
Sobre a qual brilha uma roza;
Porem roza não aberta,
Botão sem desabroxar,
De verdes folhas coberta
Sobre o tronco a baloiçar;
Tem da innocencia os espinhos,
No seu ar, no seu desdem,
Como a roza nos raminhos
Por defeza espinhos tem.
Seus longos, finos cabellos
Sam negros como o pau santo;
Seus negros olhos sam bellos,
D'amor contem doce encanto;
Ora languidos, parecem
Brilhar nocturno d'estrellas,
Que a scintillar apparecem
Apoz passadas procellas;
Ora qual sol rutilante,
Despedem raios de luz,
Que a ventura no semblante,
Nas feiçoens todas traduz;
Mas agora humedecidos
Parecem mais bellos inda,
Com aurora parecidos
De manhã serena, e linda.
Alvo o rosto, é tão perfeito,
Que não ha pôr-lhe—senão—;
Só se acazo for defeito,
Ser perfeito em perfeição.
A boca rubra, e pequena,
É dos céos divina amostra;
Da roza com a assucena
Linda côr nas faces mostra.

Seu nariz, como de cera,
Transparece delicado;
Que perfumes recebêra
Parece ar que ha respirado:
E o ar que em torno a cercava,
Ar parecia luminoso,
Que as lindas formas beijava,
Casto, puro, e respeitoso.

Dona Iria de Menezes,
Illustre nome era o seu;
Nome que por tantas vezes
Cheio de gloria appareceu.
É seu pay governador
Da torre de Sam Gião;
É tão distincto em valor,
Como o era em geração:
Dom José era o seu nome,
Menezes, seu appelido;
Ganhado tinha renome,
Renome justo, e mer'cido.
Fôra victima em Castella
Da mais feroz tyrannia,
Quando sob os grilhoens della
Portugal inda gemia;
Lá soffreu tratos horriveis
Por ser á patria leal;
Mas nos tratos mais terriveis
Nunca trahiu Portugal.
Foi um desses cavalleiros
Que acclamou Dom João quarto,
Foi talvez um dos primeiros,
Como de soffrer mais farto!..
ElRey para premia-lo

Com distincto galardão,
Deu-lhe, de gloria em regalo,
A torre de Sam Gião.
Da foz do Tejo a defeza
ElRey lhe quiz confiar;
Do seu reyno fortaleza
Mais nobre não tinha a dar.
E Dom José de Menezes
Com a filha alli vivia,
Que os seus pezares mil vezes,
Seus cuidados distrahia.

Dona Iria contemplava
Nuvens no céo a crescer
Com o vento que soprava
Do sul mui rijo a bater.
Do Tejo as ondas subiam
Cada vez e mais e mais;
Montanhas moveis pareciam,
Das quaes surdem tristes ais;
E as ondas impellidas
Contra as rochas vam quebrar-se,
Recuando enfurecidas
Para maiores formar-se;
Apoz como reforçando
O seu ataque primeiro;
Vam audazes caminhando,
Esquadrão feroz, ligeiro;
Mas a bronca penedia
Desse ataque inda zombou;
Despôjo lá se lhe via
Na escuma, que lá ficou;
As ondas encapelladas
Outra vez trepam rochedo,

Tornam atraz rechaçadas;
Lá ficou tranquillo, e quêdo.
A sua immobilidade
Em vão luctam combater,
Que por toda a eternidade
Seu dominio ham de soffrer.
Do Tejo as ondas batiam
Nos muros da fortaleza;
E os ventos recresciam
Na furia com mais braveza.
Das nuvens denso chuveiro
Vai correndo sobre o mar;
Negro, espesso nevoeiro,
Cortina horrivel formar.
Rajadas rijas dos ventos
Erguem ondas té aos céos;
Mostram do mar fundamentos
Nas bazes dos escarcéos.

„ Infeliz do navegante,
„ Que a vida ao mar confiou!„
Assim pensou nesse instante
Dona Iria, e suspirou.
Mas que é a vida? Oceano
Continuamente agitado,
Em que o repouso é engano,
Triste engano refalsado.
Ha pouco ainda esse Tejo
Tranquillo, e puro jazia,
Nem o mais leve bafejo
Liza face lhe movia.
Alta noute um barco vinha
Velozmente navegando,
Pharol d'amor o encaminha,

Porto d'amor lhe amostrando:
D'uma voz suave, e pura
Ouvia o doce cantar;
Brandas cançoens que a ternura
Sabiam tão bem pintar!...
Agora?!. sibilam ventos;
Bramem ondas com furor;
Em vez de cançoens, lamentos;
Em vez de bonança, horror!..
Suas lagrimas fermozas
Já não as pode conter,
E pelas faces de rozas
Manam por fim a correr.

Via quazi a toda a hora
O mancebo a quem quer bem;
Martim Affonso alli mora
Naquella torre tambem.
Tres mezes porem passaram
Nunca o triste lhe fallou;
Os seus labios se fexaram
Desde hora que alli entrou.
O seu pay acompanhava
Sempre sempre na prizão;
E nunca nunca o deixava
Por lhe dar consolação.
Quando seu pay nos terraços
Passeia a custo, cansado,
Do terno filho nos braços
Constantemente apoiado,
Ella vê o seu querido
Martim Affonso a chorar;
E seu pranto enternecido
Ao triste pay occultar;

Como que se receiasse
Profanar de um pay o culto
Se d'amor então fallasse
Que á sua dor julgara insulto,
Nunca até-li lhe fallára,
Fugia até de a ver;
Porem quanto lhe custara
Tal sacrificio fazer!...
Conhece a delicadeza
De seu nobre coração;
E por isso mais o préza,
Soffre mais, e com razão.
Como havia de fallar
Martim Affonso em amor
Seu pay ouvindo accuzar
D'infamia vil, de traidor?!?.
Como havia de offerecer
Mão d'espozo á sua amada
Quando seu pay vai morrer?!?
E sua mão fica infamada?!?.
Como havia de dizer-lhe....
Dizer-lhe o que??. um proscripto!..
— O seu pranto agradecer-lhe
— Calando amor infinito. —
Seu nobre pay era amigo
De Francisco de Lucena,
Mas um pod'roso inimigo
Á prizão lá o condemna.
O processo demorado
Não corre, vai devagar;
Muito custa ao accuzado
Sua justiça alcançar!..
E Dom José de Menezes
Seu valimento empregara;

Aos ministros muitas vezes,
A ElRey mesmo, fallara.
Quando Iria assim pensava
Encostada ao seu balcão,
No apozento o pay entrava
Que ella habita em Sam Gião.
Amor de pay lhe dicera
Quanto soffre a amada filha;
Sua alegria perdera,
Prazer no rosto não brilha.
Martim Affonso ella adora...
Infeliz! pobre innocente!..
Da vida ainda na aurora,
Soffre já... e tanto sente!..
Quanta ventura seria
Poder cazar esses dois?!.
Se agora tem sua Iria,
Dois filhos tinha ao depois!..
Mas é preciso primeiro
Livrar seu pay da prizão;
E mostrar ao mundo inteiro
Fôra injusta, e sem razão.
De sua filha adorada
Saudozo vem despedir-se;
Dezeja, e teme a jornada;
P'ra Lisboa vai partir-se.
Vai tentar ultimos meios;
Pedir justiça a ElRey;
Delle não vem seus receios,
Vem dos que zombam da ley.
Comsigo Martim levava;
A ElRey o quer mostrar;
Lédos planos que formava
Não pode o rosto occultar.

Delle apoz na sala entrara
Martim Affonso a tremer;
Dom José o convidara:
Que lhe havia responder?!..
E tremia, não de pejo,
Certo não tinha razão;
Era d'amor, e dezejo
Que tremia o coração.
Era d'amor, e saudade,
Saudade, sim, junto a ella;
É distancia a adversidade,
Por isso está longe della!..
Formar não ouza um dezejo,
Porque não tem uma esperança...
Das lindas noites do Tejo
Recorda, triste, a lembrança!..
Era então filho mimoso
D'um secretario d'estado,
Agora qual criminoso
Nessa torre encarcerado!..
Ao entrar elle tremêra,
Porem tremêra d'amor....
Sua Iria não quizera
Associar á sua dor!..
Ao vê-la seu pay olvida,
Para só nella pensar;
Nos seus olhos sua vida
Outra vez julga encontrar.
Vence amor a natureza,
Iria só então viu,
Sua rara gentileza,
Seu rosto que lhe sorriu.
Essa boca tão rozada
Sorriu tão lindo sorrir!..

Sua face tão nevada
Tingiu tão lindo tingir!...
Que o mundo inteiro esquecêra
Gozando o puro sorrizo,
Que na terra o céo lhe déra,
Venturas do paraizo.

O pay d'Iria esta scena
Eloquente, percebeu
O amor, prazer, e pena
D'ambos elles conheceu.
Se delle só dependesse
Não hezitara um instante,
Que alli mesmo não fizesse
Venturoso o par amante.
Mas a ElRey deve ir primeiro
Sua licença impetrar;
Do innocente prisioneiro
Injustos ferros quebrar.
Pay d'Iria não dicera
Tudo quanto ella entendeu;
Não se engana, e ella espera;
Doce esperança concebeu.
Seu nobre pay approvava
Sua terna inclinação,
E seu amor aplainava
Qualquer outra opposição.
Palavras poucas diceram
Os dois amantes ao vêr-se;
Nem palavras se fizeram
Para amantes entender-se:
No andar, no gesto, e modo,
Na pallidez, no rubor,
N'um olhar, se encerra todo

Vocabulario d'amor.
O seu amante, e seu pay
Ambos elles já sahiram;
Sua alma com elles vai
Na carroça, em que partiram.

Cada vez crescia mais
No Tejo a horrivel tormenta;
Sopram rijos vendavais;
Temporal a furia augmenta.
Entre o denso nevoeiro
Uma barca se avistou;
Certo, o seu fim derradeiro
Nos cachopos encontrou!..
Como do abysmo arrojada
A barca torna a apparecer;
Nos abysmos sepultada
Parece agora vai ser!..
Cedeu amor á piedade
Nesse momento d'horror...
Nesse instante d'anciedade,
Vendo o quadro aterrador!..
Sem vela, remos, nem leme,
Era ludibrio do mar...
Cerra os olhos, toda treme,
Começa afflicta a gritar:
„ Soccorro!.. dai-lhe soccorro!..
„ Salvai essa embarcação!..
„ Ou de pena, e magoa eu morro!..
„ Parte a dor meu coração!...„
A bolsa d'ouro provída
N'um momento vái buscar;
Ei-la na torre descida,
Sempre *soccorro* a bradar.

Apenas vê uns soldados,
Sua bolsa lhe atirou;
E com gritos redobrados,
„ Dai-lhe soccorro!..„ bradou:
„ Soccorro!.. dai-lhe soccorro!..
„ Salvai essa embarcação!..
„ Ou de pena, e mágoa eu morro!..
„ Parte a dor meu coração!..„

Não foi d'ouro o vil dezejo,
Foi d'Iria a voz divina,
Que a arrojar-se logo ao Tejo
Os soldados determina.
Co' as vagas lá vam luctando
Levando cabos na mão,
O seu risco desprezando
Por salvar a embarcação...
E a virtuosa Iria
Tremia toda sem querer;
Pelos soldados tremia
Que por ella vam morrer.
Aperta as maons contra o seio,
Reza, reza com fervor;
O remedio a seu receio
Pede a um deus consolador.
Elle ouviu sua reza ardente,
A barca já se salvou:
Em p'rigo tão imminente
Nenhum homem se afogou.

De Francisco de Lucena
Um amigo, e o cunhado,
Naquella barca pequena
Tinham no Tejo embarcado

Tal pressa quizeram dar-se
Para vir a Sam Gião,
Que não temeram fiar-se
Do Tejo em tal estação.
O temporal os colhera,
E a não ser a bella Iria
Que o soccorro a tempo dera,
A barca naufragaria.
Ao secretario d'estado
Trazem ordem de soltura;
Que o seu processo ha mostrado
D'imigos vis a impostura.

Apenas a bella Iria
Noticia ouviu lisongeira,
Pela torre lá corria,
Mais que a corsa mais ligeira.
A Francisco de Lucena
Vai soltura annunciar,
Que suffocado lhe acêna;
Não deixa o gosto fallar:
Abertos braços mostrava
O velho; ella entendeu...
Nos seus braços se lançava;
O pranto d'ambos correu.
Nesse abraço, e pranto havia
A confissão interessante,
Que a Martim amava Iria,
Que os bemdiz seu pay amante,
Retumbam vivas na torre
Ao secretario innocente;
Cada qual logo discorre
Dar-lhe um festejo excellente.
Iria ao velho beijava

As maons frias de prazer,
Que nas suas apertava,
Como para as aquecer.
O terno amigo, o cunhado
Aos lados dos dois estam;
Largamente tem contado
Quem lhe cauzara a prizão.
Martim Affonso não deve
Nem Dom José hi tardar;
Da noticia a fama leve
No caminho ham de encontrar.
Lá rodou uma carroça;
Ham de elles por certo ser;
O coração se alvoroça
Treme oppresso de prazer.
Iria seu caro amante,
E seu pay corre esperar;
Quando extranhos nesse instante
Na sala acabam d'entrar.
Era um, Jorge de Mello,
Que é das galés general;
O outro, Estevão Meirelles,
Que é ministro criminal.

O Ministro.

„ ElRey Dom João me ordena
„ Conduzir ao Limoeiro
„ A Francisco de Lucena,
„ Que aqui estava prisioneiro.„

Francisco de Lucena.

„ Como assim?!? se mesmo agora

„ Recebo ordem de soltura?!?
„ Lêde esta ordem protectora;
„ D'ElRey vêde a assignatura!!..

O Ministro.

„ Tudo isso é verdadeiro,
„ Mas ElRey mudou depois;
„ Levar-vos ao Limoeiro
„ Nos mandou a ambos dois.„

Dona Iria.

„ Isso não!.. é impossivel!..
„ Foram ElRey enganar!...
„ ElRey é justo, e sensivel,
„ Não podia tal mandar.„

O Ministro.

„ Não vos pertence, ó Senhora,
„ Erguer a voz contra a ley;
„ Quando vosso pay agora
„ Foi prezo á ordem d'ElRey.„

Dona Iria.

„ Meu pay prezo?!?. Ouvi eu bem?!?..

O Ministro.

„ Prezo, sim, no Limoeiro;
„ Martim Affonso tambem
„ D'ambos será companheiro.„

Iria cahe desmaiada,
Tanta dor a suffocou....
Não ouviu, não viu mais nada
Da scena que se passou.

FIM DO CANTO III.

## MARTIM AFFONSO DE LUCENA.

,, Porque de mi te vás , ó filho caro?
,, A fazer o funerêo enterramento ? ,,

Cam. Lus.

# CANTO IV.

As Alcaçovas que outr'ora
Foram os paços reais,
Vastas prizoens sam agora,
Com masmorras infernais.
O seu nome ao seu destino
Correspondia, primeiro.

Tinha á porta um peregrino
Mui frondoso limoeiro.
Mudado o paço em cadeia,
Primeiro nome olvidou;
Foi-se do paço a ideia,
O limoeiro lá ficou;
E como estava á entrada
Do paço feito prizão,
Deu seu nome em nomeada
Á do crime habitação.
Quem ha hi que não estremeça
Á palavra — Limoeiro — ?..
Que os horrores seus esqueça
Se lá esteve prisioneiro?...
E tanto... tanto innocente
Sem crimes lá tem penado,
Por expressão indifferente,
Que ás vezes, nem ha pensado!..
Quantos centos d'infelizes,
Quantos milhares talvez,
Dos mais variados matizes
Lá tem ido á sua vez!..
Todas as cathegorias,
Idades, sexos tambem,
Das profundas enxovias
Horrores soffrido têem!..
Se esses muros denegridos
Inda podessem fallar,
E contar quantos gemidos
Ouviram tristes soltar?!..
Se esses dramas horrorosos
De verdadeiro soffrer,
Esses muros silenciosos
Podessem bem descrever!..

Oh! de certo a piedade
Soluços d'alma arrancára;
Triunfante a humanidade
Taes abuzos emendára!..

Em vez das festas brilhantes,
Dos saráos que alli se davam,
Nessas eras já distantes
Em que os reys alli moravam;
Em vez d'alegres cantares
Desses nobres trovadores,
Que em seus versos singulares
Cantavam ternos amores;
Em vez desses sons divinos
Das tiorbas afinadas,
Por menestreis peregrinos,
Folioens, jograis, tocadas;
Agora... ranger dos ferros;
Rojar triste dos grilhoens;
Surdo grunhir desses pêrros
Ferrêos gonzos d'alçapoens...
Agora... ternos gemidos;
Ais que arranca ao peito a dor...
Desses muros denegridos
Sam a lingoagem de horror.

Ahi estam no Limoeiro
Os Lucenas, o Menezes,
Soffrendo no captiveiro
Mais que a morte, mais mil vezes.
Mettidos n'uma enxovia
Como se foram traidores,
Não lhes val a fidalguia
Nem brazoens de seus maiores!..

Alli o sangue vertido
Pela patria em deffensão,
Ao innocente opprimido
Garantia offerta em vão!...
Só a prezumpção do crime,
Que inda a ley ha de julgar,
A innocencia alli opprime,
Para a verdade indagar!..
Da isolação, maior pêna,
Mais que a cegueira, e que a morte,
Por qualquer causa pequena,
O innocente soffre a sorte!..
Soffre o longo captiveiro,
D'ar, e luz a privação,
E os tratos por derradeiro
Sem previa condemnação!..
A justiça não carece
Desses meios infernaes,
Com que a innocencia padece
A' sombra dos tribunaes.

Em uma sala isolada
No centro do Limoeiro,
Para os tratos reservada,
Lá entrou um prisioneiro;
Era um mancebo fermoso,
No desabroxar dos annos,
Que parou silencioso
Ante os juizes — seus tyrannos. —
Elles calados, e quêdos
Silencio profundo guardam,
Impassivos, quaes penedos,
Outras victimas aguardam.
Lá entrou um cavalleiro

Com ademan d'esforçado,
Ar altivo, e sobranceiro,
Qual juiz, e não culpado:
Que era réo, não parecia
Na expressão do seu rosto,
Cuja face não trahia
Seu despeito, e seu desgosto;
Da sala parou em meio,
Olhou para o tribunal;
E um sorrizo aos labios veio,
Que é do desprezo signal.
Apoz este um velho entrara
De semblante venerando,
Que nos guardas se appoiara
Cansados pés arrastrando;
O mancebo apenas vira
Mudou do rosto a expressão,
Do peito a dor lhe trahira
Saudade, amor, compaixão...
E as portas se fexaram
Sobre os reos, e seus juizes,
Sobre os guardas que ficaram
Aos lados dos infelizes:
Os muros estremeceram
Ao cerrar portas fataes;
Té os juizes tremeram
C'os remorsos infernaes!..
Não tem a sala janellas,
É negra toda em redor;
É de tochas amarellas
Essa luz que faz horror!..

Esse velho veneravel,
É Francisco de Lucena,

Cujo rosto brando e affavel
Occulta secreta pena.
Esse outro ouzado, e valente,
É Dom José de Menezes,
Cujo rosto não desmente
Bater do peito mais vezes.
O mancebo delicado,
E' Martim, por derradeiro,
Tem o rosto demudado
Por seu longo captiveiro;
Que não pelo vil temor,
Esse temor vergonhoso,
Que ao culpado muda a côr
Ante o juiz, receioso.
O pay olhou para o filho,
Para o amigo ao depois,
E o tormento do tornilho
Elle soffre, e mais os dois...
Não podem elles fallar-se,
Os olhos só fallam mais;
E não podem abraçar-se,
A não ser abraços d'ais!..
Esses... não, que o peito os guarda
Sepultos no coração...
O tribunal os aguarda...
Algozes... juizes, sam....

Abre o escrivão o processo;
Juizes dam juramento;
O tribunal dá começo
Ao *já feito* julgamento...
O escrivão faz a leitura
Por mandado do juiz
Desse *monstro d'impostura*, '

Que *processo* alli se diz.
É Francisco de Lucena
Como traidor accuzado,
E a *pronuncia* o condemna,
Como réo *indiciado.*
O procurador da corôa
Seu *libello* formulou,
Dizendo que de Lisboa
Com Castella o réo tratou.

O Juiz.

„ Que respondeis ao artigo? „

Francisco de Lucena.

„ Tinha licença d'ElRey. „

O Juiz.

„ E as cartas do inimigo? „

Francisco de Lucena

„ Todas a ElRey entreguei. „

O Juiz.

„ Essas cartas que tratavam? „

Francisco de Lucena.

„ Só de meu filho a soltura. „

O JUIZ.

„ Muitas mais outras faltavam ! „

FRANCISCO DE LUCENA.

„ Sam d'imigos impostura. „

O JUIZ.

„ Dom José ! vós que sabeis
„ Como co-réo na traição ? „

DOM JOZE DE MENEZES.

„ Só por *vós* tratam os reys
„ Os da minha condição;
„ Tratai-me como deveis;
„ Cumpri vossa obrigação. „

O juiz ficou irado,
Porque o réo tem *Senhoria*;
Não é fidalgo, e ha jurado
Odio a toda a fidalguia:
Mas quando tiver um *fôro*,
Tiver *serviço no paço*,
Como elles já fará côro,
Como a iguaes dar-lhe-ha o passo.

O JUIZ.

„ Um réo não tem tratamento. „

DOM JOZE DE MENEZES.

„ Só é réo o condemnado,

„ E antes do julgamento
„ É innocente o culpado.„

O Juiz.

„ Réo Dom José de Menezes,
„ Que sabeis vós da traição?„

Dom Joze de Menezes.

„ Que os Lucenas, portuguezes
„ Sam leaes, traidores não.„

O Juiz.

„ Não quereis dizer mais nada?„

Dom Joze de Menezes.

„ Nada mais. Só que é traidor
„ Quem accuza os mais leaes,
„ Quem é vil calumniador.„

O Juiz.

„ Martim Affonso! dizei...
„ Que sabeis dos accuzados?„

Martim Affonso.

„ Que fieis á patria, ao rey,
„ Sam innocentes, e honrados.

O Juiz.

„ O algoz! no cavallete

„ Altivos cedem ás vezes;
„ Dai-lhe tratos, até sete,
„ Como é ley dos portuguezes. „

Dom Joze de Menezes.

„ Já em Castella os soffri
„ Pela patria, e lá calei...
„ Vêde agora vós se aqui,
„ Innocente, fallarei!..„

Os ossos lhe esconjunctava
O algoz féro, e cruento;
E Dom José não soltava
Nem um ai, nem um lamento!
As carnes se despegaram
Dos ossos... e não gemeu!..
Nem as faces se mudaram
C'os tormentos que soffreu!..
Mais um trato se levasse,
Alli certo morreria,
Sem que um instante amostrasse
Que a dor sua alma vencia.
A Francisco de Lucena,
Martim Affonso tambem,
Applicam a mesma pena,
Quantos tormentos lá teem.
Martim Affonso não geme,
Chora porem por seu pay;
Pelo pay d'Iria treme...
Por Iria... solta um ai...
Porem o velho innocente
Á dor dos tratos cedeu...
Do amigo, e filho os sente...

Por isso desfalleceu.
Lá vam elles conduzidos
A's masmorras da prizão,
Os corpos todos moídos,
Mais moído o coração.

Bem hajas tu rey humano,
Sublime legislador,
Que esse codigo tyranno
Proscreveste com horror!..
Que essa ley com sangue escripta,
Riscaste com sabia mão,
Eternamente bemdita,
Te bemdiga esta nação!..
E no tumulo sagrado
Ouve os canticos d'amor
Do peito desinteressado
Do portuguez trovador.

A esse poder occulto
Que era o tyranno das leys,
O assassino, o insulto
Das dynastias, dos reys;
A esse poder que ha sido
A' Europa, ao mundo fatal,
Quando nelle ha consentido
Como já fez Portugal;
A essa ordem orgulhosa
*De Jesus a Companhia*
Toda essa trama horrorosa
Deste drama se devia.
Não consentira Lucena
Suas infames torpezas,
Por isso da injusta pena

Soffre todas as cruezas;
João Paschasio Cosmander,
Flamengo padre jesuita,
Elle não quiz attender,
Sabe as traiçoens que medita;
Estrangeiro sacerdote,
Pedia ser *coronel!*...
E padres taes desse lote
Merecem, sim, *o cordel!*..
Quer ser engenheiro-mór,
Das nossas praças fronteiras!..
Para assim nos ter melhor
Dentro das proprias barreiras!..
O Lucena desprezara
Orgulho tão mal cabido,
*Companhia* se vingara
Tramando a morte ao valido.
O padre Francisco Manso
Foi o vil accusador;
Qual Jesus não era manso,
Mas lobo devorador.

Lá caminha ao cadafalso,
Lucena, qual o cordeiro;
Como traidor, como falso,
Sendo fiel, verdadeiro!..
A seu lado vam rezando
*Dois padres da Companhia;*
Era o triunfo execrando
Que *ella* com arte encobria!..
Ei-la ahi está nesse acto
Transcripta a sua moral;
É fiel o seu retrato,
Tem semelhança infernal!..

*Esses padres* rezam... rezam...
Não divinas orações,
Que elles malditos desprezam,
Mas do inferno as maldiçoens.
E o povo estava apinhado,
A execução queria ver;
Julgando que era culpado,
Folgava de o ver morrer!...
Esse que ha pouco adulava
Como d'ElRey o valido,
Com insultos apupava
Entre os ferros conduzido!..

Na mão do algoz cruento
Um cutello viu mover;
Era esse o mesmo instrumento
Que de Madrid fez trazer!..
O mesmo que degolara
Dom Rodrigo Caldeirão,
Na mão do algoz brilhara
Ao fazer a execução!..
A cabeça destroncada,
De Lucena, ao chão cahiu;
E apoz de já decepada,
Os beiços inda boliu...
„ *Filhos meus! e patria minha!* „
Foi o seu ultimo pensar,
Cortadas fauces já tinha,
Não poude os sons formular!...

Alta noute, a horas mortas,
A prizão do Limoeiro,
Abre as ferrêas, duras portas
A Martim, por derradeiro.

Noite escura, e tempestoza
Onde irá elle abrigar-se?!..
Da catastrofe horrorosa
Temendo certificar-se!..
Vai caminho do Rocio,
N'um cadafalso tropeça...
Sobre um cadaver já frio,
Cahe, esvaida a cabeça...
E a cabeça decepada
Com boca fria o beijou....
E a fraze não acabada,
N'um frio beijo expressou!!!.

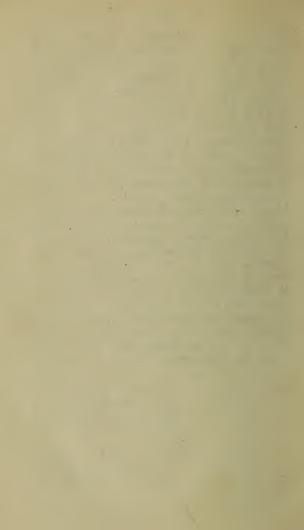
Sobre um quadro tão terrivel
Lança um véo, ó trovador!...
Não queiras que alma sensivel,
Estalle em fim com tanta dor.

A *Misericordia* veio
O cadaver procurar;
Alta noute, sem receio,
Para o *Carmo* o foi levar.
Martim Affonso acompanha
Essa tumba tão mesquinha;
Sua dor era tamanha,
Camanha o peito a ad'vinha...
Força invencivel o arrasta,
Atraz do esquife do pay...
Lucto d'alma o não afasta,
Delle atraz o triste vai!...

Já no *Carmo* o sahimento
O esquife depositou;
Soou lúgubre *memento*,

Que no templo retumbou!..
Desse esquife em derredor,
Dous vultos ajoelhados,
Quebram silencio d'horror
Com suspiros mal guardados.
Martim Affonso chorava,
E Dom José de Menezes,
Que a morte alli ajuntava,
Sendo communs seus revezes!..
Sobre a tumba se abraçaram,
Chorando rios de pranto;
E mudos co' a dor ficaram,
Porqu'ambos soffriam tanto!!.
Martim Affonso em delirio,
„ *Iria!!* „ dice... e calou...
Dom José, proprio martyrio,
Seu martyrio interpretou...
Ergue a mão, o céo lhe amostra;
Baixa a mão, mostra uma campa;
E Martim no chão se prostra...
E os labios na loiza estampa...
Ao depois as maons ajunta...
Reza... reza... com fervor...
Deus, no céo as almas junta,
Junta Iria ao trovador.

FIM.

## NOTAS.

Estava acabada de imprimir a segunda parte do Romanceiro, e era mingoado em tudo esse trabalho que havia feito. O meu estimavel amigo, que se havia encarregado dessa penosa tarefa, escreveu-me dizendo-me que era necessario um romance mais, que enchesse algumas folhas d'impressão; marcando-me oito dias uteis para o fazer!. Forçado pela necessidade de satisfazer seu justo dezejo, compuz o Martim Affonso de Lucena; sem ter ao menos tempo de corrigi-lo!.. Ahi vai tal qual o coração o inspirou.

O seu assumpto verdadeiramente historico foi extrahido do *Portugal Restaurado*, do Conde da Ericeira.

Quem quizer consultar essa preciosa chronica da restauração de nossa independencia de Castella, verá a minha exactidão em conservar as mais pequenas particularidades das scenas horriveis deste sanguinolento drama.

A *Companhia de Jesus* foi o nexo fatal dessa tragedia, e se não consignei no romance *o castigo do Altissimo*, foi para não dar ao leitor *essa consolação* em meio da

impressão d'horror que dezejei cauzar-lhe, lendo o tragico fim do virtuoso Francisco de Lucena.

Porem Deus é justo sempre, e puniu o padre Francisco Mansos, com o remorso eterno; o padre jezuita flamengo João Paschasio Cosmander, depois de haver sido Engenheiro mór do reyno, com a patente de coronel do exercito portuguez, foi morto por uma bala de um paisano nosso, que o castigou de haver trahido nossas bandeiras, militando no exercito castelhano contra ellas! ...

E a *Companhia de Jesus* foi proscripta de Portugal, por decreto d'ElRey Dom José.

O actual representante da illustre, e malfadada familia dos Lucenas, é o Illm.º Snr. José Martinho de Lucena e Noronha Cotta Falcão, de Coruxe no Alemtejo; meu particular amigo, collega, e companheiro d'infancia no collegio real de nobres, onde fomos educados.

Chaves 10 de Novembro de 1845.

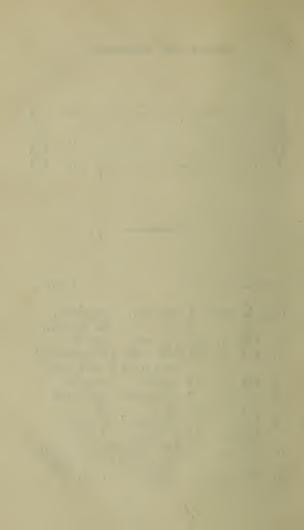
FIM DA 2.ª PARTE DO ROMANCEIRO.

## INDICE.

## LOGAR DAS ESTAMPAS.



---

| *ERRATAS.* | | | | *EMENDAS.* |
|---|---|---|---|---|
| Pag. | 58 | linha | 6 opprobio | opprobrio |
| „ | 87 | „ | 5 da F. | da Fonseca |
| „ | 102 | „ | 27 que sei | que si |
| „ | 155 | „ | 31 Não pois esta junta | Não póde pois esta junta |
| „ | 156 | „ | 13 aquella | áquella |
| „ | 172 | „ | 8 articulado | articulada |
| „ | 174 | „ | 31 Já | Ia |
| „ | 176 | „ | 16 D'arcosa | D'ascosa |
| „ | 179 | „ | 17 A custa | Á custa |
| „ | 181 | „ | 5 Da infeliz que geme | Da infeliz que alli geme |
| „ | 181 | „ | 11 reunir | remir |

# LISTA

# DOS SENHORES SUBSCRIPTORES

DA SEGUNDA PARTE DO

## ROMANCEIRO PORTUGUEZ.

| | |
|---|---|
| Por ordem de Sua Magestade a RAINHA | 6 |
| Por ordem de Sua Magestade ELREY | 6 |

### A

| | |
|---|---|
| Abel Augusto de Sousa | 1 |
| Acacio Alfredo de Seabra (Dr.) | 1 |
| Adriano Augusto da Silva Pereira | 1 |
| Albano José da Cruz e Sousa | 1 |
| José Rodrigues Coelho e Silva | 1 |
| Alberto Teixeira Pinto Basto | 1 |
| Albino Menezes | 1 |
| Raymundo de Sousa Pimentel (Dr.) | 1 |

Alexandre d'Abreu Castello-Branco 1
Corrêa de Lemos 1
André de Moraes Teixeira de Queiroz 2
Anna Adelaide Perfeito de Aragão (D.) 1
Emilia Slessor de Sousa Canavarro (D.) 1
Julia de Novaes da Costa e Sá (D.) 1
de Sousa Coutinho (D.) 1
Anonima 1
Anthero Albano da Silveira Pinto 1
Antonio Agostinho Nunes Lima 1
d'Albuquerque Amaral Cardozo 1
Alexandrino Pereira de Castro 1
d'Almeida Tovar 1
Alves Castello 1
Alves de Sá Carneiro 1
Alves da Silva 1
Augusto Teixeira de Vasconcellos 1
Bernardino de Menezes 1
Bernardo Pereira 1
Caetano Pavão 1
do Carvalhal Silveira Bettancourt 1
Casimiro Judice Samora 1
de Castilho Delgado Freire de Mendonça 1
de Castro Alcacer Junior 1
de Castro Sampaio 1
da Costa e Sousa Rebocho 1
da Costa Teixeira 1
Cunha (Fr.) 1
da Cunha Soutto Maior 1
Custodio de Barboza e Silva 1
Duarte da Fonseca Lobo 1

| | | |
|---|---|---|
| Antonio | do Espirito Santo | 1 |
| | Ferreira Macedo Pinto (Dr.) | 1 |
| | Ferreira Sarmento Callainho | 1 |
| | Ferreira Novaes | 1 |
| | Francisco de Lima | 1 |
| | Gonçalves Azevia | 15 |
| | Gonçalves Lages (Dr.) | 1 |
| | de Gouvêa Guedes | 1 |
| | de Gouvêa Ozorio | 1 |
| | Joaquim Barata | 1 |
| | Joaquim Gomes d'Abreu | 1 |
| | Joaquim Lopes | 1 |
| | Joaquim Rodrigues Pereira | 1 |
| | Joaquim da Silva Pinto | 1 |
| | Joaquim Tavares | 1 |
| | Jorge Marques Malta | 1 |
| | José de Barros e Sá (Dr.) | 1 |
| | José Dias (Dr.) | 1 |
| | José de Freitas Honorato | 1 |
| | José Peixoto de Lima | 1 |
| | José Pires Pereira Vera (Dr.) | 1 |
| | José Tavares | 1 |
| | José Vaz (P.e) | 1 |
| | Lobo Pereira Caldas de Barros | 1 |
| | Lourenço Gonçalves Lima & C.º | 1 |
| | Ludovino Guimarães | 1 |
| | Luiz Figueira | 1 |
| | Luiz Ribeiro da Silva | 1 |
| | M. Gomes | 1 |
| | Machado da Silveira Pinto | 1 |
| | Manoel Nogueira | 1 |
| | Manoel Ribeiro d'Andrade | 1 |
| | Maria da Purificação | 1 |
| | Maria Rapozo Alk | 1 |

| | | |
|---|---|---|
| Antonio | Maria de Sequeira | 1 |
| | Maria da Veiga | 1 |
| | Marques Cardozo | 1 |
| | Maximo Branco de Mello | 1 |
| | de Mello Breyner | 1 |
| | Migueis da Fonseca (Dr.) | 1 |
| | Neutel Corrêa de Mesquita | 1 |
| | Nunes Leite | 1 |
| | Paulino de Sá (Dr.) | 1 |
| | Pedro Xavier | 1 |
| | Pereira Carneiro Canavarro Junior | 1 |
| | Pessoa d'Amorim | 1 |
| | Pinto de Lemos | 2 |
| | Pinto de Sant'anna | 1 |
| | Rodrigues Lucas | 1 |
| | Rodrigues Praça | 1 |
| | Rodrigues de Sampaio | 2 |
| | de Sá e Mello | 1 |
| | de Sampaio Costa | 1 |
| | Sebastião da Silva Lima | 1 |
| | da Silva Cabrita | 1 |
| | da Silva Sanz | 1 |
| | Soares Mascarenhas | 1 |
| | de Sousa Figueiredo | 1 |
| | Teixeira de Carvalho Sampaio | 1 |
| | Teixeira de Queiroz | 2 |
| | Victor de Carvalho (Dr.) | 1 |
| | Vieira Borges (P.e) | 1 |
| | Xavier Rodrigues Cordeiro | 1 |
| | Xavier Teixeira Homem de Brederode Cunha | 1 |
| Augusto | Cezar Saraiva | 1 |
| | Freire de Macedo | 1 |

Augusto José Gonçalves Lima 1
Ayres Pinto de Sousa de Mendonça 1

## B

Balthazar Werneck Ribeiro d'Aguilar e Vasconcellos
Barão de Castro Daire 1
de Prime 1
Baroneza de Almeidinha 1
de Arco-Só 1
de Santa Barbara da Ilha Terceira 1
Belchior José Garcez 1
Bento Antonio Forte Gato 1
Antonio d'Oliveira Cardozo 1
Bernardino de Sena Macedo Pinto 1
Bernardo d'Albuquerque Gusmão 1
d'Almeida de Lemos 1
Bispo do Algarve, D. Antonio 4
Eleito d'Aveiro 1
B. S. da Conceição 1

## C

Caetano Francisco de Sousa 1
José Gomes 1
Candido A. Pimentel 1
d'Agorrêta Pereira de Miranda 1
Luciano Ribeiro 1

Candido Xavier de Carvalho 1
Carlos Borromeu Pereira da Silva 1
Joaquim Teixeira 1
da Silva de Seguier 1
Casimiro Barreto Ferraz 1
Clemente José d'Oliveira Leal 1
Club Lisbonense 1
Conde do Lavradio 1
de Linhares 2
de Mello 2
de Rezende 1
da Taipa 1
Condessa de Sub-serra 1
de Terena 1
Constantino de Castro 1
Cypriano de Sousa Canavarro 1

## D

Diogo Francisco da Silva Freitas Menezes e Vasconcellos 1
Domingos Augusto da Silva Freitas 1
da Costa e Santos 1
Gomes Paulo 1
Gonçalves Lopes 1
José Affonso d'Espregueira 1
José da Veiga 1
Luiz Gonçalves 1

## E

Effigenia Candida Soares Braga (D.) 1
Emigdio Areyas 1
Augusto da Costa Cabral 1

E. A. Köpke 1
Eusebio Rodrigues Manique 1

## F

Flora Amalia de Sampaio e Mello (D.) 1
Felix d'Andrade Roby 1
    Bernardino da Costa Lobo 1
Fernando Affonso Teixeira de Carvalho 1
    Luiz Mouzinho d'Albuquerque 1
    José da Costa 1
    de Sousa Botelho (Dr.) 1
Fiel Pereira d'Almeida (Dr.) 2
Filippe de Sousa Corrêa de Moraes 1
Fortunato Cardozo de Menezes 1
Francisco Antonio Alves de Carvalho e Silva (Dez.or) 1
    Antonio de Barros 1
    Antonio Borges 1
    Antonio Estanislau 1
    Antonio Nunes de Vasconcellos 1
    d'Assis Ledesma e Castro 1
    de Barros Coelho Campos d'Almeida 1
    Botelho de Lemos 1
    Casimiro de Moraes Carvalho Machado (Dr.) 1
    da Costa Sampaio e Castro 1
    Ferreira Corrêa Moura 1
    Ferreira de Napoles 1
    Infante de Lacerda 1

| | | |
|---|---|---|
| Francisco | Ignacio do Cid Mello e Castro | 1 |
| | Ignacio de Sousa Albuquerque | 1 |
| | Jeronymo da Silva (Dr.) | 1 |
| | Joaquim d'Amorim Barretto | 1 |
| | Joaquim de Castilho | 1 |
| | José d'Azevedo e Lemos | 1 |
| | José da Costa | 1 |
| | José da Costa Guimarães | 1 |
| | José Coutinho | 1 |
| | José Marinho | 1 |
| | José de Moraes | 1 |
| | José Pacheco | 1 |
| | José Vanini de Castro | 2 |
| | Lopes d'Azevedo Velho | 2 |
| | Maria de Sousa | 1 |
| | Nicolau | 1 |
| | de Paula d'Albuquerque | 1 |
| | de Paula d'Araujo Braga | 1 |
| | de Paula Cordovil | 5 |
| | Pedro da Veiga | 1 |
| | Pereira Palha | 1 |
| | Pinto Saraiva (P.e) | 1 |
| | Ribeiro Pinto de Moraes | 1 |
| | da Silveira Pinto da Fonseca | 5 |
| | de Sousa Alves Guimarães | 1 |
| | da Veiga | 1 |
| | Xavier de Moraes Pinto | 2 |
| F. N. da Silva Heitor | | 1 |

## G

| | |
|---|---|
| Gabriel Lopes (P.e) | 1 |

Gaspar Leite d'Azevedo 1
Pinto de Magalhães Pizarro 1
Teixeira de Queiroz 2
Genezio José d'Araujo 1
Gregorio José de Carvalho 1
Gumerzindo Miranda Castello 1
G. M. Corrêa 1
G. J. Teixeira 1

## H

Henrique Carlos de Miranda 1
José Ferreira de Lima 1
Lawson 1
Henriqueta d'Araujo (D.) 2
Emilia de Sousa Pizarro (D.) 2
d'Oyenhaussen (D.) 1
Hermenegildo Gomes de Palma 1
d'Ordaz Sarmento e Vasconcellos 1

## I

I. A. da Silva Rocha 1
I. J. C. 1
Izabel Julia de Calheiros e Menezes (D.) 1
Maria Canavarro (D.) 1
Izidoro de Barros 1

## J

Jacyntho Augusto d'Araujo 1
Avelino 1
José de Sá Lima 1

Januario Peres Furtado Galvão (D.) 1
Jeronymo Joaquim Bartholino d'Araujo 1
Joanna Ermelinda Moreira da Costa (D.) 1
João d'Albuquerque de Mello Pereira Caceres 24
d'Almeida Pessanha 1
Antonio de Brito e Sá 1
Antonio Coelho 1
Antonio de Sousa Doria (D.) 1
Antonio de Sousa Guimarães 1
Baptista Faria da Fonseca. 1
Baptista Leitão d'Almeida Garrett 1
Baptista da Silva 1
Baptista de Souza Liberto (Dr.) 2
Casimiro Carneiro 1
Carlos d'Almeida e Carvalho 1
Carlos Fêo 1
Carlos Massa 1
Carlos Osorio de Sousa 1
Clemente Mendes 2
Coelho de Castro Villas-Boas 1
Coutinho de Lencastre (D.) 1
Eduardo de Brito Cunha 1
Eduardo dos Santos 1
de Faria Machado Pinto Roby 1
Felix Pinto Figueiredo 1
Ferreira da Cunha 1
Ferreira Neto 1
Ferreira da Silva Oliveira 1
Ferro de Lima 1
da Fonseca Corsino 2
de Freitas Costa Brandão 1
Geraldes de Macedo 1
Gaudencio Mendes Ferreira 1

João Loureiro Affonso 1
José Feio Pimentel 1
José de Lima e Costa 2
José Pacheco 2
José de Sousa 1
José Teixeira Seixas Braga 1
Machado d'Azevedo e Mello 1
Machado de Mello e Castro 1
Machado Pinheiro 1
Manoel Castello-Branco 1
Manoel da Guerra 1
Marcelino Carneiro 1
Maria Lopes de Carvalho 1
de Mello e Freitas 1
Mendes Álçada 1
das Neves Gomes Elizeu 1
Norberto Pereira Alvares Guerra 1
Paes do Amaral e Costa 1
Pinto 1
Rebello Guimarães 1
Roberto Vieira Pinto 1
da Silva Bravo 2
da Silveira de Lacerda Teixeira 4
Thomaz Toribio de Sousa 1
Vicente Teixeira de Macedo 1
Joaquim Alvares Falcão 1
Alves de Sousa 1
Antonio Abreu Castello Branco 1
Antonio Fonseca Conde 1
Antonio Pereira 1
Augusto Köpke 1
Barbas da Torre 1
Cardozo d'Araujo 1
Cardozo de Carvalho e Gama 1

| | |
|---|---|
| Joaquim Claudio de Gouvêa | 1 |
| Corrêa de Menezes | 1 |
| Eduardo Salgado | 1 |
| Gomes Vieira G. | 1 |
| Homem Moraes Rozado | 1 |
| José Cerveira | 1 |
| José Ferreira | 1 |
| José de Seabra | 1 |
| Luiz Ribeiro da Silva | 1 |
| Maria Ferreira | 1 |
| Pedro Judice Samora (Dr.) | 1 |
| Pereira Dias | 1 |
| Pinto | 1 |
| Pinto Leite | 1 |
| Procopio da Silva Paes | 1 |
| da Rocha Pinto | 1 |
| Rebello da Serra C. | 1 |
| Rodrigues da Cruz | 1 |
| Vellozo da Cruz (Dr.) | 1 |
| Vieira Ribeiro | 1 |
| J. W. C. Brandão. | 1 |
| Jorge Higgs | 1 |
| José Albino de Santa Rita | 1 |
| d'Almeida Martins | 1 |
| d'Almeida Moraes Pessanha | 1 |
| Alves Pinto d'Azevedo | 1 |
| do Amaral Branco Bernarde | 1 |
| d'Andrade Gramaxo | 1 |
| Antonio d'Athaide Buys da Silveira | 1 |
| Antonio Dias Basto | 2 |
| Antonio Fernandes Braga | 1 |
| Antonio Ramos | 2 |
| Antonio dos Santos Xavier | 1 |
| Antonio de Sousa Gonçalves | 1 |

José Antonio Teixeira Coelho 1
Antonio Videira (Dr.) 1
Aragão de Lira 1
Athanasio Mendes 1
Augusto Braamcamp 1
Augusto Cardozo Amaral 1
Augusto Nogueira Sampaio (Dr.) 1
Augusto da Silveira Pinto 1
Avelino da Silva Veiga 1
Barboza Leão 1
Benedicto Pessanha 1
Bento da Costa Real 1
Bento Pestana da Silva (Dr.) 1
de Bettancourt e Athaide 1
Coutinho de Lencastre (D.) 1
Duarte d'Oliveira 1
da Encarnação Coelho 1
Filippe Jacome de Sousa Pereira 1
Ferreira Mourão Figueira (P.^e^) 1
Firmino Ventura 1
Fortunato Ferreira de Castro (Dr.) 1
Francisco Ferreira e Silva 1
Francisco da Silva Liote 1
Francisco Thaumaturgo de Carvalho Pimentel 1
Fructuozo Ayres de Gouvêa Ozorio 1
Guilherme Navarro de Paiva 1
Joaquim Esteves Mosqueira 1
Joaquim Ferreira Caldas 1
Joaquim Manso Preto 2
Joaquim Pereira de Sousa (P.^e^) 1
Joaquim da Rocha 1
Joaquim da Silva Pereira 1
Joaquim Teixeira 1

José Jeronymo Villaça 1
Justino Cerveira Pinto Vasconcellos 1
Lopes de Calheiros Menezes 2
Luiz de Brito 2
Luiz de Caldas 1
Luiz da Silva Freitas 1
de Magalhães de Menezes Villas Boas 1
Manoel de Mena 1
Maria d'Abreu Teixeira de Queiroz (Dr.) 1
Maria Borges 1
Maria Brandão 1
Maria de Buitrago 1
Maria Cardozo 2
Maria do Cazal Ribeiro 1
Maria Delorme Colaço 1
Maria Felix e Couto (Dr.) 1
Maria Forte Gato 2
Maria Jacob Coelho d'Almeida 1
Maria de Lemos d'Almeida Valente 1
Maria de Lis Teixeira 1
Maria Machado 1
Maria de Magalhães 1
Maria de Mattos 1
Maria de Moura 1
Maria d'Oliveira Peixoto 1
Maria Pinto d'Almeida Carvalhaes (Dr.) 2
Maria Placido 1
Maria da Silva Campos e Mello 1
Maria de Sousa 1
Maria de Sousa e Oliveira (Dr.) 1
Marques d'Oliveira 1
Martins Cancio Leitão (Dr.) 1

José Martins Taveira 1
de Mello da Silva Lobo 1
Mendes da Graça 1
Mendes Veiga de Carvalho 1
Miguel de Carvalho 1
de Moraes Faria e Carvalho (Dr.) 1
de Moraes Pinto 1
das Neves Gomes Eliseu 1
das Neves Gomes Eliseu Junior 1
Pereira do Amaral e Sousa 1
Pereira da Fonseca 1
Pereira de Mattos 1
Pereira de Moraes 1
Pereira Reis 1
Pinto Soares 1
Possidonio de Novaes 1
Rebello Guimarães 5
Rodrigues de Sousa Guimarães 1
dos Santos Dias (Dr.) 1
Sebastião de Menezes 1
de Seixas do Valle 1
Seronho da Costa 1
da Silva Passos 1
Silveiro Rodrigues 1
Soares d'Albergaria 1
Teixeira de Queiroz 2
do Valle Campos Barreto 1
Vaz Ferreira do Souto 1
Julião Antonio de Sampaio e Mello 1
J. M. de Avellar Telles 1

## L

Lazaro Luiz de Miranda Rapozo 1

Lourenço Leite de Castro 1
Luiz Antonio da Fonseca e Silva 1
d'Athaide Pimentel Teixeira Castello Branco 1
Baptista Wolfio 1
Bento Garção 1
de Bessa Corrêa 2
Bravo d'Abreu e Lima 1
Carlos d'Oliveira Pimentel 3
Cypriano Coelho de Magalhães 1
Duarte Rebello da Camera 1
Lopes de Calheiros Menezes 1
Maria Cardozo 1
de Mello Breyner 1
Teixeira Homem de Brederode 1

## M

Macario de Castro 1
Manoel Alexandre de Campos 1
Manoel Alvares Falcão 1
M. A. Vianna Pedra 1
Manoel Antonio Pinto d'Andrade Junior 1
Bento da Rocha Peixoto 1
Cardozo dos Santos 1
Carlos da Costa Corrêa 1
Carneiro Pinto 1
de Castro Pereira de Mesquita 1
da Costa Oliveira 1
Dias da Silva 1
Emigdio de Sousa Pastor 1
Ferreira Quiques 1

Manoel Ferreira de Seabra (Dez.or) 1<br>
de Freitas do Amaral e Mello 1<br>
Guedes da Silva da Fonseca 1<br>
Joaquim da Costa e Silva 1<br>
Joaquim Fernandes Thomaz 2<br>
Joaquim Pereira da Silva 1<br>
José Duarte Guimarães 1<br>
José de Faria Barboza 1<br>
José Gomes 1<br>
José Martins Barboza 1<br>
José da Silva Leal 1<br>
José de Souza 1<br>
José Villela 1<br>
Luiz Corrêa de Barros 1<br>
Luiz Rodrigues 1<br>
Maria d'Albuquerque 1<br>
Maria Ferreira da Silva Beirão 1<br>
Maria da Silva Bruslas 1<br>
de Mello e Castro d'Abreu 1<br>
Paulino d'Oliveira 1<br>
Pereira Coutinho 1<br>
Pinto d'Almeida 1<br>
Rodrigues da Silva e Abreu 1<br>
de Sequeira Ferrão 1<br>
da Silva Passos 1<br>
de Sousa Alves Guimarães 1<br>
Thomaz de Sousa Azevedo 1<br>
Marcelino Augusto Leite 1<br>
Marianna Ermelinda Calheiros (D.) 1<br>
Maria da Conceição de Lima Feio (D.) 1<br>
das Dores de Sousa Coutinho (D.) 1<br>
Eduarda de Faria Canavarro (D.) 1<br>
Emilia de Faria Machado (D.) 1<br>
Henriquetta do Cazal Ribeiro (D.) 1

Maria Ignacia Corrêa de Castro Sepulveda (D.) 1
Joanna de Saldanha (D.) 1
José d'Oliveira (D.) 1
da Natividade Guedes (D.) 1
Rita de Moraes Sarmento (D.) 6
Xavier de Mello Corrêa (D.) 1
Marquez da Bemposta Subserra 2
Marqueza da Bemposta Subserra 2
Melchior Pereira Coutinho de Vilhena 1
Miguel Antonio Dias (Dr.) 2
Antonio Ponces de Carvalho 1
José Fernandes Braga 1
Ozorio Cabral 1

## N

Nicoláo Calheiros de Magalhães Barreto 1

## P

P. A. Reboxo 1
Paulo Candido Ferreira de Sousa e Castro 1
Rodrigues Barboza 1
Pedro Fernandes (D.) 1
Lobo Machado de Couros 1
Maria Peixoto Coelho de Sousa Padilha e Seixas 1
Nunes Leal 1
Prior de S. Sebastião de Guimarães 1

## Q

Quintino Teixeira de Carvalho 1

## R

Rodrigo Joaquim de Menezes 1
Nogueira Soares 1
da Silveira de Magalhães e Menezes 1

## S

Sancho Manoel de Vilhena Saldanha (D.) 1
Sebastiana Slessor de Sousa Canavarro (D.) 1
Sebastião d'Almeida e Brito (Dr.) 1
d'Andrade 1
Corrêa 1
José de Barros 1
José de Carvalho Moutinho (Dr.) 1
José de Moraes 1
José da Silva 1
Manoel de Sampaio 1
Maria da Nobrega 1
da Matta Moniz da Maia 1
Pinto de Magalhães Leal 1
Simão da Rocha e Aguiaã 1
Severino José Judice Samora 1

## T

Thereza Botelho (D.) 1
Thomaz d'Aquino e Sousa Junior 1
d'Araujo Pereira e Alvim 1
Cabral Soares d'Albergaria 1
Carlos Leopoldino Cardozo e Sá 1
Ignacio de Meirelles Guerra (Dr.) 1
de Magalhães Coutinho 1

| | |
|---|---|
| Toribio José de Carvalho | 1 |

**U**

| | |
|---|---|
| Urbano Antonio da Fonseca | 1 |

**V**

| | |
|---|---|
| Vicente Ferreira de Macedo Pinto | 1 |
| José de Carvalho | 1 |
| José Portella | 2 |
| Machado de Mello Pinheiro | 1 |
| Victorino de Barros Carvalho | 1 |
| Joaquim da Fonseca | 1 |
| Visconde d'Alcobaça | 1 |
| d'Azenha | 1 |
| do Banho | 1 |
| de Beire | 1 |
| d'Ervedoza | 1 |
| de Mollelos | 1 |
| de Sá da Bandeira | 2 |
| de Varzea | 5 |
| de Vinhaes | 4 |

## SUPPLEMENTO.

| | |
|---|---|
| João Valente de Rezende | 1 |
| Joaquim Diogo Vasques Monteiro | 1 |
| Domingos José Ferreira | 1 |
| Francisco Manoel Pereira de Barboza | 1 |
| Francisco da Costa Guilherme | 1 |